

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIOS E PROCESSOS AUDIOVISUAIS

Dissertação de mestrado

Vloggers: o acontecimento comunicacional e o cotidiano na rede social
YouTube

Paula Pires da Silva

São Paulo
Agosto de 2019

Paula Pires da Silva

Vloggers: o acontecimento comunicacional e o cotidiano na rede social YouTube

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo -ECA/USP- como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho

São Paulo
Agosto de 2019

Paula Pires da Silva

Vloggers: o acontecimento comunicacional e o cotidiano na rede social YouTube

Banca examinadora:

*Para Antônia Martins de Sousa, minha avó querida,
cujos problemas de visão não impediram seu olhar sensível sobre as coisas do mundo
- in memoriam -*

Agradecimentos

Esta pesquisa, é preciso que se diga, foi pensada muito antes de ser iniciada. Talvez seja assim mesmo que as coisas aconteçam, não só na academia. Pelo menos, algumas coisas. No entanto, embora pensada, jamais imaginei que esta pesquisa teria os tons e as cores dados por inúmeras contribuições ao longo de quase dois anos e meio de seu desenvolvimento. O que revela, em certa medida, que somos pouco autorais. Mesmo assinando um trabalho, o trabalho foi fruto de muitas interferências, influências, “invasões”. E nessa mescla de sugestões, citações, ideias e decisões, o trabalho que se pensava único, torna-se múltiplo. É nessa multiplicidade que nos tornamos, não únicos, mas diversos. Diversos e reconhecíveis por esse caminho próprio. Agradeço, portanto, ao professor e amigo Gustavo Said que, em momentos sombrios de dúvidas, me apontava para direções ensolaradas durante as reuniões de iniciação científica em sua pequena sala no departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Sou profundamente grata à confiança dada pelo professor Ciro Marcondes Filho, cuja capacidade de compreensão e afeto desmitifica a primeira impressão do teórico misterioso, reservado e inacessível. Nada disso seria possível sem a generosidade intelectual do professor que está acima dos títulos. Não poderia deixar de mencionar aqui minha gratidão especial à professora Lucrécia Ferrara, que se mostrou receptiva e interessada em minha pesquisa desde o início, quando fui sua aluna-ouvinte na PUC/SP, não medindo esforços para me aconselhar e direcionar durante minha qualificação.

Essa jornada teria sido mais sofrida sem o apoio irrestrito de Marcelo Coelho, com quem divido sonhos, projetos, livros e causas. Obrigada pelo companheirismo, pelas sugestões inteligentes, pelo humor sempre necessário, pelo olhar crítico, afiado e oportuno, por confiar em mim e melhorar o que sou.

À minha mãe, dona Marlene, que desde 1992 me entende como uma cidadã do mundo e me permite sair de suas dependências sem necessidade de pedir desculpas. Ao meu pai, pelos anos de trabalho e esforços empenhados para possibilitar uma educação digna a mim e aos meus irmãos.

Às pessoas queridas que conheci nesses anos de FiloCom minha gratidão pelos momentos de conversas e risos.

Resumo

Esta dissertação se propõe a observar e descrever os diferentes modos de ser ou estar nas redes sociais, tendo como recorte sujeitos anônimos que se tornaram, de alguma forma, célebres no YouTube a partir da produção caseira e amadora de vídeos em formato vlog, *i.e.*, aqueles usuários da rede que exibem suas rotinas, criando e recriando suas atividades cotidianas ou mesmo expondo sentimentos, ideias, segredos a um público desconhecido.

Considero que cada produtor/ator audiovisual desse formato específico de vídeo no YouTube traz em seu modo de fazer uma particularidade de sua própria existência, com suas compreensões de mundo, seus lugares de fala e de silêncio, atuando muitas vezes em palcos solitários onde a consequência de cada ato é improvável e incerta no teatro da internet: ora aplaudidos, ora ignorados, ora curtidos, outras vezes “descurtidos”, muitas vezes criticados. Por outro lado, ser ignorado, “descurtido” ou criticado não tem um efeito necessariamente negativo nesse ambiente de disputas e aparições excessivas. Um efeito negativo pode contribuir para o “alcance midiático” de um usuário. Em todo caso, esses criadores de conteúdo na rede parecem estar cientes das diferentes reações de um público opaco e, ao se “igualarem” a esse público, descobrem que são parte dele. Em vez de mascarar qualquer falha, desvelam-se: escancaram suas vidas com o que há de banal e de instigante, elevando a produção audiovisual caseira na internet a um patamar de visualizações sem precedentes. Nos fazendo questionar: o que torna possível o gosto de milhões de usuários por produções amadoras, de baixa qualidade técnica, com sujeitos anônimos? Que particularidades estéticas esses sujeitos trazem para as atuais produções audiovisuais na rede? Existe comunicação nesse processo?

Essas formas, portanto, particulares de estar nas redes sociais configuram um outro modo de uso das tecnologias e, conseqüentemente, das imagens; seus efeitos implicam ainda no que costumamos chamar de fenômenos culturais da contemporaneidade. Assim, buscamos, nesta dissertação, mergulhar nestas novas práticas comunicativas de produção audiovisual na Internet para relatar, por meio do procedimento de pesquisa do *metáporo* – cujo valor metodológico está na não-prescrição de métodos, mas na liberdade do fazer científico, baseado nos caminhos traçados pelo objeto – a existência em movimento deste outro tipo de experiência real e visual. Para tanto, nos aproximamos da etnografia da imagem e da fenomenologia como práticas de pesquisa voltadas para a descrição sensível de objetos apreendidos pelo afeto.

Palavras-chave: práticas comunicativas, cotidiano, YouTube, *metáporo*.

Abstract

This master's thesis proposes to observe and to describe the different ways of being and to be [being and self-presentation] on the social networks on Internet, having as strict subject the unknown authors that became celebrities on YouTube, making amateur videos in a vlog format –which means that they show their routine, creating or recreating their everyday activities or exhibiting their feelings, emotion, ideas and secrets to a diverse and unknown audience.

I consider that each producer/author of this audiovisual format of video on YouTube brings a peculiar way of experiencing their life, with their own worldview, their ways of talking or being silent. They appear in a lonely stage, where the consequences of their acts are unlikely, uncertain, and unpredictable. In theatre of internet, they are sometimes acclaimed, others times ignored, disliked or criticized. It is worth saying that to be ignored, disliked or criticized could have a negative effect, but in this disputed place of exhibition and overvalued appearances, even a negative effect can contribute towards the “mediatic reach” of an user. For this, instead of hiding the problems they have, the users mentioned here use their failings to better reveal themselves to their spectators.

These particular forms of being on the social media establish a different way of making use of new technologies and, consequently, a change in the modes by which their images can be seen; their effects amount to constitute a peculiar cultural phenomenon in contemporaneity. These new communicative practices of audiovisual production on Internet are focused here according to the methodology of *metáporo* – by which the methodologic value resides in a *non-prescription* of preestablished methods; rather, it values the liberty of a research that is based in the ways delineated by the subject of the enquiry – i.e, a moving self-presentation of existence on this new type of real and visual experience. For this purpose, we also recur to the ethnography of image and to phenomenology as researching practices aimed for sensitive descriptions of a subject that must be apprehended by the affect.

Keys-words: communicative practices, everyday life, YouTube, *metáporo*.

Verdade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
Onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
Diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade

Não importa se uma ideia é verdadeira ou falsa, mas importante, interessante, bela.

Deleuze

Sumário

1. Introdução	16
2. YouTube – novos tempos, novos ídolos	21
3. Problematizando o conceito de usuário nas redes	36
4. O que comunica?	38
5. Paródia	57
6. Tá me filmando?	60
7. A minha infância	66
8. Peladas do Facebook e falsos príncipes da Internet	74
9. Escola pública loka das quebrada	82
10. Nordestino com orgulho	94
11. Expressão máxima do desconforto	103
12. Tá todo mundo mal	108
13. Não tira o batom vermelho	115
14. Branco demais para ser preto, preto demais para ser branco	125
15. Acomodações	135
16. Algumas considerações.....	142
17. Referências bibliográficas	147

Introdução

Não é novidade que, no século XXI, o potencial comunicativo dos tradicionais meios de comunicação tenha perdido seu vigor. Embora, continuemos ligados a eles: eventualmente lemos jornais impressos, eventualmente assistimos TV, eventualmente vamos ao cinema, telefonamos para alguém distante e enviamos correspondências pelos correios. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, não foi e não será fácil substituir os antigos suportes de conexão entre as pessoas pelas novas tecnologias surgidas até agora. No entanto, há algo novo no ar. Antes de ler os jornais impressos, damos uma conferida nos websites; estamos informados a qualquer tempo. Sabemos dos principais eventos do país e do mundo; tudo que se passa é passado e repassado, recebemos mensagens instantâneas, participamos ativamente ou passivamente de redes sociais interativas. Embora sejamos refratários a elas, elas de alguma forma chegam até nós. A imagem que se tinha no século passado de pessoas à frente de uma TV sendo “hipnotizadas” por um espetáculo televisionado ou por programas de entretenimento já está ultrapassada. No momento atual, somos representados pela imagem de dezenas de pessoas desatentas, olhando fixamente para baixo, entretidos com aparelhos de microcomputadores luminosos, caminhando sem direção, feitos de “zumbis” pelo uso constante dos dispositivos digitais: viciados em redes sociais e, paradoxalmente, antissociais. Pode ser que não saibamos mais dos nomes dos novos atores das novelas, mas, não raro um(a) novo(a) youtuber desponta com seu canal na plataforma de mídia e, instantaneamente, somos tentados a conhecê-lo (a): saber de onde vem, por que faz sucesso na Internet e descobrimos que o(a) mesmo(a) já está consagrado: uma celebridade do momento.

Essa realidade pode parecer óbvia para muita gente, mas ela se apresenta para uma parcela da população brasileira ainda restrita¹, se considerarmos o número de usuários da Internet no Brasil. Não quer dizer, em todo caso, que seja a realidade das pessoas que possuem acesso à rede de computadores e fazem uso dela. Certamente haverá pessoas, não poucas, que nunca ouviram falar, muito menos conhecem personalidades como Whindersson Nunes ou JoutJout (Júlia Faria). A importância não está em conhecê-los,

¹ Estudos da The Economist Intelligence Unit, de março de 2017, relevaram que o Brasil está entre os dez países com maior número de pessoas desconectadas, cerca de 70 milhões de pessoas. Pouco mais de um terço da população, se consideramos que possuímos 200 milhões de habitantes (censo demográfico de 2010 (IBGE) registrou que o Brasil possuía 190 milhões de pessoas).

em todo caso, mas refletir sobre o momento e o processo em que essas personalidades estão inseridas, isto é, a realidade contemporânea apresentada nas redes sociais de maior alcance como o YouTube².

Esses atores midiáticos são atuantes em seus respectivos canais no YouTube, produzindo vídeos em formato *vlog*, ou seja, com uma câmera, filmam a si mesmos relatando casos e histórias pessoais. Em tom de comédia ou tragédia, representam a si mesmos, explorando assuntos que, de algum modo, interessam a muitos. Alguns dos temas explorados são, em sua maioria, sobre suas próprias vidas ou sobre o que sentem: lembranças da infância, angústias da vida adulta, sensações em viagens, opiniões sobre algum assunto em voga na mídia, vitórias, fracassos etc. Outras vezes, esses usuários preferem apenas filmar suas rotinas, mostrando em diversas tomadas o que fazem durante o dia. Apesar de estarem aparentemente realizando tarefas pouco úteis, do ponto de vista econômico – exibindo suas intimidades nas redes – são esses criadores de conteúdo que tornaram a plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube uma rede social complexa, onde, ao mesmo tempo, um sujeito pode ser usuário, criador de conteúdo audiovisual, produtor de vídeos, fã e ídolo; ao passo que seguem e consomem vídeos de outros vloggers ou youtubers e são consumidos em maior ou menor proporção. No Brasil e fora dele, algumas personalidades conquistam milhares/milhões de fãs e seguidores, ultrapassando cifras da audiência na TV ou no cinema, tornando-se, assim, quase que instantaneamente celebridades midiáticas. Estamos lidando com um processo comunicativo, portanto, recente, que surpreende pela facilidade e rapidez de conexão, imprevisibilidade, nível de participação, novas configurações do espaço e do tempo, outros modos de criação e produção de conteúdo; o que implica, ainda, outros sentidos de percepção.

Baseando-se previamente nesses aspectos, optou-se, aqui, pesquisar este novo fenômeno que se apresenta nas redes sociais da Internet (novo, não no sentido de “recente”, mas no sentido de ser uma outra forma de fazer, de gerar fascínio em outros usuários e, conseqüentemente, de reproduzir um modelo oriundo da plataforma que, no entanto, não se restringe a ela), tentando observá-lo a partir do seu lugar, sem julgar previamente qualquer direção a ser tomada pelos próprios objetos de observação, posto

² O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, apresentando-se também como uma rede social. Possui mais de um bilhão de usuários, gerando bilhões de visualização. Com quase um terço dos usuários da Internet, o YouTube, hoje, atinge mais adultos, de 18 a 49 anos, do que qualquer canal a cabo dos EUA. Dados disponíveis em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>.

que intentamos nos colocar próximos ao atual dinamismo social provocado pelas produções e usos das tecnologias de comunicação e informação.

Para isso, contudo, buscamos nos valer das contribuições da Nova Teoria da Comunicação (NTC) – desenvolvida e ampliada por um grupo de pesquisadores do Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (FiloCom) da Escola de Comunicações e Artes, desta universidade (USP) e – no que tange ao conceito de comunicação e ao procedimento de pesquisa a ser utilizado no decorrer deste trabalho.

Movida pela observação e pela subjetividade, a pesquisa segue por uma linha epistemológica que ofereça ao objeto um caminho livre para que ele seja observado em sua ocorrência. Assim, conectando-se ao princípio norteador das pesquisas fundamentadas pela Nova Teoria da Comunicação, buscamos vivenciar o acontecimento do fenômeno, participando dele, não direcionando-o ao nosso objetivo, mas, ao contrário, deixando-o seguir sua própria dinâmica para que, nesse processo, sejamos capazes de captar o que nele nos comunica ou nos afeta.

Em sua ocorrência, a dinâmica fluida e imprevisível de uma rede social gera cada vez mais dúvidas e espantos por sua natureza interativa e amadora: são os próprios participantes que geram conteúdo e incrementam seu potencial midiático. Tornam-se assim produtos e produtores. Produtos porque as redes, em última análise, são produzidas para cativar um público e esse público de fato é cativo. Mas é também esse público que produz, que julga, que a torna ainda mais valiosa, criando e recriando novos formatos de conteúdos e variação de usos para a rede social na Internet: com criação de memes, vlogs, vídeos, textos, filmes, músicas, aulas, aplicativos, games etc.

Levy (1999) menciona que a realidade virtual dos meios de comunicação contemporâneos não significa o caráter simulatório de uma interface que imita a realidade *in loco* que vivenciamos, mas uma condição natural daquilo que sentimos ao lidar com objetos intangíveis. Desse modo,

o conceito de reserva digital de virtualidades sensoriais e informacionais só se atualiza na interação com os seres humanos. De acordo com os dispositivos, essa atualização é mais ou menos inventiva, imprevisível, e deixa uma parte variável para as iniciativas daqueles que nela mergulham. (LEVY, Pierre, 1999, p. 147)

A virtualidade do processo comunicativo realizado nesses meios, de fato, não é fator de distanciamento ou frieza na interação de seus participantes. No YouTube, os usuários se valem das imagens deles mesmos, de suas idiosincrasias, singularidades; e de um ambiente pessoal e íntimo para falarem sobre algo a os espectadores. Às vezes,

contudo, não há sequer assunto: apenas imagens, expressões faciais e corporais, e elas também dizem muito.

Mas o que há de tão fascinante nessas imagens, nesses diálogos que quase instantaneamente se replicam e provocam a participação de milhares de usuários nas redes? Por que o cotidiano é tão interessante nas redes sociais se, na prática, lidamos com ele indiferentemente? Quem são esses usuários que até há pouco tempo eram anônimos e, hoje, são considerados celebridades midiáticas? Qual é a produção de sentido de uma produção audiovisual amadora, sem roteiro, que gera reações de milhões de pessoas? Existe, de fato, comunicação nesse processo? Todas essas questões são impulsionadoras de uma pesquisa que se inicia com o desafio de imergir em um oceano de práticas que se alteram a cada instante. Lidar com a contemporaneidade requer, portanto, uma observação acurada das práticas de pesquisa, dos métodos e teorias que possibilitem lidar com objetos em movimento, pois estamos também inseridos nesse momento e nesse movimento.

Nosso objetivo é o de descrever, através da observação experiencial, o consumo dos vídeos desses usuários e produtores de conteúdo “original”, o processo comunicativo desse fenômeno midiático no YouTube, observando os efeitos trazidos ao seu público e as produções de sentidos envolvidas nessas produções audiovisuais. Intentamos, ainda, ao longo da pesquisa, problematizar o conceito de comunicação e ampliar as pesquisas sobre a cultura das mídias e as subjetividades implicadas na relação entre os seus usuários, trazendo, portanto, um outro olhar sobre as relações sociais e culturais na contemporaneidade, a partir dos vlogs na rede social YouTube.

Do ponto de vista da Nova Teoria da Comunicação e de seu procedimento de pesquisa *metapórico*, buscamos pensar o sentido de comunicação nas entrelinhas das coisas, isto é, na sensação que persiste no espectador ou nos participantes de uma relação, ou mesmo de uma pessoa ao experienciar algo; sensação esta que provoca ou cria uma mudança de percepção sobre as coisas. Lidamos, aqui, com dois processos concomitantes: o espetáculo em si, isto é, as produções audiovisuais, cuja intenção espetacular, assim como de qualquer outra arte, é o de provocar uma reação; e o que fica para o espectador após esse contato.

Na Grécia Antiga, os espetáculos teatrais traziam narrativas que provocavam o fascínio pela representação das imagens e dos fatos. Para Aristóteles (2011), era poeta aquele que conseguisse suscitar genuinamente emoções reais àquilo que estava sendo criado por meio da imitação, seja a peça uma comédia ou uma tragédia. Por suscitar

diferentes emoções, um bom espetáculo pode nos tocar de muitas formas, a arte é uma produção cultural de efeitos diretos. Somos sensíveis ao *poiein*³.

O que está na criação poética está também, de certo modo, na comunicação: a suscitação de um espanto, de um fascínio que move o conhecimento, que produz um outro olhar para o mesmo, novas sensações, experiências. A comunicação que nos interessa em nossos estudos está próxima dessa experiência estética que nos afeta.

³ Criação poética (ARISTÓTELES, 2011, p. 40).

2. YouTube – novos tempos, novos ídolos

Com mais de uma década de existência⁴, o YouTube tornou-se uma das redes sociais mais duradouras da Internet, passando de um simples site de postagem e compartilhamento de vídeos para uma plataforma de produção de conteúdos originais na internet. Esses conteúdos originais são caracterizados, hoje, pelo fato de serem de autoria exclusiva do próprio usuário, que se compromete – ao postar um vídeo na plataforma – em publicar apenas material de cunho ou participação pessoal, não incluindo nada que possa prejudicar ou desacreditar outras pessoas, seja em nível de autoria do conteúdo ou em relação à imagem.

A participação ativa dos usuários na plataforma – com produção e compartilhamento de vídeos caseiros – foi tão intensa que os produtores de entretenimento na TV viram-se ameaçados pelo novo instrumento à disposição de sua audiência, que, agora, poderia ser também produtora de seus próprios conteúdos na rede social on-line (BURGESS; GREEN, 2009). Desse modo, o YouTube ganhou visibilidade na imprensa e no meio acadêmico, tornando-se tema de livros e estudos de diversas abordagens. Pesquisadores de mídia se interessavam em entender a lógica do consumo, o caráter econômico e psicossocial produzidos pela intensa participação dos usuários, com diversas possibilidades de conteúdos e formatos. Mais do que pesquisar uma rede social, abria-se um campo de estudo de caráter sociológico, antropológico, estético, semiótico e comunicacional, onde podia-se conhecer de perto os usuários, seus interesses, suas ideologias, seus modos de vida, suas peculiaridades e a criatividade por trás de cada vídeo produzido e compartilhado na rede.

Amanda Lotz⁵ detalha o aparecimento dos vídeos caseiros produzidos no YouTube e a rápida inserção deles no cenário americano:

No final de 2006, ainda não se sabia se o fluxo de vídeos amadores era meramente uma tendência passageira ou se provavelmente revolucionaria a televisão... Como grande parte do novo espaço tecnológico, o vídeo amador existente estava, em grande parte, confinado aos esforços dos estudantes do ensino médio e universitário. Mas, à medida que o debate cultural sobre o YouTube crescia, políticos e corporações rapidamente começaram a adicionar seus vídeos. (LOTZ apud BURGESS; GREEN, 2009, p. 35, tradução nossa).

⁴ O YouTube foi fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim (BURGESS; GREEN, 2009)

⁵ Professora e pesquisadora do departamento de Comunicação da Universidade de Michigan (EUA).

Com a facilidade de acesso às ferramentas digitais, com a utilização e inclusão de recursos audiovisuais e de edição, a produção de vídeos feita de forma amadora pelos usuários da internet desponta, tornando a plataforma YouTube uma mídia *mainstream*⁶. A publicação no YouTube não só possibilitava a seus usuários que seus vídeos fossem vistos e compartilhados, como também permitia que a reprodução deles não estivesse condicionada a um tempo específico. Em qualquer tempo e em qualquer lugar esses vídeos poderiam ser acessados. O formato *on-demand*⁷ na internet era também um fator de inovação e acesso aos vídeos produzidos, diferentemente do que ocorria na TV, onde o espectador deveria se organizar para consumir determinado programa com risco de não assisti-lo, caso se atrasasse ou estivesse em outro lugar que não na frente da TV. Assistir à TV era um processo, em todo caso, coletivo. A audiência se reunia ao mesmo tempo. Com a internet, a produção e o formato do vídeo se diversificaram, tornando a audiência não só independente em relação aos seus interesses temáticos, como em relação aos horários de consumo desse conteúdo, que também deixava de ser oferecido unicamente pelos conglomerados de mídia para ser produzido, em boa parcela, pela própria audiência.

“A oposição estabelecida por Toffler entre o consumidor de massa passivo e o “prosumidor” criativo e independente subestima a função histórica do consumismo.” (LIPOVETSKY, 2005, p. 87). O fato de os novos consumidores de mídia estarem produzindo conteúdo não quer dizer que vivenciamos uma nova era do consumo. O consumo, como sugeriu Lipovetsky, sempre esteve associado à escolha e a personalização do indivíduo. Subir o degrau e ser produtor de seus programas, alcançando inevitavelmente a fama, não faz desses youtubers indivíduos revolucionários, mas incluem-nos numa mesma cadeia de reprodução consumista, em tempos de capitalismo moderno.

Os usuários-criadores que alcançaram o patamar da fama no ciberespaço ao expor, para outros usuários, seu próprio cotidiano, como alguns vloggers no YouTube, são imediatamente postos em destaque como uma celebridade do momento. O processo mercadológico não muda, apenas se intensifica.

(Ver imagens que seguem)

⁶ Significado aproximado: tendência do momento.

⁷ No formato *on-demand*, ou sob demanda, um vídeo distribuído na plataforma pode ser revisto quantas vezes seu espectador desejar ou mesmo ser reproduzido em qualquer parte. Não há limite para a sua reprodução, nem esgotamento.



Imagem 1

(Whindersson Nunes estampa a capa da revista Trip, de novembro de 2017. N. 270. Destaque: 24 milhões de seguidores! Você não conhece Whindersson Nunes? Um dos maiores youtubers do mundo, o humorista piauiense de 22 anos revela como cria, como vive e de que forma administra o sucesso gigante, a fama e a grana.)



Imagem 2

(A vlogger e YouTuber Júlia Faria, do canal JoutJout, é capa da revista Glamour de abril de 2017. N.61)

De algum modo, essas novas celebridades diferem daquelas surgidas a partir da Grande Mídia, por incluírem espontaneamente em seus espaços midiáticos discussões que surgem em seus próprios espaços sociais, levando ao conhecimento do público novas maneiras de ver determinada situação a partir de suas próprias experiências. Esse modo de exposição é potencialmente positivo para uma parcela da audiência (muitas vezes composta por adolescentes) por gerar reflexões críticas a respeito de um tema, às vezes ainda não debatido seriamente na mídia em geral. Outro aspecto de diferenciação dos “novos ídolos” é a aparência despojada, fora dos padrões correntes na grande mídia: não há musa ou galã. Whindersson aparece na capa da revista Trip (imagem 1) sem camisa, como geralmente se mostra nos vídeos em seu canal, ostentando uma barriga proeminente

e tatuagens nos braços. Júlia Faria (JoutJout) se apresenta na capa da revista feminina Glamour (Imagem 2) com pouca maquiagem, anéis empetecados, sem mostrar nada além dos cabelos crespos, dos olhos arregalados e posando quase com uma careta. Esses atores midiáticos fazem questão de aparecerem despreziosos, sem qualquer característica que denote riqueza, beleza supérflua ou superioridade, seja de classe, seja de comportamento. Nesse sentido, a própria linguagem é uma forma de desapropriação de um status pretensamente superior. Eles trazem em suas falas o linguajar coloquial e regionalista, mesmo bairrista, e discutem temas que rondam suas rotinas: às vezes banais, outras vezes polêmicos. Com naturalidade, reassumindo seus lugares de fala, a partir de suas vivências pessoais, esses usuários projetam conteúdos que se iniciam no YouTube mas que viralizam em outros sítios e redes sociais. A discussão dos temas varia conforme o interesse de cada um deles, podendo iniciar um amplo debate sobre um assunto que eles mesmos propuseram. Neste aspecto, podemos falar em “influenciadores digitais”, quando a partir de um usuário com maior engajamento social nas redes surgem debates em torno do tema levantado por ele.

Burgess e Green (2009) relatam a participação colaborativa na rede:

A comunidade também encontra seus próprios meios de negociar e moldar as normas sociais da rede. No vídeo colaborativo '*Being a Chick on YouTube*', dois YouTubers, sendo um do sexo masculino e outra do sexo feminino, discutiram as implicações dos comentários sexistas e muitas vezes abusivos que as proeminentes YouTubers mulheres têm de enfrentar. O vídeo demonstra um conhecimento sofisticado da questão - ao invés de moralizar sobre isso, os dois participantes do vídeo discutiram o possível impacto negativo da cultura do sexismo nas taxas de participação em conteúdos de vloggers do sexo feminino. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 96-97, tradução nossa).

As culturas participativa e colaborativa, provocadas pelo surgimento de plataformas como o YouTube, tornam essa rede social pertinente para os estudos sociais aplicados, o que implica não só o ponto de vista do envolvimento coletivo como mercadológico, pois o valor gerado pelo impacto dessa rede na vida das pessoas é também, rapidamente, transformado em valor de mercado. Em todo caso, discorreremos a respeito do impacto cultural e estético dos conteúdos gerados.

Burgess e Green preferem abordar esse aspecto da seguinte forma:

É mais útil entender o YouTube ocupando uma função institucional – operando como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e sua produção de significados; e como um mediador entre vários discursos e ideologias orientadas pela indústria e pelos usuários. Sem essa perspectiva centrada no público, sem um senso

de como as pessoas usam a mídia em seu cotidiano, qualquer discussão sobre o impacto cultural e social do YouTube estaria baseada em mal-entendidos. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 37, tradução nossa)

A empresa YouTube Inc. tenta, assim, utilizar o significado que a plataforma produz para a sua audiência, que reage a esse novo formato de produção e consumo de produtos audiovisuais de diferentes maneiras. Uma delas é participando do processo comunicativo da rede, implementando e ressignificando sua identidade no espaço virtual. Recentemente, uma das campanhas promovidas pelo YouTube no Brasil alterou o slogan, de “Transmita-se”⁸ para “Novos tempos, novos ídolos”. O termo “novo” é duplicado, enfatizando a descoberta provocada pelos recursos disponíveis na plataforma. É interessante observar, ainda, que a palavra “novo” traz outras compreensões sobre o modo como se refere à atualidade, a uma cultura ou a um tempo.

Lipovetsky (2005) aborda a questão:

O código do Novo é precisamente o instrumento adotado pela sociedade individualista para conjurar o sedentarismo, a repetição, a unidade, a fidelidade tanto aos Mestres quanto a si mesmo, e isso em vista de uma cultura livre, cinética e plural. A inovação modernista tem a particularidade de se aliar ao escândalo e à ruptura; surgem assim obras em contradição com a harmonia e os sentidos, em divórcio com a nossa experiência familiar do espaço e da linguagem. (LIPOVETSKY, 2005, p. 72)

Nesse sentido, podemos conjecturar que o apelo à modernidade institui o “novo” como forma de se livrar dos consensos e dos padrões que determinavam como as pessoas lidavam com a experiência do espaço e do tempo, ou seja, um elo lógico conduzido pela organização social, artística, cultural etc. Porém, em determinado momento, esse “novo” também se torna velho, incluindo nessa mesma lógica da novidade, a repetição e a mesmice difundida com a prática. É o que vimos acontecer com a saturação do conteúdo e do formato nas produções de entretenimento da TV, por exemplo.

A esterilidade do consumo no sistema espetacular televisivo é entendida por Certeau (2014) da seguinte forma:

O telespectador não escreve coisa alguma na tela da TV. Ele é afastado do produto, excluído da manifestação. Perde seus direitos de autor, para se tornar, ao que parece, um puro receptor, o espelho de um ator multiforme e narcísico. No limite, seria ele a imagem de aparelhos que não mais precisam dele para se produzir, a reprodução de uma máquina “celibatária”. (CERTEAU, 2014, p. 88)

⁸ Slogan original: Broadcast yourself.

Certeau toca, de outro modo, sobre a questão da participação. Sem a possibilidade de os consumidores interferirem ou criarem, o sentido dado aos produtos televisivos torna-se “vazio”, apenas dispostos a entreter, nada mais. Diante de um modelo de consumo insignificante ou, no mínimo, ultrapassado, os meios de comunicação entenderam muito mais tarde do que os movimentos artísticos o significado das incursões pós-modernas que já vinham se assimilando na arte. Susan Sontag (apud FEATHERSTONE, 1995, p. 64) já havia dito que o objeto da arte não deveria ser um texto, mas outro objeto sensorial no mundo.

Featherstone entende, assim, que desde a década de 60 havia uma espécie de nova sensibilidade trazida pelos movimentos artísticos caracterizados como “pós-modernos”, provocando outros sentidos que possibilitavam experiências mais próximas ao cotidiano e ao corpo.

Essa nova sensibilidade favoreceu a música, a dança, a pintura, a escultura e a arquitetura, em detrimento do romance. Essa ênfase na sensação, na qualidade imediata e primária do figurado em oposição ao discursivo, levou à caracterização da estética pós-moderna como uma estética do corpo (Lash e Urry, 1987). (FEATHERSTONE, 1995, p. 64).

A superação do que é “novo”, por outra prática mais nova de fazer é inevitável. Lidamos, como foi dito no tópico supracitado, com objetos em movimento, não podemos escapar a esse fato constitutivo da natureza vital dos fluxos que é próprio da vida. Porém, o “novo” deve ser entendido aqui como esse fator de mudança no processo criativo da prática comunicativa. Um desvio que surge na lógica dada. As menores facetas do dia a dia são onde essas novas práticas da sociedade contemporânea expressam os efeitos marcantes de uma representatividade cultural. Os vídeos caseiros e os vlogs no YouTube são essas marcas representativas da cultura participativa (em que os usuários não só consomem, também produzem e interagem) na atual conjuntura social do século XXI. Não significa, em todo caso, que esses apelos midiáticos definam a forma de conduta de toda uma geração. O recorte observado é apenas um aspecto de um comportamento estimulado pelo avanço tecnológico e midiático na Internet, que não deixa de ter um significado preponderante diante de uma perspectiva holística do momento atual.

Nesse ponto, Shirk (2010) observa:

Uma razão pela qual temos tanta dificuldade de pensar em mudanças culturais geradas pelos novos mecanismos de comunicação é que a visão egocêntrica é a maneira errada de abordá-las. A possibilidade de que alguém com uma câmera se depare com um evento de importância

global é simplesmente o número de testemunhas do evento multiplicado pelo percentual delas que têm uma câmera... (SHIRK, 2010, p. 28)

Qualquer evento pode ser filmado e compartilhado nas redes, nada foge do poder “onipresente” da reprodução imagética. Carregamos a mídia em nosso bolso. A imagem anima, torna qualquer passado imediatamente presente. O real é reproduzido, para qualquer fim, seja simulado ou não. Somos, muitas vezes, bombardeados pela trivialidade da rotina dos usuários nas redes sociais que, em detrimento do mundo exterior, preferem reproduzir a si mesmos ou fotografar a si mesmos em seu cotidiano. O real simulado, contudo, é facilmente identificado por outros usuários, tendo destaque, nessa perspectiva, aqueles usuários que descortinam sua vida tal qual ela é. O rosto substitui a paisagem, como se o universo particular desses usuários “substituísse” todo um roteiro ficcional elaborado em outras produções midiáticas. Observamos um interesse crescente de participantes da rede em assuntos semelhantes aos que eles mesmos vivem em suas rotinas. A lógica aqui parece ser: criar conteúdo de si e consumir conteúdo alheio em torno de si. Por mais prodigiosa que seja, a TV encontra dificuldades em mostrar esse cotidiano “profundo” vivido pelas pessoas. O sistema televisivo não conseguiria captar os pormenores de uma rotina privada de forma pública, a todo instante. Na TV, o dia a dia é mostrado com uma carga de dramaticidade que não enxergamos nas redes sociais. O jornalismo, por exemplo, se encarrega de construir uma abordagem – para um cotidiano que se queira explorar – que muitas vezes altera a realidade mostrada. Nas redes sociais, uma realidade é exibida não só por um ponto de vista, mas por milhares. A pluralidade de olhares que dirige cada câmera é a pluralidade de “vozes” da audiência, antes relegada à recepção estéril.

A cultura da participação nas redes sociais permite que alcancemos essa audiência. A criatividade que surge a partir daí nos desafia a uma pesquisa que permite a esse sujeito midiático sair da garrafa; que se exterioriza e se mostra. Concordamos, pois, com Husserl, “externalizar é dizer ‘eu’” (HUSSERL apud MARSCIANI, 2014, p. 14).

Os vlogs⁹, por sua vez, despontaram no YouTube, sendo compartilhados¹⁰ também em outras redes sociais; criando uma outra estética de produção audiovisual. Se havia um

⁹ Espécie de relato diário em formato de vídeo. Nesse formato, um usuário filma a si mesmo, comentando, mostrando aspectos de sua vida ou rotina diária. A palavra vlog tem origem da termo vídeo-blog (blog em forma de vídeo) ou videolog.

¹⁰ “A difusão da mídia social que permite o discurso público levou a uma mudança sutil na palavra compartilhamento. Compartilhar normalmente requeria um alto grau de conexão entre o doador e o receptor, a ideia de compartilhar uma fotografia implicava que os compartilhantes se conhecessem. Esse

público para ler, ver e consumir o que um sujeito tinha a dizer sobre um assunto qualquer, antes da publicação de vídeos pessoais no YouTube (enquanto rede social¹¹), com o vlog esse cenário se intensificou. Diferentemente de um vídeo padrão, o vlog se caracteriza basicamente por ser produzido pelo próprio sujeito, um ator midiático, que filma a si mesmo, enquanto narra um depoimento que diga algo de si ou do ambiente em que vive: ideias, opiniões, histórias, confissões. Um vlog não é apenas um vídeo que mostra alguma coisa, vlogs são feitos para reproduzir uma situação pessoal de um usuário, trazendo uma carga de confissão e projeção que vai além de um vídeo comum.

Sibilia reforça que a prática de falar de si mesmo nos canais de comunicação disponíveis, com predominância das mídias digitais, atesta a “guinada subjetiva” da sociedade contemporânea. Sauter (apud LUPTON, 2015, p. 175) observa que a tendência está longe de ser recente, sendo analisada, ainda, em outras épocas, a saber: no aspecto confessional do cristianismo, passando pelas narrativas do romantismo no século XVIII.

A fim de compreender esse fenômeno tão contemporâneo de exibição da intimidade (ou de produção de *extimidade*), uma primeira pergunta se impõe: essas novas formas de expressão e comunicação que hoje proliferam – blogs, perfis pessoais nas redes de relacionamentos, selfies e vídeos caseiros – devem ser consideradas vidas ou obras? Todas essas cenas da vida privada, essa infinidade de versões de você e eu que agitam as telas interconectadas pela rede mundial de computadores, mostram a vida de seus autores ou são obras de arte produzidas pelos novos artistas da era digital? Ou talvez se trate de algo completamente novo, que levaria a ultrapassar a clássica diferenciação entre essas duas noções? (SIBILIA, 2016, p. 55)

Apesar de parecer recente, espontânea e autêntica, a prática de relatar o cotidiano não começou no YouTube. Na verdade, muito antes do surgimento dos meios de comunicação modernos, lidávamos, em maior ou menor grau, com obras que nos diziam muito sobre uma determinada sociedade e tempo ou mesmo sobre uma pessoa, seus desejos, dores, pensamentos, problemas e esperanças. Os diários são um exemplo notável da força da auto-expressão, necessária, inclusive, para o bem-estar psicológico de muitos daqueles que os escreveram. A essência do diário se aproxima do vlog quando entendemos que existe um desejo peculiar de todo sujeito em transferir, para um outro

compartilhamento tendia a ser uma ação recíproca e coordenada entre pessoas que se conheciam. Mas, agora que a mídia social estendeu incrivelmente o alcance e a vida útil do compartilhamento, sua organização passou a ter muitas formas” (SHIRK, 2011, p. 154)

¹¹ Desde a sua fundação como site, YouTube permitia a interação entre usuários por meio de comentários. A plataforma se destacou enquanto rede social com a criação dos canais (páginas personalizadas dos usuários na rede), permitindo a adição de vídeos criados pelos próprios usuários, destacando-se o formato vlog, em meados de 2010. (Fonte: YouTube Press).

plano, seus sentimentos. O diário é essa transferência direta, sem censuras. Nele um sujeito pode expor o seu interior, seus impulsos, o “eu” que se ocultava nos modos convencionais de uma vida social com regras e parâmetros. No diário, ao se organizar a força dos sentimentos, algumas ideias se tornavam mais claras para o diarista; uma situação revisitada podia dar ao autor o que ele não tinha conseguido ver durante uma situação vivida e, ainda, uma possibilidade especulativa de imaginar um futuro. A mente se abria para outras possibilidades, conectando ideias e experiências, ao transpor para o texto o sentimento da alma humana.

Wolfe (2014) esclarece que:

Embora cada diário seja escrito em resposta a uma situação de mudança de vida ou uma situação com a qual o autor esteja lutando, não deve haver limites para o que está escrito no diário; qualquer coisa que afete o diarista e os inspire a escrever deve ser incluída. Limitar o diário a apenas um tópico específico não favorece o diário nem o diarista, já que algo que parece completamente alheio ao tópico pode ajudar a esclarecer uma situação e, se o escopo da escrita estiver limitado, pode ser que haja perdas da memória do autor. (WOLFE, 2014, p. 4, tradução nossa)

O escritor suíço Henri-Frédéric Amiel, conhecido pela publicação de seu *Diário Íntimo*, encontrava em seu estado de espírito motivações para escrever, nada forçosamente inspirado no plano do real, mas da psique. Em nota introdutória do livro, lançado no ano de 1883, observamos o seguinte trecho:

Estou agora cheio de esperança; aquela melancolia inquieta, aquele temperamento sombrio que me roeram por tão longo tempo, parecem tender a dissipar-se. O futuro não me amedronta mais desde que vejo a possibilidade de realizar os meus sonhos, que as minhas incertezas diminuem, que as minhas forças crescem, que eu me torno homem¹². (AMIEL, 1968, p. 10)

Qualquer sensação obtida era motivo para que o autor escrevesse, acumulando, assim, milhares de páginas; sem limite de tópicos a serem abordados. Não importava se o sujeito estava feliz ou triste, não havia um tema específico para se falar a respeito. O diálogo parecia estar voltado para ele próprio, com assuntos que só diziam respeito a ele e a suas convicções. Não havia interlocutores, muito menos audiência. Diários passavam a ideia de um segredo absoluto. Não podiam ser violados. Portanto, o que tornava o diário interessante era o fato de poder conhecer, finalmente, esse arquivo secreto. Todavia, os

¹² Fragmento do livro *Diário Íntimo*, datado do dia 6 de fevereiro de 1847, quando Amiel tinha 26 anos e estudava na universidade de Berlim.

conteúdos de caráter íntimo só “podiam” ser acessados pelo próprio diarista. Apenas com a morte esse quadro poderia ser mudado. Nesse caso, alguns diaristas tornaram-se reconhecidos depois de terem seus diários publicados em forma de livro, como ocorreu com Anne Frank. No meio do caos da Segunda Guerra, Anne relatava dia após dia os anos em que viveu na clandestinidade com a família, as cenas marcantes no esconderijo, a relação que tinha com todos.

Wolfe retoma essa questão quando observa:

Uma das vantagens de escrever um diário era a liberdade de saber que você não estava escrevendo para um público. A liberdade da falta de críticas poderia levar a uma escrita mais honesta. Anne Frank revelou como essa falta de público afetou sua escrita: "Há um ditado que diz que 'o papel é mais paciente do que o homem' ... Em seu diário, Frank começou a demonstrar que as pessoas estavam interessadas em ler sobre a vida das pessoas comuns. Afinal, Anne Frank não era famosa até que seu pai publicasse seu diário. (WOLFE, 2014, p. 4, tradução nossa)

A privacidade dos diários nos séculos passados é o fator de maior distanciamento entre a prática do relato do cotidiano do passado e da atualidade. Com os blogs e, mais recentemente, os vlogs (ou videodiários), o relato do dia a dia na internet torna-se, numa condição *sine qua non*, público. Sendo impulsionado ainda com a maior facilidade de acesso e mobilidade dos aparelhos de telefone com tecnologia de ponta, agregando câmeras, internet e recursos de edição de vídeo e qualquer outro programa de edição, seja de texto ou imagem.

A inserção dos vlogs no YouTube permitiu que houvesse outros recursos estéticos disponíveis na plataforma. Burgess e Green avaliam que o vlog permitiu uma participação significativa de envios de vídeos e mensagens de feedback em torno deles:

Foram os envios de vlog que dominaram, perfazendo quase 40% dos vídeos codificados em Os Mais Discutidos e pouco mais de um quarto dos vídeos codificados em Mais Respondidos. A prevalência de envios de vlog é significativa, pois é uma forma quase exclusivamente criada pelo usuário de produção de vídeos on-line. O vlogging em si não é necessariamente novo ou exclusivo do Youtube, mas é uma forma emblemática da participação do YouTube. O formulário tem antecedentes em cultura de webcam, blogs pessoais e a "cultura confessional" mais difundida que caracteriza a televisão focada na observação da vida cotidiana. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 53, tradução nossa)

Sem a participação ativa dos usuários-criadores, as redes sociais não teriam tanta importância no cenário social. O YouTube foi uma dessas redes que mais ganharam visibilidade na Internet. Embora seja possível acessar gratuitamente uma infinidade de

vídeos – videoclipes, eventos esportivos, filmes, ensaios de peças teatrais, reprodução de vídeos exibidos na TV, aulas gratuitas, conferências em universidades estrangeiras, polêmicas de programas de fofoca, vídeos caseiros de animais de estimação etc – a produção de vlogs com sua estética redimensionou a importância da plataforma em seu aspecto interativo e participativo.

Strangelove (2011) observa:

O público on-line não está assistindo passivamente ao YouTube. Muitas vezes, ele pode ser encontrado, ativamente, envolvido no que assistiram. Essa postura ativa do público deixa um rico registro de comentários escritos e em vídeo. Esses comentários nos dizem muito sobre a natureza desse novo meio digital e sobre o espírito geral dos tempos. Ao contrário de assistir televisão, muitos membros do público do YouTube têm uma relação diferente com a tela porque são vídeos amadores. Assim, o novo público de mídia interage com vídeos amadores de sua postura dual como produtor e consumidor de vídeo. Isso adiciona uma nova dimensão ao caráter do público on-line e muitas vezes se reflete na atitude do YouTube em relação ao trabalho em vídeo de colegas amadores. (STRANGELOVE, 2011, p. 14, tradução nossa)

A proximidade que os vídeos caseiros no YouTube trouxeram para um público criativo incentivou, em certa medida, que outros usuários iniciassem seus próprios vídeos. O sucesso alcançado por determinados participantes também provocou o surgimento de outros, na tentativa de se sobressaírem e ultrapassarem a linha do anonimato ao qual estavam relegados. Esses usuários anônimos, impulsionados pelo sistema da rede, ao ganharem visibilidade fora da plataforma, obtiveram status de youtubers¹³.

Strangelove (2011) entende que a estética promovida por essa nova proposta de participação na plataforma tem alterado o modo como, hoje, podemos refletir sobre os comportamentos implicados numa sociedade dita pós-moderna de economia global.

Diz ele:

Como na audiência televisiva, as respostas, os gostos e o raciocínio do público on-line são intensamente irracionais e contraditórios. No entanto, no final, surge um quadro coerente do comportamento da audiência online. Há um *zeitgeist* na estética da experiência do YouTube, estruturada pelas limitações e possibilidades do próprio meio. A estética da experiência do YouTube, as configurações que ela usa, os estilos que ela incorpora e as emoções que ela gera refletem as condições predominantes do capitalismo do final da era moderna e se transformam lentamente na condição pós-moderna. O clima cultural circundante, as restrições dos meios de comunicação corporativos e a

¹³ Considerados, assim, oficialmente como produtores de conteúdo para a plataforma, sendo pagos, pela empresa YouTube Inc. com conteúdos próprios e originais que gerassem grande quantidade de visualizações.

realidade sempre presente se enquadram [...] à investigação no YouTube. Ao prestar muita atenção a quem está dizendo o quê, no YouTube, chegaremos a um melhor entendimento das mudanças que ocorrem na cultura da mídia, no império e em nossas vidas cotidianas. (STRANGELOVE, 2011, p. 14, tradução nossa)

Os vloggers, no YouTube, nos colocam em um novo cenário de exposição do self na contemporaneidade ao “substituírem” aquele sujeito que fala de si para si mesmo (como os diaristas do passado), ocultando-se em prol de uma liberdade criativa. Ao mesmo tempo que remonta a uma cultura tribal (MCLUHAN, 2005) quando minimiza a importância da escrita em prol dos sentidos auditivo e tátil, embora privilegie ainda mais o sentido visual e a estética cinética do movimento. Cada sentido fornece um modo de apropriação diferenciado da experiência e da realidade. Por isso mesmo, entendemos que é a partir da comunicação que se configura uma cultura. Mcluhan (2005) reafirma a compreensão dos sentidos como “reformuladores” da dimensão social e cultural que se impõe a partir deles.

Diz ele:

A mensagem do rádio às sociedades menos letradas ou recém-letradas é a de uma injunção de alta definição para fazer os valores tribais avançarem rumo a um novo clímax de intensidade. Mas a mensagem da televisão é a tutilidade e a injunção de fundir-se com o mundo do processo. A preocupação com profundidade, interior e exterior, e o anseio por uma permanência e estabilidade marcam a nova geração televisiva emergente. Enquanto com o cinema o público se tornou a câmera, o olhar insaciável do mundo, com a televisão, o espectador é a tela. Com o cinema veio a geração extrovertida e frenética da fama, do “vou dizer ao mundo”. (MCLUHAN, 2005, p. 52)

Os vlogs, a partir de seus sujeitos e técnicas, se apresentam com essa multiplicidade de sentidos e linguagens que precedem a própria formação das tecnologias midiáticas modernas, atualizando os discursos, em vários aspectos, para o contexto contemporâneo, abordando tanto a subjetividade latente na própria configuração de produção audiovisual como as temáticas trazidas para o campo público em que são postas.

No vlog, o sujeito, aqui trazido como “usuário-criador”, se posiciona em frente a uma câmera que o grava, sem cortes. A partir desse momento, o sujeito dialoga com a câmera, imaginando um público que o observa incontinente. Ele se dispõe comodamente, interagindo com o público imaginário, trazendo para o diálogo suas preocupações, observações de uma experiência, conflitos internos ou externos. Numa viagem, esse sujeito se dispõe a filmar paisagens, cenários que considera relevantes para serem vistos, a fim de compartilhar a própria viagem com outros usuários. Num dia comum, ele

também se filma, arrumando seu quarto, cozinhando, lavando o carro. Apresenta-nos seus bichos de estimação, nos fala sobre seus planos de vida, ou a falta deles. Em outra abordagem, esse sujeito recria seu cotidiano, elencando o que deve ser dito, criando personagens, hiperbolizando suas características.

No YouTube, não existe fórmula de sucesso. Os conteúdos variados e sua audiência heterogênea. Com os vlogs, se inverte, tão somente, a lógica do consumo audiovisual, até então presente na grande mídia. Em vez de uma produção audiovisual criada por um grupo de produtores a partir de um estudo ou roteiro, aqui, se presencia um espetáculo construído a partir de ruídos, “desfocamentos” e improvisos, com a finalidade imediata de se tentar mostrar sua realidade, de se ver, e de existir, não só para si, mas principalmente para os outros. Lupton (2015, p. 175) nos direciona para a seguinte análise sobre as possibilidades de auto-expressão nas redes:

As práticas de auto-formação (*self-formation*) que se manifestam nos sites de mídias sociais são apenas um dos modos pelos quais o indivíduo moderno se envolve na configuração de sua identidade. Entretanto, uma característica das mídias sociais que difere das de épocas e tecnologias anteriores focadas na escrita de si e da auto-formação é a natureza potencialmente pública das expressões do self, as respostas instantâneas que podem surgir a partir de outros e a natureza permanente de qualquer um desses conteúdos. (LUPTON, 2015, p. 175, tradução nossa)

É curioso observar que, diante de uma democratização de tecnologias de ponta, os indivíduos se voltam para si para se entreterem e entreterem os outros, mesmo que o “entretenimento” se dê, todavia, pelo simples ato de mostrar-se, não havendo nenhum conteúdo elaborado a ser transmitido. Aliás, a ausência de roteiro – ou a ideia de não haver roteiro – é um dos principais aspectos trazidos pelos vloggers do YouTube observados nesta dissertação. Desse modo, e considerando o modelo trazido pela TV (como mídia eletrônica anterior à Internet) e seus produtos audiovisuais, parece que houve uma desestruturação imperiosa no formato e no conteúdo dos vídeos produzidos pelos usuários e, por consequência, da audiência dos outros meios de comunicação de massa. Por oportuno, são esses sujeitos expostos no ambiente flutuante da Internet e suas respectivas individualidades que provocam e geram impacto no cenário cultural, comunicativo e social do começo da primeira década do século XXI e que continuam reverberando no final dessa década.

Dois sujeitos foram escolhidos para uma observação acurada e experiencial de suas produções: Whindersson Nunes e Júlia Faria (Jout Jout). Todos eles são conhecidos

por produzem vlogs em seus canais no YouTube; no entanto, existem milhares de outros usuários que fazem vlogs ou vídeos diários de suas vidas nas redes sociais digitais. Whindersson Nunes e Júlia Faria são dois dos usuários que alcançaram fama e projeção no cenário midiático, para além do YouTube. Esses usuários se utilizam da exploração do cotidiano e da intimidade como abordagem de configuração do vlog, esse aspecto, contudo, não encerra o conteúdo de suas produções.

Whindersson Nunes inscreveu-se no YouTube no dia 21 de janeiro de 2013, aos 18 anos. Numa escola pública localizada na cidade de Bom Jesus, interior do estado do Piauí, onde morava com sua família, produziu o seu primeiro vídeo em caráter de paródia humorística. Logo depois, passou a postar vídeos em formato vlog. Seu canal tem, hoje, mais de 28 milhões de inscritos, com mais de dois bilhões de visualizações distribuídos em 340 vídeos. Em sua página, Whindersson se descreve como “O Lampião do YouTube”. Em 2016, o canal de Whindersson foi considerado o segundo mais influente do mundo, sendo ultrapassado pelo canal “PewDiePie”, do sueco Felix Arvid Ulf Kjellberg¹⁴.

Júlia Faria se inscreveu no YouTube em 12 de maio de 2014, aos 23 anos. Em sua casa, em Niterói, ela começou a fazer vídeos-vlog dentro do próprio quarto. Seus inscritos somam mais de 1 milhão e 600 mil. Após o vídeo “Não tira o batom vermelho”, Jout Jout (como ficou conhecida) foi convidada para discutir sobre relacionamentos abusivos fora de seu canal, repercutindo seu propósito de enriquecer o debate sobre o feminismo na rede. Em sua página na plataforma, ela escreve: “Opa! Tudo bom? Este é o meu, seu, nosso canal! Não temos tema nem roteiro, ok? Eu só meio que vou falando e vocês meio que vão ouvindo e a gente meio que vai se amando”.

Apesar de cada um desses usuários expor intensamente a vida que leva diariamente, tendo como base comum o cotidiano, todos eles nos dizem e nos mostram algo completamente distinto. A individualidade de cada sujeito, na verdade, atribui a cada produção audiovisual um conteúdo de caráter autêntico, capturando detalhes, perspectivas de um ambiente real que não está longe de nós e, ao mesmo tempo, não nos pertence.

Strangelove entende que os “vídeos diários proporcionam uma oportunidade para explorar a demanda do público do YouTube por altos níveis de autenticidade” (2011, p.

¹⁴ Informação coletada no sítio eletrônico da Revista Veja (Abril), de 26 de julho de 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/whindersson-nunes-e-o-segundo-youtuber-mais-influente-do-mundo/>>

64). Depois de anos de massificação midiática planetária, parece que os sujeitos na atual conjuntura contemporânea pretendem ser os mais distintos que puderem e, de fato, são; se consideramos que é não é possível replicar nenhum traço subjetivo de uma alteridade que nos individualiza, nos torna sujeitos e nos realiza, ao mesmo tempo, como “eu” e como “outro”. Aqui, voltamos ao duplo, pertinente à imagem projetada na interface virtual.

3. Problematizando o conceito de usuário nas redes

Ao adentrar o campo de observação que agora toma corpo na pesquisa, surgem diversos questionamentos e, muitas vezes, em vão se tenta buscar uma resposta coerente na literatura disponível. Foi o que ocorreu desde o início ao se tentar substituir a palavra “usuário” por outro termo que abarcasse a condição do sujeito observado na pesquisa. Sabe-se que as novas tecnologias digitais romperam definitivamente as fronteiras do que antes se entendia por emissor e receptor. Da mesma forma, entendemos que, cada vez mais, ideias como consumidor ou usuário em vez de esclarecerem, reduzem os sujeitos implicados nestas novas configurações de produção, de consumo e de uso das redes.

A palavra “usuário” se impõe como uma clara tradução de “users”, do inglês, feita a partir dos inúmeros livros acadêmicos sobre a questão dos modos de apropriação das novas tecnologias midiáticas pelos “users” ou usuários. A mesma questão pode ser aplicada ao tentar substituir a palavra “receptor”, termo cuja conotação de passividade é incoerente com a postura colaborativa que, muitas vezes, esses sujeitos assumem.

Portanto, fica ilógico e mesmo artificial denominar de usuário o que aqui corresponde a um sujeito que participa ativamente da esfera da cibercultura, mesmo quando inicialmente apenas observa. O fato de observarem ou participarem com menos frequência das redes que dão substância às estruturas e dinâmicas do ambiente virtual não impede esses sujeitos de serem não somente afetados por essas práticas, como também de as influenciarem.

Desse modo, acreditamos que o uso do termo “usuário” reduz drasticamente a condição de sujeito que se apresenta nos espaços virtuais, nas redes sociais, no YouTube. Preferimos, assim, chamá-lo, a partir de agora, de *interespectador*¹⁵, posto que interage

¹⁵ Podemos traduzir para o inglês como *inter-spectators*. A palavra *interespectador* não aparece, durante a feitura desta dissertação, em nenhum estudo acadêmico. Sendo apenas mencionada no texto “O colapso da televisão”, publicado no jornal *Folha d. São Paulo* pelo jornalista Alcino Leite Neto, em 14 de maio de 2000.

ou pode interagir com o objeto observado ou com as diversas práticas comunicativas que se apresentam de diferentes formas. Estes interespectadores também são potenciais criadores de conteúdos, reconfigurando formatos antes pensados como espaços fechados ou de uso limitado.

Em *Leitores, espectadores e internautas*, Canclini (2008) traça um paralelo entre os diferentes tipos de consumo de produtos culturais para dizer que a convergência digital uniu em um só espaço o leitor, o espectador e o internauta na mesma pessoa.

Diz o autor, sobre as ultrapassadas definições do ser espectador na contemporaneidade:

Como ser espectador já não é mais assistir a espetáculos públicos ou vê-los na mídia, ficam para trás as críticas que Guy Debord e sucessores faziam ao capitalismo enquanto “sociedade do espetáculo” porque mobilizam imagens no consumo midiático para controlar o ócio dos trabalhadores e oferecer-lhes satisfações que simulariam compensar carências. A televisão, o cinema e a publicidade continuam cumprindo essa tarefa, porém limitada devido à espetacularização generalizada da social. (CANCLINI, 2008, p. 48).

Canclini redimensiona o sentido de “espectador” para dizer que as novas tecnologias midiáticas retiraram especialmente da televisão e do cinema (meios de comunicação televisuais do século XX) o monopólio do espetáculo voltado para o que se entendia como espectador: consumidores de produtos audiovisuais de massa.

O espectador contemporâneo não só observa como participa, interage, recria. A realidade deixou de ser uma visão de mundo vertical para ser horizontal: vozes de diferentes tonalidades surgem reivindicando seus espaços. O espetáculo não só deixou de ser divertimento puro e simples como passou a acolher as demandas de muitos grupos, esquecidos socialmente e da programação *mainstream*.

Mesmo que a palavra “espectador” tenha um significado diferente para mim e para Canclini, ainda sinto que o termo não abarca suficientemente a condição deste sujeito que mudou de atitude conforme as épocas e as tecnologias que surgiram. A respeito do vlogs no YouTube, por exemplo, parece não ser suficiente dizermos que trata-se de “espectadores”, apenas, muito menos chamar de usuários, receptores, consumidores, leitores aqueles que reagem de forma diversa a partir das emoções estéticas dos vídeos que são publicados, podendo inclusive inspirar atitudes, atuações e outras formas de estar no mundo.

4. O que comunica?

Quando tratamos da comunicação, o sentido geral do termo nos leva a um conflito ontológico: se comunicar é informar, notificar, relatar, transferir mensagens de um emissor a um receptor, como entender a sensação de estarmos sendo despidos por um saber efetivo que chega até nós espontaneamente quando um olhar, um gesto, um momento de solidão com um livro, uma fotografia, um filme, uma música, um espetáculo ou alguém nos possibilitar reflexões, pensamentos e sentimentos tão diversos e expressivos? Nessa relação, pode não haver um contato direto com um outro que nos interpela. Há apenas uma realidade a que estamos inseridos e, nessa condição, não sabemos se, estamos sendo um sujeito que observa ou um objeto que é capturado. Não seria esse um ponto do pensamento complexo?¹⁶

A comunicação que estamos interessados faz parte, contudo, do segundo ciclo de compreensão: essa que é subjetiva e corresponde aos inúmeros processos de produções culturais e artísticas. Essa que não está preocupada em transferir signos ou mensagens. Ela não se define por uma equação, está subtendida em certos processos comunicativos, podendo se revelar por meio de uma observação atenta do momento e do fenômeno que se pretende investigar.

Nesta perspectiva, pensamos a comunicação como um fenômeno estético, intangível, que atravessa o pensamento pela sensibilidade e independe de um discurso ou de uma enunciação como prática.

Para Ciro Marcondes Filho,

A comunicação realiza-se, assim, plenamente e, acima de tudo, como um fenômeno estético, no sentido da *aisthesis* enquanto relação sensível com o mundo, da mesma forma como Levinas fala da comunidade estesiológica que funda a intersubjetividade, que sustenta a “intropatia” da comunicação, a forma pela qual se chega ao outro pela gnose do tocar ou ver. (MARCONDES FILHO, Ciro, 2010, p. 10)

Na experiência estética, não estamos apenas sendo sujeitos, mas também objetos dessa experiência, perpassando esses dois estímulos de posição em relação à experiência em si, temos a percepção de um duplo. Barthes (2015) lança um olhar diferenciado quando trata

¹⁶ Edgar Morin propõe em *Introdução ao pensamento complexo* abordagens da complexidade, onde diz que: “Há conflito permanente entre racionalismo e empirismo; o empírico destrói as construções racionais que se reconstituem a partir das novas descobertas empíricas. Há uma complementariedade conflitual entre verificação e imaginação. A complexidade científica é a presença do não-científico no científico, o que não anula o científico; ao contrário, lhe permite exprimir-se.” (MORIN, Edgar, 2015).

da fotografia em seu *A câmara clara*, fazendo da fenomenologia seu ponto de partida para as análises subjetivas das fotografias que, de certa forma, o intrigavam por diferentes e incertos motivos. Na descrição do processo que o levava a optar por esse e não outro procedimento de análise, Barthes revela:

Em primeiro lugar, eu não saía e não tentava sair de um paradoxo: por um lado, a vontade de poder enfim nomear uma essência da Fotografia e, portanto, esboçar o movimento de uma ciência eidética da Foto; por outro lado, o sentimento intratável de que a Fotografia é essencialmente, se assim podemos dizer (contradição nos termos), apenas contingência, singularidade, aventura: minhas fotos participam sempre, até o fim, do “alguma coisa qualquer”: não é a própria enfermidade da Fotografia essa dificuldade para existir que chamamos de banalidade? A seguir, minha fenomenologia aceitava comprometer-se com uma força, o afeto, o afeto era o que eu não queria reduzir; sendo irreduzível, ele era, exatamente por isso, uma intencionalidade afetiva. (BARTHES, 2015, p. 25)

As fotografias analisadas provocaram Barthes, naquele momento, que se sentia desafiado como pesquisador e intelectual a definir esse processo subjetivo de relação com um objeto aparentemente banal. Esse momento de apreensão do afeto pela imagem é o que se aproxima de uma experiência estética e do sentido de comunicação para além de uma operacionalização. No viés sensível, em que algo muda no decorrer de uma relação, uma nova percepção permite que o sujeito desvie ou questione sua perspectiva por meio de outra. Por ter um caráter subjetivo explícito, a comunicação é improvável, não calculável ou previsível. Portanto, ela não se transfere. Ela acontece.

Ciro Marcondes Filho (2010) observa que:

Uma comunicação densa está próxima da arte, ambas como formas de apreensão sensível do mundo. Mais do que a arte, a comunicação realiza-se também no plano da interação entre duas pessoas, nos diálogos coletivos onde esse novo tem chance de aparecer, onde o acontecimento provoca o pensamento, força-o, onde a incomunicabilidade é trincada e criam-se espaços de interpretação. Mas ocorre igualmente nas formas sociais maiores de contato com objetos, especialmente com objetos culturais das produções televisivas, cinematográficas, teatrais, nos espetáculos de dança nas performances, nas instalações, na possibilidade de criação de situações similares, inclusive em ambientes de relacionamento virtual. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 25).

Nesse sentido, a comunicação extrapola a barreira material de um meio. Se falamos ao telefone ou buscamos contatar alguém, por qualquer outro “meio de comunicação convencional” não significa exatamente que estamos sendo contagiados por algo que nos altera enquanto sujeitos. Essa comunicação sensível está “próxima da arte”, por ser através da arte que a subjetividade ganha formas variadas de representação. Mas

essa comunicação pode estar em qualquer lugar. Se estamos em um trem e uma cena nos comove, podemos voltar de uma viagem transformados. O devir é essa alteração premente e possível pela comunicação como acontecimento. Ela não deixa de ser material, em todo caso. O que ela deixa de ser é provável. Assim, nos colocamos diante de uma epistemologia da comunicação que adota a perspectiva fenomenológica de análise dos objetos aqui tratados.

Shaviro (2009) analisa a filosofia de Whitehead para pensar sobre essa observação experiencial do momento vivido pelo sujeito do ponto de vista fenomenológico. Diz ele:

Para Whitehead, o experimentador não pode ser separado do experimento, porque ambos estão presentes no mundo da mesma maneira. Não posso observar outras entidades quaisquer diferentemente de como eu observo eu mesmo. Pode não haver uma formalidade, distinção permanente entre a observação de si (o Eu como sujeito transcendental ou sujeito de enunciação) e o Eu sendo observado (o Eu como objeto no mundo ou sujeito de um discurso) (SHAVIRO, 2009, p. 26, 27, tradução nossa).

Entendemos dessa análise pertinente sobre a experimentação, feita por Whitehead, que ao observar, estamos também sendo observados pela implicação do Eu no mesmo momento que observa. O Eu é tanto sujeito como objeto de sua própria análise: diz sobre a coisa e é “dito” por ela, observa um fenômeno e é observado por ele. Parece ser esta também a percepção de Barthes sobre as fotografias analisadas: algumas lhe provocavam e outras passavam por sua retina de forma indiferente. O que torna, então, um objeto provocativo para o Eu? O que faz com que nos detenhamos em tal objeto e não em outro? Acreditamos que a comunicação percorra esse processo, dando sentido a determinadas ocorrências, permitindo que nossos sentidos sejam ativados a partir delas, podendo, dessa maneira, expressarmo-nos de diferentes modos, por meio dos meios dos quais dispomos ou simplesmente por meio do ato de sentir, refletir, dialogar com esse momento¹⁷.

A relação de sujeito e objeto é revisada por Ferrara (2015) no ciberespaço, analisando a proposta da teoria ator-rede, em que agentes e atores tornam-se simétricos em um mesmo ambiente de fluxos e atos comunicantes ou de circulação de signos. Diz: “a citação¹⁸ nos permite observar que, mais do que simetria sujeito/objeto, o autor se

¹⁷ “O momento, o “durante” do acontecimento, é exatamente o ponto onde atua a força vital, o *aion* dos gregos, a alma do evento, algo que, para Marramao, está próximo à psiqué (Marramao, 1992, p. 42). É quando intervém no encontro dos corpos (homens-homens, homens-obras, homens-situações, etc.) a variável *incorpóreo*, aquilo que introduz um novo atributo aos corpos” (MARCONDES FILHO, Sobre Kairós, *anotações de aula*, 2017).

¹⁸ Trata-se de uma entrevista de Bruno Latour a André Lemos, em que aquele diz: “O fato de falar das coisas como *matters of concern* não resolve nada. Mas cria-se um vocabulário para fazê-las sair da

refere a um modo de fazer entender que a tecnologia e seus objetos não são produtos de uma força inumana” (FERRARA, 2015, p. 56). A autora considera, no entanto, que falar de simetria entre sujeito e objeto parece reduzir a complexidade comunicativa de ambos no processo. Ferrara (2015) nota, ainda, que as tecnologias digitais, ao transformarem o cotidiano dos homens e tornarem-se cada vez mais imprescindíveis, ocupam papéis nos fluxos comunicativos, participando deles, sendo “responsáveis pela percepção de que a comunicação ocorre além e apesar da mensagem que parecia querer esgotar a comunicação sujeita às simples linearidades daquilo que se comunica” (FERRARA, 2015, p. 58)

Sujeitos e objetos podem comunicar-se entre si. É possível que haja uma reação e uma alteração tanto no sujeito quanto no objeto a partir do momento em que se relacionam. A relação, contudo, não acontece por meio de uma mensagem que, em muitos casos, nem sequer é emitida, mas de uma outra ideia de comunicação que passa, antes de tudo, pela percepção.

A percepção da unidade sujeito/objeto vai muito além da superação do conhecimento logocêntrico e antropocêntrico, como insiste Latour, porque impõe perceber que a comunicação entre as espécies vivas está muito além da mensagem. Comunicamo-nos através da percepção do mundo e do ambiente que nos envolve. Uma trajetividade que constitui a mais intensa experiência das espécies vivas e das coisas oriundas ou decorrentes de comportamentos, capacidades e valores. (FERRARA, 2015, p. 58)

Passando pela percepção, a comunicação se instala, antes, no corpo, sem qualquer mediação possível. Desta forma, não podemos confundir a produção de uma racionalidade com o ato comunicativo em sua essência. Nem mesmo a linguagem em suas diferentes propostas pode ter a intenção de comunicar algo, pois seria impossível reproduzir qualquer percepção sentida. O corpo apenas sente. A comunicação acontece, porque independe de uma vontade. Dizemos, portanto, que algo nos comunica e nos afeta¹⁹: dois verbos para duas ações.

clandestidade... e dá-lhes uma documentação [...]. Os políticos, os estetas, os sociólogos discutem, mas a partir de zonas centrais não há discussão. Se estamos nessa situação, voltamos aos objetos, à objetividade, à clandestinidade (in FERRARA, 2015, p. 56)

¹⁹ No Inglês, a palavra *affect* (afeto) se assemelha com *effect* (efeito): o primeiro é usado comumente como verbo, significando ser afetado, mudado, transformado. *Effect* (efeito), em seu uso comum, implica resultado de uma ação. Ver em: <http://web.ku.edu/~edit/affect.html>

É no contato do corpo com o mundo sensível que podemos ter a sensação de sermos afetados pela realidade em que estamos inseridos. Sujeitos que somos, construímos nossas próprias subjetividades e tentamos, a partir disso, reconstituir, através dos meios dos quais dispomos, o efeito que um determinado acontecimento nos impõe: efeitos mais ou menos possíveis de serem sentidos por outros.

A teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção. Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 278)

Os estudos que Merleau-Ponty (2011) nos propõe sobre uma fenomenologia baseada na percepção do corpo nos parecem adequados para situarmos a operacionalização prática da pesquisa que está sendo gestada. De fato, não encontramos, fora da fenomenologia, uma base de apoio coerente com a perspectiva epistemológica aqui apresentada. Para, então, seguirmos nessa linha, consideramos que as descrições dos objetos aqui tratados sejam oportunas do ponto de vista mais aprofundado do pesquisador como sujeito perceptivo, observador atento aos processos pelos quais é submetido em sua pesquisa; por ser essencialmente esse o fator determinante na fase descritiva de seus “objetos”.

Sentir com o corpo e ter essa consciência sensível se difere totalmente de aferirmos intelectualmente sobre algo. Apesar de que, no processo de descrição de um determinado fenômeno, possamos nos valer de conhecimentos extras sobre nós mesmo e o mundo.

Merleau-Ponty descreve da seguinte forma o efeito de uma observação sensível:

Eu, que contemplo o azul do céu, não sou diante dele um sujeito acósmico, não o possuo em pensamento, não desdubro diante dele uma ideia de azul que me daria seu segredo, abandono-me a ele, enveredome nesse mistério, ele “se pensa em mim”, sou o próprio céu que se reúne, recolhe-se e põe-se a existir para si, minha consciência é obstruída por esse céu ilimitado. _ Mas o céu não é espírito e não tem sentido algum dizer que ele existe para si? Seguramente, o céu do geógrafo ou do astrônomo não existe para si. Mas do céu percebido ou

sentido, subentendido por meu olhar que o percorre e o habita, meio de uma certa vibração vital que meu corpo adota, pode-se dizer que ele existe para si no sentido em que não é feito de partes exteriores, em que cada parte do conjunto é “sensível” àquilo que se passa em todas as outras e as “conhece dinamicamente”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 289)

A partir dessa análise merleau-pontyana sobre a experiência sensível do sujeito no mundo – o qual contempla a natureza e as coisas e as sentem de modo próprio, descrevendo, portanto, a sensação trazida e, nessa descrição, trazendo uma observação espontânea, mas também cheias de significados – podemos pensar, de modo paralelo, a perspectiva descritiva de outros objetos fenomênicos.

Na fenomenologia, Lauer (1958) explica que:

Uma abordagem exclusivamente descritiva é completamente não-metafísica. Infelizmente, contudo, muitas interpretações positivistas, em particular, têm a tendência não apenas de eliminar a realidade como objeto de investigação científica mas também rejeitar qualquer realidade... Quando Freud em seu trabalho clínico confina ele mesmo para uma pura descrição dos comportamentos que ele observou, sua abordagem poderia também ser chamada de fenomenológica, ao menos à medida em que qualquer descrição do que é observado será sempre fenomenológica (LAUER, 1958, p. 3, tradução nossa).

Não nos deteremos na discussão filosófica sobre os métodos que melhor explicam a realidade, porém entendemos que a fenomenologia nos oferece meios para se pensar dialogicamente os procedimentos que serão acolhidos na descrição dos fenômenos observados no decorrer de uma observação mais estrita dos objetos dessa investigação. Aliás, Marcondes Filho (2010, p. 46) também reconhece o efeito do diálogo na fenomenologia quando diz: “O campo da fenomenologia é o que mais acredita no diálogo”. Neste sentido, entendemos que o diálogo aproxima o sujeito do objeto, não para julgá-lo, mas para compreendê-lo do ponto de vista de um conhecimento ético e não necessariamente prático. Na pesquisa, o pesquisador-observador se aproxima ainda mais de seus objetos, tendo com eles uma relação de igual para igual: sem subjulgá-lo ou reprimi-lo, apenas no intuito de senti-lo. Está claro, contudo, que cada pesquisa utiliza-se de teorias e métodos que mais se ajustam aos seus problemas.

Do ponto de vista da subjetividade nos processos comunicativos das redes sociais, estamos diante de práticas que se renovam a todo instante e, seria impossível, tentar

reprimir esse movimento contínuo que é próprio da vida, em linhas gerais. Porém, intentamos abordar essas novas configurações comunicativas e participativas, observadas na criação dos usuários das redes, adotando como “hipótese” o fato de que determinados fenômenos são possíveis devido à ocorrência do que aqui chamamos de comunicação, ou seja, somos afetados por algo, que nos move, nos anima, nos provoca e, nesse processo, já não somos os mesmos.

Este vínculo que se inicia a partir do momento que ocorre a comunicação que aqui observamos é puramente subjetivo. Não há nada que possa medi-lo ou mensurá-lo, muito menos captá-lo, por isso mesmo só podemos observá-lo, descrevê-lo. Nos limitamos à prática fenomenológica, por estarmos limitados, enquanto pesquisadores, a classificar os objetos sensíveis do ponto de vista racionalista. Assim sendo, reconhecemos que, ao observar nesses fenômenos o que neles afeta, podemos, também, ser afetados, como vemos na análise das fotografias por Barthes.

No entanto, lidamos, aqui, diferentemente do autor supracitado, com produções audiovisuais contemporâneas de usuários da Internet, cuja intenção é expor o seu próprio cotidiano. Essas produções, conhecidas por *vlogs*, não são comparáveis, em sua essência e proposta, com as fotografias de Barthes, embora também possam, de algum modo, nos revelar sentidos que nos faça pensar. Afinal, estamos diante de uma prática relativamente recente, que não sabemos se perdurará, mas que causa espanto pela rapidez com que se instalou nas redes sociais digitais, fazendo com que alguns usuários anônimos passassem, instantaneamente, a serem vistos como celebridades ao produzirem vídeos com conteúdos personalizados, pessoais, de caráter privado, porém, público.

Não são apenas os vloggers que se utilizam do cotidiano para produzirem conteúdos ou produções criativas. Artistas de diversas modalidades se apoiam no cotidiano para produzirem arte. Entretanto, esses vloggers não necessariamente produzem algo próximo da arte. Eles se mostram, apenas. Conversam, falam de suas vidas, exibem suas rotinas, filmam a si mesmos fazendo alguma atividade ou mesmo não fazendo nada. Não podemos avaliar, contudo, se o que existe aí é banal. Apesar de o ambiente cibernético ser um espaço também da diversão e da catarse, não podemos reduzi-lo, sem antes pesquisá-lo.

É na contemporaneidade, porém, que a revolução do cotidiano toma corpo (LIPOVETSKY, 2010). Algumas das produções audiovisuais, em formato *vlog*, não têm qualquer semelhança com produções ficcionais, feitas necessariamente para provocarem

alguma reação do espectador, como vimos no estudo de Aristóteles sobre a comédia e a tragédia.

Aqui, o “real” que é mostrado carrega também uma disfunção de propósito, ou seja, ele é mostrado em sua versão também sem “sentido”, diferentemente da unidade racional que compõe a ficção. A arte do real não é tema apenas dessa geração. O real ganhou visibilidade em outros momentos e parece se estabilizar novamente como um palco para diversas intenções criativas. Vejamos o que disse Eugene Goossen, em 1969, enquanto diretor de uma exposição intitulada “A arte do real”:

O “real” de hoje como é postulado por essa nova arte não tem nada a ver com a metáfora, o simbolismo, ou algum tipo de metafísica. Não é o ideal Hegeliano de essência que Hans Hofmann estava evocando muitas décadas atrás em seu ensaio “A procura pelo real”. Não se deseja transmitir a noção da realidade em algum lugar. Nem mesmo está relacionado à realidade simbólica de Malevich... O real de hoje não faz, diretamente, um apelo para as emoções, nem está envolvido com uma elevação. De fato, parece não desejar, de todo modo, justificar ele mesmo, mas em todo caso oferece ele próprio para seja qual for a singularidade que vale a pena, na forma de um simples e irreduzível objeto. (HOMBERGER, 1977, p. 8, tradução nossa)

Em “O Gênio e a Deusa”, Huxley inicia seu romance dizendo:

O mal da ficção é que ela faz sentido demais. A realidade nunca faz sentido... A ficção tem unidade, a ficção tem estilo. A realidade não possui nem uma coisa, nem outra. Em seu estado bruto, a existência é sempre um infernal emaranhado de coisas... O critério da realidade é a sua incongruência intrínseca. (HUXLEY, 1974, p. 1)

Nessas duas referências, vemos que ambos discutem o *nonsense* da realidade. Tanto do ponto de vista da produção artística como da literária. Fazer sentido, produzir significados parece ser uma aplicação semiológica que não condiz com a espontaneidade e, por que não, o absurdo do real. Embora também haja algum sentido naquilo que se produz sem exatamente haver uma “razão” por trás.

Neste ponto, Deleuze entende ainda que:

O que tem um sentido tem também significação, mas por razões diferentes das que fazem com que tenha um sentido. O sentido não é, pois, separável de um novo gênero de paradoxos, que marca a presença do não-senso do sentido, como os paradoxos precedentes marcavam a presença do não-senso da significação. (DELEUZE, 2015, p. 73)

Deleuze não enxerga o sentido na significação, apesar de uma significação ter, de algum modo, um sentido. Marcondes Filho (2004) evoca este mesmo ponto sobre a obra *A lógica do sentido* de Deleuze. Para ele: “sentido é o mesmo que acontecimento puro, o “extra-ser” em oposição ao ser das coisas, dos corpóreos. Ele é o que Deleuze chama de “expresso” da proposição, diferente de sua expressão, que está vinculada à significação” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 76).

Deleuze (2015, p. 23), portanto, propõe: “Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido”. A lógica aplicada nas proposições, dessa forma, se refere imediatamente a uma significação e não imediatamente a um sentido. Mas, em obras fantásticas²⁰ o sentido-acontecimento se instaura. “A obra fantástica se refere imediatamente a um sentido e relaciona diretamente a ele a potência do paradoxo” (DELEUZE, 2015, p. 23).

Deleuze nos permite pensar, dessa forma, que o sentido não é uma significação, como pensava Huxley quando diz: “a realidade nunca faz sentido”, mas o acontecimento puro das coisas em si que a realidade carrega em muitos planos. Dessa forma, entendemos ainda que a realidade nos dá muitos sentidos e é a partir dessa lógica que procuramos abordar o sentido em seu longo e complexo desdobramento.

Husserl (apud MERLEAU-PONTY, 2014, p. 126) identifica na abordagem fenomenológica essa capacidade de dar sentido na experiência da coisa em si quando diz: “É a experiência [...] ainda muda que cabe trazer à expressão pura de seu próprio sentido”.

Lidamos, pois, com um objeto de pesquisa disposto na experiência real, em pleno movimento, que nos invade de sentidos, antes de significações. Procuramos observá-lo em seu fluxo e não em seu recorte fotográfico ou representativo. O método aplicado aqui se refere a uma aplicação sem delimitações embasadas em categorias fixas. Chamamos esse procedimento de metáporo²¹.

Pela observação da experiência, não estritamente empírica, mas fenomenológica, o metáporo se aplica em casos onde consideramos a dinâmica da existência. Assim:

O metáporo toma como modo de apreensão do real a captura instantânea, sensível, sem conceitos, tal qual se observa na relação estética com o mundo, que permite inferências e através da qual se pode captar que não está presente. A evidência não é exterior, como pensava

²⁰ Deleuze adota o livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, para exemplificar como obras fantásticas usam a complexidade do sentido em sua forma “pura” e paradoxal

²¹ O metáporo se refere a uma abordagem metodológica que não se apoia num objeto fixo, mas fluido, em constante movimento.

o idealismo, mas do próprio mundo, do mundo vivido. Com a intuição sensível, com o ato de nos transportarmos para o interior de um objeto, realizamos a *simpatia*, isto é, fundimo-nos com o que há de único no objeto. Diferente das ciências positivas, o metáporo não analisa, não adota um ponto de vista sobre a coisa, não disserta sobre ela, mas busca captá-la no próprio objeto. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 251)

Na observação atenta do objeto, em sua dinâmica própria, o pesquisador-observador estará também caminhando junto com ele. O procedimento se assemelha à etnografia, pois, aqui, o pesquisador também se insere no lugar em que ocorrem os acontecimentos. Os fenômenos que destacamos na pesquisa são exclusivamente alocados no ciberespaço, tendo efeitos fora dele, ou seja, em outras esferas²². Na perspectiva etnográfica do metáporo, o pesquisador “descreve cenas, situações, mundos. Ele é um espectador do mundo” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 253).

A etnografia, no entanto, não está sujeita apenas a uma observação física de um território. Ela extrapola o plano físico, trazendo a “realidade” de outras situações e fenômenos também no contexto virtual, nos campos das obras literárias, musicais ou cinematográficas. Como podemos ver na obra de Laplantine:

Proponho que reexaminemos a questão não na lógica e escrita principal do discurso dominante do objeto, mas no trabalho de experimentação que requer um modo menor do conhecimento e que se efetua no movimento de *travelling*: entre a lua (tão longe) e o telescópio (tão perto). Para descrever esses processos microscópicos, que são um ritmo ou uma respiração frágil, convém reduzir, subtrair, estar atento às ínfimas inflexões, às pequenas curvaturas do pensamento e das emoções. (LAPLANTINE, 2003, p. 11, tradução nossa²³)

Nos colocamos na mesma perspectiva de Laplantine para efetuar uma descrição dos processos comunicativos observados no YouTube, a partir de vlogs de atores sociais envolvidos no fenômeno comunicativo que se apresenta na atualidade, qual seja, o alcance conquistado por vloggers/youtubers através de vídeos caseiros sobre seus cotidianos. Sabemos que existe uma banalidade característica nas tarefas do dia a dia: repetições, nulidades. Nos questionamos, entretanto, sobre o que há nesse cotidiano

²² Falamos aqui, especificamente da esfera geográfica, em contraponto com a virtual.

²³ Trecho original: Je propose que nous réexaminions la question non dans la logique et l'écriture majeure du discours dominant son objet, mais dans un travail d'expérimentation qui requiert un mode mineur de la connaissance et qui s'effectue dans un mouvement de *travelling*: entre la lune (si loin) et la lunette (si près). Pour décrire ces processus microscopiques, qui sont rythme ou fragile respiration, il convient de réduire, de soustraire, d'être attentif aux infimes flexions, aux petites courbures de la pensée et des émotions. (LAPLANTINE, 2003, p. 11)

revelado a milhões de pessoas para que alguns atores sociais emergidos desse cenário ganhem visibilidade, reconhecimento e fama dentro e fora do ciberespaço. Apesar de haver um enorme “barulho” (contrário ao recorte do objeto proposto por Laplantine) sistemático, pela condição espetacular de uma rede social e seus recursos de apelo imagético, tentaremos captar os silêncios e as rupturas de intenções lançadas, assim como os desvios de propósitos nos vídeos amadores destes personagens, tentando observar, para além disso, suas peculiaridades, idiosincrasias, comportamentos exibidos. Sabemos que qualquer descrição carrega consigo um olhar subjetivo do observador que descreve, sendo este fato, por assim dizer, o propósito que se deseja obter com o desenvolvimento da pesquisa a ser apresentada: descrever de acordo com as percepções apreendidas durante o envolvimento com o objeto.

As produções que impulsionaram a criação dos vlogs, em seu formato vídeo, tornaram-se possíveis devido à enorme facilidade de se ter acesso aos equipamentos de alta tecnologia (câmeras, smartphones com alta captação de imagem e som) aliada ao surgimento de novas redes sociais com inclusão de recursos interativos que possibilitam a criatividade, a montagem, os efeitos de imagem e som das produções de seus usuários. Tudo isso amplia de forma significativa como passamos a exibir um conteúdo na rede, seja ele qual for. Além disso, o próprio sistema de rede²⁴ provoca uma profusão de práticas criativas (produção literária, construção de games, interfaces virtuais, compartilhamento de ideias, busca de informações, relacionamentos em diversos níveis) de caráter interativo.

A facilidade de acesso à tecnologia possibilitou, assim, que os usuários dos serviços on-line pudessem produzir conteúdos audiovisuais de diferentes propostas. No YouTube, pessoas de todas as partes do mundo utilizam-se da plataforma para divulgarem a si mesmos, com pouca ou nenhuma produção mais elaborada como ocorria em estúdios. A ideia é parecer o mais natural possível, simulando uma realidade desprovida de qualquer adereço apelativo. No Brasil, destacam-se usuários jovens com menos de 30 anos como Whindersson Nunes, Júlia Faria (do canal Jout Jout Prazer)²⁵, propostas

²⁴ Kerckhove analisa da seguinte forma a convergência das Redes: “Outra chave para esta nova sensação – a incipiente psicologia da convergência ainda em desenvolvimento – é a tendência recente dos computadores para se ligarem em rede. De repente, as companhias de telefones e telecomunicações, sempre poderosas e eficientes mas normalmente ignoradas pelo setor público e privado, estão aparecendo diante da consciência coletiva... Nets, internets, ethernet são crescentes com erupções rápidas como o cérebro de um pequeno leviatã”. (KERCKHOVE, 2009, p. 71)

²⁵ Os canais no YouTube são as páginas pessoais dos usuários, em que são armazenados os vídeos distribuídos para o público.

diferentes de vídeos com o mesmo objetivo: serem vistos, exibirem-se, mostrarem-se em suas intimidades diárias. A necessidade de serem vistos no cotidiano tem, para cada usuário, uma razão de ser que não nos cabe aqui questionar. No entanto e, apesar da aparente fragilidade de intenções, esses usuários conquistam algo que extrapola o simples “ser visto”; eles geram o interesse de milhões de pessoas, que os seguem²⁶, os admiram, tornam-se fãs, inspirando-se neles para recriarem o modelo de “sucesso” que foi adquirido²⁷. Alguns usuários da Rede se tornam celebridades midiáticas em diferentes plataformas (aqui, observaremos apenas aqueles que produzem vlogs no YouTube). O sucesso alcançado, para alguns deles, produz um efeito semelhante ao que ocorria com atores do cinema ou das telenovelas, no século XX.

Diante, pois, desse fenômeno comunicacional contemporâneo, surgido em meados de 2010²⁸ e, que perdura até hoje, oito anos depois, buscamos na ideia do metáporo e do procedimento não cartesiano de Bachelard (2017) uma epistemologia que se ajuste às provocações estéticas dos campos de investigação que tratem do consumo e da recriação do real no cotidiano, em outras palavras, dos novos processos comunicativos surgidos de e a partir da “realidade” experienciada por pessoas comuns.

Assim como Bachelard (2017) entendemos que é necessário, para a descrição dos objetos estéticos delimitados na pesquisa, ir além linguagem convencional da ciência, estendendo, assim, nosso olhar para o viés sensitivo e metapórico. O metáporo ganha, aqui, materialidade como procedimento de pesquisa, pois se aproxima do raciocínio de Bachelard quando este diz:

Antigamente li muito, mas li muito mal. Li para instruir-me, li para conhecer, li para acumular ideias e fatos; depois, um dia, reconheci que as imagens literárias tinham vida própria, que as imagens literárias se juntavam numa vida autônoma. Desde essa época, compreendi que os grandes livros mereciam uma dupla leitura, que era preciso voltar a lê-los um a um, com um espírito claro e uma imaginação sensível. Somente uma dupla leitura nos dá a completude dos valores estéticos que vivem no centro de nosso inconsciente e os valores da expressão exuberante da rica linguagem poética. (BACHELARD apud BONTEMS, 2017, p. 127)

²⁶ Os seguidores, nas redes sociais, substituíram os “amigos”; aqueles apenas acompanham o que determinado usuário publica, sem a necessidade de conhecê-lo pessoalmente ou ser um amigo mais íntimo.

²⁷ Neste ponto, Kerckhove observa que a interatividade fará com que muitos consumidores de informação se transformem em fornecedores de informação, e isso criará uma torrente de nichos de mercado com interesses específicos dirigidos a comunidades transnacionais. (KERCKHOVE, 2009, p. 77)

²⁸ Recortamos esse tempo baseado na observação empírica. A maioria dos canais aqui estudados foi criado no ano de 2013, porém, um dos precursores desse estilo de fazer vídeo – o canal “maspoxavida”, de PC Siqueira – com repercussão no YouTube, e em outras redes sociais, foi criado em 2010.

Quando se trata, pois, do que é sensível, não podemos lançar mão de um viés epistemológico voltado para a possibilidade de anular a categoria imaginativa e simbólica por trás da linguagem poética. Essa que nos diz mais do que expõe e alcança a sensibilidade profunda, quase tátil, de um evento. Deste modo, o metáforo, enquanto método de pesquisa, pretende

Transportar para o registro não apenas o acontecimento, como também tudo que o envolveu, material e imaterialmente, tentando repassar para o leitor a força, o ânimo, a vitalidade, em suma, a vida do evento comunicacional. A grande inovação é a inclusão da dinâmica no procedimento de pesquisa, fazendo com que a atividade do estudioso torne-se ágil, pontual, sincrônica com o acontecimento, gerando com isso uma destreza de pensamento, sempre se renovando. A grande novidade é que, depois de várias décadas de “cultura comunicacional”, o pensamento se dedica talvez pela primeira vez, ao estudo da comunicação *stricto sensu*. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 274)

Certamente, este é o desafio a que nos propusemos na pesquisa, tomando como objeto de observação um fenômeno particularmente recente que se instala por uma nova configuração midiática, acompanhada por um contínuo desenvolvimento tecnológico, alterando formas e conteúdos no universo dos meios de comunicação, inserindo pessoas comuns em um programa participativo mais amplo e, em todo caso, desconstruindo o modelo hegemônico do relato. Condições que nos permitem observar como cada usuário percebe e, inconscientemente, evoca, ele mesmo, o lugar de sua fala, um retrato pessoal de sua vivência na contemporaneidade.

Implicados no espaço virtual²⁹ das redes sociais, cada um dos usuários aqui estudados recorre a diferentes leituras de seus espaços e vidas. Deixa suas marcas por trás das mensagens e relatos passados. A comunicação do sensível se insinua sutilmente nesse processo. Somos capturados pelo olhar de quem nos “chama” para um encontro íntimo com o seu *eu*. O que implica – para além de uma aprovação momentânea daquela figura que desconhecemos, mas com a qual simpatizamos – uma esfera afetiva de aproximação, reconhecimento, irmandade. Somos tocados pelo sentido que uma fala nos provocou em certa medida. Passamos a acolher esse outro com outra recepção: regida pela deferência

²⁹ Entendemos por virtual aquilo que exclui a existência corpórea e física de determinado ato. Levy (2011) diz que “é virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em partícula”. (LEVY, 2011, p. 49)

e pelo sentimento de pertencimento, sem o qual, qualquer fala não passaria de mero ruído ou mensagem descartável.

Adotamos o sensível nesse processo por entender que:

A sensibilidade aberta a todas as mensagens, ocupa mais a pele que o olho, a boca ou a orelha... A pele torna a tela de fundo, o contínuo, o suporte dos sentidos... A sensibilidade refinada ama as mensagens densas, mas prefere as raras, alimenta-se vigorosamente em quantidade, mas deleita-se nos lugares de onde ela se retira e deixa apenas traços: a qualidade, o doce começo, quase o sinal. Assim, perduram na pele graus tênues de visível ou de audível, os claros-escuros e os sussurros; nela permanecem o invisível do visível, os inaudíveis da música, a surda carícia da brisa leve, os imperceptíveis, como restos ou marcas de altas energias duras. A suavidade povoa a pele. (SERRES, 2001, p. 66-67)

Sentimos, em algum momento, que a fala desse outro que se mostra em sua intimidade é, de algum modo, próxima a nós, porque vivemos ou experimentamos algo semelhante. Eles dialogam solitariamente em seus espaços protegidos do lar, do quarto, ou saem às ruas para que possamos acompanhar o dia a dia; descrevem rotinas e situações que se mostram (quase como na pele) comuns a outros. Os relatos que são mostrados por esses indivíduos são de algum modo plurais, porém o que agrega, ao que parece, não é o comum que existe neles, mas a individualidade que se apresenta pelo modo como se expõem.

A emoção contida no produto audiovisual produzido pelos vloggers na Internet pode ser, todavia, um efeito que às vezes pode estar contido na própria estética construída em cada vídeo-vlog. Além de um relato, encontramos recursos adicionais, como inserção de música e cortes de edição. O cotidiano exibido por recortes, nos lembra um filme³⁰, como se cada cena fosse repartida e mostrada aos poucos. Esse processo provoca a continuidade de interesse do espectador que não recebe todo relato de uma vez só, como uma longa carta descritiva. Se sinto uma energia que transborda o simples “ver” dos relatos mostrados, sem conhecer essas personalidades, reconheço, portanto, que a pele está implicada na tela que conecta minha posição de observador da outra que só me dirige olhares, sons e gestos. Serres (2001, p. 73) diz que “a sutileza passa sob a tela”. O sensível

³⁰ Porém, em vez de atores, cenários, tomadas e mise-en-scènes temos apenas uma câmera filmando em primeiro plano um único ator (aqui o usuário) que filma a si mesmo contando casos de sua vida. Aliás, filmar em um plano apenas, nos remete ao começo da história do cinema. Com o tempo, percebeu-se que o movimento era o aspecto constitutivo do filme, surgindo assim, os efeitos de imagem e os cortes em plano e contraplano, ampliando os recursos da linguagem cinematográfica. (BORDWELL, 2013)

implica as particularidades do sentido que faz com que possamos perceber, na pele, o imperceptível. Aqui, a comunicação recorre aos sentidos para seja efetiva.

Neste aspecto, a comunicação do sensível está implicada na experiência estética³¹. Posto que na vivência cotidiana, estamos a todo momento sentindo com os nossos sentidos para explorar o que chega até nós. É certo que, em muitos momentos, estamos anestesiados. Não nos afetamos e, por isso mesmo, não reagimos a esse encontro. Entendemos que há uma carga intersubjetiva no aspecto sensível do fenômeno que nos toca ou em nossos próprios objetos de estudo. A relação que se cria no primeiro instante de contato pode ser, antes de tudo, emotiva. Existe, contudo, uma diferença que deve ser notada entre o que nos provoca uma reação puramente emotiva e outra de caráter reflexivo.

Sodré corrobora esse entendimento quando diz:

As paixões são também avaliativas, ou seja, implicam um juízo, porém anterior à reflexão... É possível estabilizar o campo da afetividade, tornando lúcidas as emoções, transformando-as em sentimentos. De forma mais simples: a emoção caracteriza-se por uma expressão compulsiva e excessiva, por um apego ao que é por demais particular, enquanto o sentimento é emoção lúcida...Pelo sentimento passamos da dissociação entre sujeito e objeto a uma unidade, mesmo que provisória, entre os termos disjuntos, entre o um e o “alter”. (SODRÉ, 2006, p. 52)

Ao nos propormos observar fenômenos que nos chegam espontaneamente, estamos sujeitos ainda a uma reação emotiva ou sentimental (segundo a distinção de Sodré). Procuramos descrever essas sensações que atravessam nossos sentidos, fazendo do metáforo uma possibilidade de pesquisa para a experiência estética dos fenômenos comunicativos da contemporaneidade, no intuito de refletir, *a posteriori*, a ocorrência ou não da comunicação tal qual compreendemos neste trabalho. Em outras palavras, ao problematizar a comunicação como uma ocorrência que não é transmitida, mas constituída a partir de um sentido mais profundo que se inicia pelo contato (contágio³²) entre dois sujeitos (relação intersubjetiva) ou entre um sujeito e um objeto. Se existe uma intenção comunicativa, ela está na possibilidade de constituir um outro *eu* a partir da *alteridade*.

³¹ Mendonça et. al (2016) propõem que “todo sentido produzido nas mediações é visto como compostos de intensidades inomináveis que assumem a força de expressão do que aprendemos a nomear de experiências estéticas.

³² No contágio, o contato se transfigura em um devir. Rémy Chauvin diz muito bem: “Evolução paralela de dois seres que não têm absolutamente nada a ver com o outro (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 26-27) .

O outro é um mistério, jamais o conheceremos, mas isso não é nada de negativo, ao contrário, é fonte da comunicabilidade, por mais paradoxal que pareça, pois, só sinto a comunicação pela percepção do diferente e da diferença... A comunicação, portanto, é possível, mas não no sentido convencional: eu não passo nada a ninguém, não transmito coisa alguma, não troco. Eu existo, emito sinais, falo, canto, escrevo. Para o outro, sou uma alteridade insondável, mas que pode ser observada, ouvida, lida. Esse outro reage a mim enquanto alteridade e realiza para si, havendo interesse e intencionalidade, algo novo, um aumento de sua complexidade. A comunicação realizou-se. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 34)

Na relação que estabelecemos, a partir de um contato com esse outro³³, estamos expostos e podemos ser, nós mesmos, também outros. O efeito de um devir é, em nosso entendimento, inconsciente, pois – como foi sugerido – antes de uma consciência cognitiva, temos um corpo que sente. Somos um corpo no mundo. (MERLEAU-PONTY, 2011).

A alteridade para Marsciani é esse lugar de construção de uma intersubjetividade. Segundo ele, “o mundo é a minha casa, onde o sentido é compreensão e valor, pois nesta casa habita o outro-em-mim que é, ao mesmo tempo, objeto da minha compreensão e sujeito que me concerne, que me designa um posto” (MARSCIANI, 2014, p. 14).

Partimos, pois, de uma abordagem comunicativa que tem como objetivo captar a experiência estética e seus efeitos subjetivos, fazendo do pesquisador um observador alocado no momento da ocorrência do fenômeno a ser apreendido. Desse modo, concordamos com Mendonça e Moriceau quando estes propõem que:

A experiência estética é primordialmente uma experiência do sensível. Ela ultrapassa o transmissivo, não tem nenhum sentido em si e excede o significado deliberado. Este tipo de experiência não está subsumido ao ato de transmitir um significado ou uma mensagem a ser decodificada. Ela nos alcança através do nosso corpo; nos chega endereçada pelo caminho das emoções, dos sentimentos e das sensações. Desta maneira, nos interessa os modos pelos quais a experiência estética nos chega: os efeitos de prazer ou desprazer, de estranheza ou de reconhecimento, os lugares e as posições de poder que estabelece, as capacidades de expressão que proporciona, o movimento que ela engendra etc. (MENDONÇA; MORICEAU, 2011, p. 79-80)

³³ O problema do outro é revisto por Merleau-Ponty (2014) da seguinte forma: “Se se parte do visível e da visão, do sensível e do sentir, tem-se da “subjetividade” uma ideia inteiramente nova: não existem mais “sínteses” há um contato com o ser através de ondulações, ou relevos... Outrem não é tanto uma liberdade vista de fora como destino e fatalidade, um sujeito rival de outro sujeito, mas um prisioneiro no circuito que o liga ao mundo, como nós próprios, e assim também no circuito que o liga a nós – E este mundo nos é comum, é intermundo.” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 241)

A ocorrência comunicativa se alia à experiência estética. Enquanto observadores desse evento, nos resta transcrevê-lo, partindo dos efeitos de um determinado evento para observarmos e refletirmos os modos pelos quais ele nos provoca naquele instante. Por sua essência contemplativa, o julgamento que se faz do que é “belo” não está relacionado ao seu potencial funcionalista; em outras palavras, a contemplação que fazemos ou a experiência daquilo que nos toca afetivamente não tem finalidade, ela se mostra e, eventualmente, nos toca, nos afeta. Concordamos, pois, com Kant³⁴, quando este entende que existe uma contrapartida desinteressada ao contemplarmos algo que nos parece belo. Shaviro nos faz pensar da seguinte maneira:

A beleza nos atrai. A experiência estética é um tipo de comunicação sem comunhão e sem consenso. Ela pode ser compartilhada, ou possuída em comum, sem unir aqueles que compartilham dela. Isso é o porquê de “uma comunicabilidade universal não estar baseada em um conceito”³⁵... Um bom sinônimo para a estética kantiana desinteressada pode ser a paixão. O escândalo da paixão é aquilo que é absolutamente gratuito, não há uma ocasião apropriada. Nesse sentido é inteiramente livre... Isso me move, me dirige, me possui, mas permanece sempre separado de mim, fora de meu controle. (SHAVIRO, 2009, p. 6-7, tradução nossa).

Se algo nos provoca e nos faz pensar para além do habitual, alterando assim nossos pensamentos e nossa forma de ver o mundo, como pode ocorrer com nosso contato com a arte ou uma produção artística, mas também em outros momentos – e aqui tratamos da experiência estética – seria, em todo caso, um fato puramente racional e não afetivo a relação que teríamos com esse objeto caso nos aproximássemos por interesse, perdendo assim a carga espontânea do acontecimento, porque “um acontecimento nos acomete, nos atropela, e isso produz em nós um efeito mágico” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 273). Fugiria, portanto, da lógica do acontecimento, em que somos espontaneamente absorvidos por essa força afetiva e efetiva estudada pela comunicação do sensível. Quando um/a poeta é questionado “para que serve a poesia” invariavelmente ele/a não encontra uma resposta racional para o questionamento. A situação simulada se aproxima do efeito improvável e afetivo que caracteriza objeto estético.

³⁴ Nos referimos ao estudo que Kant faz na obra: A crítica do Juízo (obra na qual Kant explora a questão estética).

³⁵ Trecho da obra de Kant (1987, p. 79)

No processo social e comunicativo das relações interpessoais, Marcondes Filho observa o seguinte fluxo:

Na investigação da comunicação, portanto, não cabe a procura de um agente causador, pois as coisas não se dão dessa maneira; há todo um jogo entre os participantes, onde entram estratégias de captura, comportamentos de sedução e de contrasedução, apresentando o social como um sistema de ações variadas e imprevisíveis, de estabilização e de rupturas, de encaixes e desencaixes vantagens eventuais e perdas de posição. Essa inconstância é que marca a relação de forças, de avanços e recuos. Aqui só cabe a identificação do efeito de um agente paradoxal, da energia interveniente, das forças que se introduzem no jogo. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 271)

A experiência estética tem isto de complexo: não podemos prever coisa alguma, apenas nos lançamos no desafio da experiência, seja ela qual for. O efeito prático do metáforo é a transcrição do momento em que o estudioso se coloca próximo ao objeto observado, na tentativa de apreender a experiência vivida. Compreendemos, a partir do metáforo, que o sentido alcançado será determinante para a reflexão obtida, *a posteriori*. É o que vemos, contudo, na descrição detalhada de Barthes sobre a sua atração pela fotografia:

É bem verdade que eu adivinhava na Fotografia, de modo muito ortodoxo, toda uma rede de essências: essências materiais (que obrigam ao estudo físico, químico, óptico da Foto) e essências regionais (que dependem, por exemplo, da estética, da História, da sociologia); mas no momento de chegar à essência da Fotografia em geral eu bifurcava; em vez de seguir o caminho de uma ontologia formal (de uma lógica), eu me detinha, guardando comigo, como um tesouro, meu desejo ou meu desgosto; a essência prevista da Foto não podia, em meu espírito, separar-se do “patético”³⁶ de que ela é feita, desde o primeiro olhar... Como *spectator*, eu só me interessava pela fotografia por “sentimento”; eu queria aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho, penso. (BARTHES, 2015, p. 26)

Barthes (2015) se aproxima do metáforo aqui exposto e do nosso objeto de pesquisa pelo modo como descreve a impressão que teve no primeiro momento que se aproximou da Fotografia. Desse modo, não podemos nos abster de uma afetação provocativa que nos aproxima do objeto aqui estudado porque, todavia, há um sentimento. Reconhecemos ainda que há uma essência plástica, ordinária na forma como

³⁶ Incluímos o termo “pático” para substituir “patético”, posto que este adere a uma acepção negativa, provavelmente não pretendida por Barthes.

esse objeto se apresenta e, todavia, nos sentimos fustigados a pensar em outras questões que nos chegam não como uma ideia, mas como uma “ferida”.

Constituídos pelo *sensorium*, não podemos, pois – enquanto pesquisadores de comunicação – simplesmente deixar de lado o aspecto afetivo, que nos provoca em nossa pesquisa enquanto investigação de um objeto estético. Ignorá-lo, reprimi-lo, seria desconstruir o encontro do eu com o mundo ou bloquear a passagem que une nossa subjetividade com a dimensão do real que existe por ele mesmo.

Posto dessa forma, concordamos, ainda, com Mukarovsky (apud SODRÉ, 2006, p. 89) quando diz que: “a arte não é naturalmente a única portadora da função estética: qualquer fenômeno, qualquer fato, qualquer produto da atividade do homem pode tornar-se signo estético”. Reconhecer a aproximação afetiva pelo objeto não implica deixar de refletir sobre suas provocações, ao contrário, só não faremos isso do ponto de vista de um outro, que nos é insondável, embora tal objeto implique ainda a posição de um outro que o percebe.

Dentro dessa linha de pensamento, a particularidade do signo estético é a pluralidade de sentido, a polissemia, que justifica tanto a abertura do sentido (a possibilidade de a obra mudar de significação ao longo do tempo) como a relação mutável com o mundo externo. Nesta relação, o signo estético funciona como signo de “comunicação”, abrindo-se para uma semântica do imaginário coletivo, presente na ordem das aparências fortes ou formas sensíveis que invertem as relações intersubjetivas no espaço social. O estético – melhor ainda, o “estésico”, para se desembaraçar a estética da tradição filosófica de julgamento das obras de arte ou mesmo industriais – aparece aí, então, como o conteúdo afetivo da vivência cotidiana. (SODRÉ, 2006, p. 90)

É, portanto, a partir do metáporo enquanto procedimento de pesquisa – cuja abertura nos permite atravessar o campo de investigação sem mapas, dando margem ao pesquisador para criar, no momento de descrição do fenômeno observado – que conduziremos um relato aproximativo do objeto pesquisado. No estudo do processo comunicativo ocorrido no ambiente virtual da Internet – a relação dos usuários com os produtos audiovisuais criados pelos vloggers no YouTube – abrimos um leque de alternativas para corroborar com as pesquisas sobre a experiência estética nos estudos de comunicação, refletindo sobre os aspectos contemporâneos do cotidiano que é apresentado.

5. Paródia

Neste primeiro relato, pensei em observar o 6º vídeo publicado no canal de Whindersson Nunes no YouTube, intitulado “Oi, meu nome é João”, pois me pareceu ser o primeiro vídeo em que Whindersson de fato cria uma história sobre algo pessoal para compartilhar com seus seguidores. Antes disso, cabe voltar ao primeiro vídeo. Volto ao primeiro vídeo, apesar de ele fugir à linha de observação na qual tentei me organizar para não extrapolar o recorte de pesquisa, pois trata-se de uma paródia, chamada: “Alô, vó, tô reprovado”³⁷. Antes de assisti-la, pensei: claro que está (reprovado)! Alguém de pouco mais de 15 anos que se torna um “ídolo” na Internet não haveria de estar enquadrado nas normas e grades curriculares de uma escola. Escolas foram feitas para mentes disciplinadas, direcionando o alunado ao regime profissional do mercado. Vídeos do YouTube, portanto, não fazem parte do interesse escolar. Nem mesmo para discussões. Baseei-me, evidentemente, na ideia de escola a qual estava acostumada a frequentar. E àquela época – penso no momento em que fiz o ensino médio (entre 2005 e 2008) – vídeos de amadores no YouTube³⁸ não eram vistos, nem compartilhados, além de raros, tamanha a restrição no uso de aparelhos de filmagem que hoje estão, como se sabe, na palma das mãos.

“Alô, vó, tô reprovado” foi o vídeo que inseriu o nome de Whindersson Nunes na lista de youtubers brasileiros em 2013. A produção do clipe-paródia foge do formato de vídeo amador feito no quarto que, em seguida, Whindersson passou a adotar: vídeos, em sua maioria, de conteúdos pessoais contados com humor. Mas gostaria de destacar trechos e imagem que me chamaram a atenção na paródia: o primeiro clipe postado no canal de Whindersson.

A paródia retrata o adolescente de escola pública criado pela avó que tira nota zero por passar o dia inteiro no Facebook. A ideia da paródia talvez condiga com a realidade que Whindersson observa e expõe: “saía adoidado pra no Google pesquisar frases de Caio F. Abreu pra no meu mural eu postar!”. No final, declara: “vó, tô reprovado

³⁷ Paródia feita da música “Alô vó, tô estourado”, da banda Forró Safado, conforme mencionado no vídeo.

³⁸ Nos Estados Unidos, um dos primeiros livros acadêmicos a serem publicados sobre o YouTube foi *The Television Will be Revolutionized*, em 2007, da pesquisadora Amanda Lotz. Em um dos trechos, ela diz: “No final de 2006, ainda não estava claro se o turbilhão de vídeos amadores era meramente passageiro ou se iria revolucionar a TV”. O YouTube, no entanto, foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, sendo oficialmente lançado como site de compartilhamento de vídeo na internet em junho de 2005. (BURGESS; GREEN, 2018, tradução nossa)

e o Facebook é o culpado”. Paródias, definitivamente, não são as categorias de vídeo mais produzidas na plataforma. A paródia³⁹ nos remete a um gênero da Era Clássica em que havia a separação da melodia e da letra na música. Só depois, na Era Moderna, Scaligero (século XVI) propôs um estudo mais apurado do termo, compreendendo a ideia de paródia como o inverso de rapsódia. Se a rapsódia denota seriedade, a paródia denota comicidade. A paródia, assim, foi utilizada para entreter os ouvintes das rapsódias recitadas pelos poetas homéricos. Como observa Agamben (2007), para a paródia existir precisa haver um modelo preexistente: o que era sério passa a ser cômico pela transposição de palavras, tornando o ato ridículo. Whindersson destoa das criações do YouTube quando cria, protagoniza e publica um vídeo com outros colegas em uma escola pública que aparentemente frequentava. As gravações da produção e a edição do vídeo são malfeitas. Sua produção é autoral. A condição amadorística remete a uma realidade próxima. Tudo é real: estou vendo um adolescente com seus colegas de sala, numa escola pública do interior do país. As pessoas que participam são mais “reais” do que o próprio Whindersson, aparecem e simulam muito mal qualquer ação pensada antes. A realidade tem essa incongruência: parece e, às vezes, é menos colorida do que a expectativa.

Segundo relatos posteriores no canal, Whindersson comenta que sua paródia foi vista por milhares de pessoas em poucos dias. No dia em que a observei, passa de onze milhões de visualizações. Certamente, a paródia tornou-se mais conhecida do que a letra da música original. Seria esta a chave do sucesso de Whindersson? Seu modo de expressar-se criticamente mascarando qualquer seriedade, tornando uma realidade dura mais fácil de encarar? A chave de sucesso talvez não seja uma chave, não há chave. O que me toca em seu vídeo é a pureza do mal-acabado. Me compadeço da escassez e da tentativa do fazer sem pretensões, ao mesmo tempo, rio da montagem toscas e da letra escancaradamente realista ao observar comportamentos seus ou alheios a respeito do uso das redes sociais. O conflito que o excesso de distração nas redes sociais causa é pauta para programas de TV, matérias jornalísticas, livros de psicologia, filosofia, sociologia, etc desde o momento em que essas novas redes surgiram como novos meios de comunicação. De modo que, optando por abordar um tema com essa condição expressamente local e universal, Whindersson fala a partir de uma metalinguagem, utilizando-se do próprio meio para confrontá-lo, mesmo que seja um confronto cuja finalidade é aquela a qual critica, pois deseja que outras pessoas percam tempo com o seu

³⁹ Agamben, Giorgio. Profanações, p. 38.

vídeo e “reprovem” por sua causa. Mas não há claramente nenhum desejo marcado em sua produção. O que há de claro é a novidade do desconhecido, é o descompasso do vídeo com outras produções na plataforma, a sinceridade de mostrar como é, a ousadia do ato criativo que sobrepõe qualquer atuação reconhecidamente já marcada. Escusado dizer que a linguagem empregada nessa e em outras produções foge da formalidade a que estamos acostumados e mesmo isso me alivia, é como se houvesse um lugar onde posso errar sem ser reprovada.



Imagem3: Whindersson Nunes protagoniza paródia mostrando ser um aluno viciado em redes sociais

Pontuei, rapidamente, a respeito desta paródia que me chamou a atenção pela criatividade exposta em sua letra, pela crueza do clipe e pela verdade que considero haver, por princípio, no que há de pouco elaborado nas imagens. Olho e penso: Whindersson é de fato esse garoto pobre do interior do Piauí. Ele filma a sua escola, chama seus colegas para participarem do vídeo, critica em um só tempo a escola, o Facebook, sua geração e uma estrutura familiar composta por avós e não por pais. Ele parodia uma vida que ele conhece e nos mostra. Questiono agora se a paródia se assemelha a uma versão satírica ou dramática de um determinado recorte de realidade.

6. “Tá me filmando?”

Chego ao 6º vídeo publicado no canal de Whindersson, intitulado “OI, MEU NOME É JOÃO”. Passei por ele algumas vezes e decidi observá-lo mais uma vez. Os anteriores poderiam compor o relato, mas incluí-los prolongaria minha inicial intenção de ver Whindersson pela primeira vez criando um vídeo de humor com um assunto particularmente próprio: seu nome. Até então, os vídeos publicados se resumiam a paródias, humor barato com caracterizações de mau gosto, vídeos sobre suas opiniões a respeito de uma tragédia, outro respondendo perguntas e o que havia acontecido com o seu canal hackeado. Neste sexto vídeo, Whindersson brinca com a complexidade do nome. Em vez de dizer: TODO MUNDO ERRA MEU NOME ou NINGUÉM ACERTA MEU NOME, ele simplesmente afirma uma mentira para fugir do ato previsível. É claro que as pessoas sabem que seu nome não é João. Mas pode ser que haja um desavisado que simplesmente pense antes de clicar no vídeo: puxa vida, sempre achei que o nome dele fosse Whindersson. A brincadeira começa com a ambiguidade do título que me parece próprio do humor e de uma certa genialidade que a categoria exige.

No vídeo, um garoto magricela com os dentes tortos, vestindo uma camiseta publicitária de um hotel local, surge diante da câmera tentando parecer espontâneo. Em apenas 10 segundos de vídeo, cortes seguidos dão uma certa sensação de descontinuidade proposital, a meu ver, nada interferem na sequência de imagens, a não ser pelo súbito desaparecimento de uma nota de 20 ou 50 reais que havia sobre a cômoda de seu quarto. Fora a estranheza do excessivamente banal sendo exposto sem qualquer “maquiagem”, noto uma súbita leveza pelo ruído próprio do momento gravado: a falta de efeitos sonoros – especialmente de vinhetas, muito comuns nesse tipo de produção – enriquece o sentido realístico que o vlogger transmite em sua filmagem.

Aliás, o simples fato de não haver efeito sonoro me leva a um outro ponto que gostaria de assinalar melhor diante de produções como essas que, notadamente, surgem em princípio como um ato de pura auto-expressão, sem nenhum valor econômico por trás ou sem haver nenhum propósito maior, até agora, do que “testar” um talento, fazer uso do tempo ou aparecer em algum lugar, mostrar-se a si mesmo.

O não aparecimento de um efeito sonoro dá margem para o aparecimento de outros sons, sonoridades completamente reais: zumbidos de moscas que não vemos, mas que Whindersson faz questão de destacar: “porra, mosca, tu tá aqui de novo?” indaga enfático. Do lado de fora da janela, a aceleração de uma motocicleta atrapalha seu

raciocínio, e novamente ele interrompe seu discurso humorístico para destacar o barulho e a irritação de estar sendo atrapalhado. “Por que sempre passa uma moto quando eu tou gravando, é macumba?”



Imagem4: Whindersson grava vlog contando de forma humorada problemas relacionados ao seu nome

Nos programas humorísticos televisivos, os efeitos sonoros – contrariamente do que se observa aqui – são usados como uma muleta: uma personagem entra no palco, ou em cena, faz o seu show e em seguida risadas de uma plateia invisível tomam conta do ambiente. Na maioria das vezes, contudo, não há a menor graça no que se vê e ouve. E as risadas gravadas continuam a compor o quadro do programa numa clara artificialidade imposta ao telespectador. Como se nos dissesse: veja só como somos engraçados, se por ventura você não está rindo, é porque não entendeu a piada ou porque você é um mal-humorado.

Greenberg (apud COELHO, 2006) critica os produtos da indústria cultural por seus idealizadores pressuporem que os consumidores só consigam assimilar aquilo que é fácil, figurativo, mastigado para o consumo, sem nenhum tipo de esforço e sem qualquer variação que alimente no interlocutor um contraponto que instigue à reflexão, ao pensamento crítico, a outras ideias.

Uma das maneiras de se mastigar o que já é fácil para um público supostamente abobado é o que Greenberg (*op. cit*) chama de “prefiguração do efeito”. Os efeitos sonoros, assim, fariam parte do que Greenberg entende por prefiguração do efeito: um artifício para deixar mais claro ao espectador uma intenção qualquer. O espectador, aliás, funciona, nesse sentido, apenas como consumidor: indivíduo destinado ao consumo puro e simples, tolhido pelo processo de consumo a pensar, indagar, supor.

Pensemos na trilha sonora típica de um filme hollywoodiano: tende a servir quase que como uma legenda não-escrita para aquilo que está quase acontecendo. O momento em que será dado o primeiro beijo é precedido por uma música “romântica”; caso isso não baste, a paisagem ao fundo será a de um pôr-do-sol, numa praia, por que não? E é comum que, em volta dos amantes, aos círculos, a câmera vá se afastando da cena, como uma gaivota, ou como um Cupido, ou talvez ainda como uma fita de cetim cor-de-rosa, a celebrar num voo o enlace do casal. Este é o clichê dos filmes da década de 30 ou 40; mas também assim funcionam as cenas de amor de Titanic: tudo, ali, reitera a mesma ideia (nasce uma paixão). E não é possível ao espectador reagir de outro modo que não o de repetir, para si mesmo, “ah, a paixão!”. Assim se afirmam “o reconhecível, o milagroso, o simpático”, para usar os termos de Greenberg. Ou melhor, não é o espectador quem diz: “ah. A paixão!” para si mesmo; o próprio filme se derrete nessa frase. (COELHO, 2006, p. 164)

O vídeo cru de Whindersson, quando era um simples garoto do interior do Piauí, traz ainda as dimensões de um humor tipicamente local: carregado de sotaque, sem riso, sem efeito de imagem ou de som, inserindo-se um lado realístico e hilário de sua existência, marcadamente pobre e fora de padrões estéticos, até no nome. “Eu não gosto muito do meu nome” diz, fingindo estar decepcionado. Numa sucessão de cortes secos, ele explica: “porque é muito complicado...”. Sem rir em nenhum momento, as expressões faciais alternam rapidamente, conforme os cortes. Ora imitando ser seus pais, ora o escrivão que registra seu nome, ora sua professora ou mesmo desconhecidos que não entendem e não sabem falar o nome Whindersson. “Sabe aquelas pessoas que têm nome bonito, aí pesquisa no google o significado do nome, aí sempre tem uma coisa que estimula a pessoa a viver, sabe...” Nesse momento, acho divertido ele associar um nome bonito a um significado importante e, ainda, a um melhor estado emocional da pessoa que porventura se ajuste ao nome bonito e ao significado importante. Todas essas inferências nos remetem a categorias estéticas aliadas ao humor. Ele continua:

Tipo, Robert! Robert significa “o que brilha na glória” ... E Whindersson, velho? Whindersson deve ser “que porra é essa”. A mãe falou que se meu nome não fosse Whindersson, ia ser Fábio. Aí eu fiquei feliz: porra, Fábio deve ter um significado do caralho. Fábio... Pesquisei no google, Fábio significa – dimensiona em tom de grandeza com as mãos – plantador de feijão... (OI, MEU NOME É JOÃO. 1’’30 a 1’’50) ⁴⁰

Outra vez supondo estar desapontado, se encolhe desmotivado com o significado do nome para dizer: “É, sou mais Whindersson mesmo”. A brincadeira de Whindersson, que começa falando de si mesmo, ganha outro sentido ao recriar situações fictícias para expressar ainda mais a sensação de exagero que toda piada cria, mas para além disso, ele interfere no que há de comum com o seu interlocutor: todos temos um nome e se temos um nome comum com um significado interessante e profundo, daremos risada dessa constatação pouco rotineira em nossas conversas do dia a dia. Mas, igualmente, nos colocamos na posição do interlocutor que sofreu para explicar ou, ao menos, teve de soletrar seu nome em diversas ocasiões. Nos colocamos no seu lugar e fazemos ainda uma varredura em nossos conhecidos para saber se alguém se identifica com a temática, quer dizer, se conhecemos alguém de nome pouco usual, temos o impulso de repassar o vídeo para que a outra pessoa veja, se veja e possa se divertir, assim como fizemos ao ver o vídeo.

Mas será que o que me prende ao vídeo é apenas a temática, o amadorismo bruto, a vida simples um garoto do interior do Piauí? Certamente, o que me prende ao vídeo é a novidade: a novidade das falhas tão visíveis, a pouca cerimônia com que Whindersson se mostra e interpela seu público indeterminado. Não posso deixar de mencionar que, ao falar de si mesmo e do que há de mais comum nos outros, Whindersson sabidamente não nos deixa confortáveis: ao contrário. Somos interpelados a nos mover, somos instigados a depor: “ei, tenho algo em comum com o seu ‘sofrimento’ transfigurado em ‘alegria’ pelo poder do humor”, talvez lhe disséssemos isso. Mas ficaria ainda muito polido, falso, pouco vivo, impróprio para uma situação como essas: de despreendimento, de nudez, de realidade, uma realidade que se mostra sem artifícios. A artificialidade, em todo caso, parece ser uma condição quase inaceitável nesse ambiente de tantas intimidades expostas.

Vejamos como alguns de seus interespectadores reagem:

Interespectador 1: Nunca superei esse vídeo kkkkkkkk O Kolene e o Leite de rosas lá atrás... super relíquia

⁴⁰ Vídeo publicado no dia 1 de fevereiro de 2013. Acessado no dia 29 de maio, computando 6.979.916 visualizações.

Interespectador 2: O maior canal , melhor, mais divertido , mais criativo , mais engraçado , mais popular , com mais fãs do qualquer outro no nordeste mais não só no nordeste que faz sucesso.em um ano atrás esse canal só tinha 100mil escritos agora são quase 2milhões Éh impressionante oque esse cara humilde e bacana faz com apenas uma câmara.parabéns seu canal Éh a alegria de 1milhão e 800mil pessoas valeu .

Interespectador 3: eu tenho um primo chamado Políbio kkkkk

Interespectador 4: Meu nome é weldys , dá até medo dos professores falarem alto

Interespectador 5: e aquele leite de rosa no armario dele quem é nordestino vai sentir a nostalgia kkk

Interespectador 6: Caraca vídeo antigasso do windersson , e msm assim ainda dou muita risada. Só ele msm pra arrancar um sorriso tão fácil da minha cara

Interespectador 7: Quando eu falo meu nome todo mundo entende errado. Julio, tulio, Rui. Eu acho que elas entendem quando eu digo Rhullyo, elas escutam o som do R no começo mas penso que elas não acreditam no ouvido e me perguntam mais umas 2 ou 3 vezes até eu dizer já com raiva e alto Rhullyo com R.

Interespectador 8: Ele dizendo que precisava de ajuda para comprar equipamentos e ficar mais profissionais os vídeos, mal ele sabia que ia ser o maior YouTube do Brasil, com vídeos no quarto sem toda a papagaiada profissional (sem querer desmerecer)

Interespectador 9: Parabéns meu amigo,mal imaginava quanto talento tinha,e hoje é esse cara alegre que sempre faz a gente rir, tudo de bom meu irmão

Interespectador 10: Eu vendo me emociono 🥺💕

Interespectador 11: Haaaa , tô aqui assistindo os primeiros vídeos dele , virei mas fã Ainda , independente de tudo , de toda riqueza , de todas as viagens , o cara não mudou nada em relação a pessoa que ele é , humilde ❤️ tu é o caraaa
❤️❤�

Interespectador 12: Saudades de quando essas motos atrapalhavam a gravação kkkk

Dos mais de 26 mil e 200 comentários do vídeo “Oi, meu nome é João”, tentei capturar aqueles que de algum modo exprimissem reações diretas, sentimentos e opiniões pessoais dos sujeitos que assistem, interagem e participam do canal de Whindersson. Não

há como avaliar, no entanto, se estes sujeitos são fãs⁴¹ ou apenas admiram a figura que veem no vídeo. Se o gosto provém da identificação com o lugar de origem e a escassez de recursos – condição própria de um adolescente de classe média baixa do interior de um dos estados mais pobres do Brasil – ou da criatividade, observada na forma como se expressa e cria situações de humor com o que há de mais pessoal nele e comum nos outros, de forma leve, espontânea.

Alguns de seus interespectadores comentam aquilo que observam no vídeo e o remetem a algo próximo a eles. Como os produtos que ficam em cima da cômoda: cosméticos de baixo valor econômico, mas de grande valor afetivo, amplamente usados em muitas partes do país. É o caso do “Leite de rosas”. Imagino que a infância de muitos dos que comentam tinha o cheiro do “Leite de rosas”. Minha própria infância foi marcada por produtos e marcas como essas. O valor sentimental ultrapassa a figura do sujeito que se mostra, está nos detalhes do enquadramento que o formato possibilita no vídeo. Está ainda na sonoridade da voz, nas pausas, no olhar desconcertado, na timidez ainda explícita.

Nada fica despercebido no vídeo: o que é comum para quem se mostra de forma tão transparente. O quanto isso é montado ou artificial? Difícil avaliar de maneira técnica: pode-se sempre pensar que ao preferir filmar um lado do cenário, em vez de outro, o vlogger estaria sendo artificial. Atenho-me, no entanto, ao que é mostrado, dito e sentido. No final do vídeo, Whindersson se queixa da falta de equipamentos técnicos para fazer vídeos “melhores”, “mais profissionais” e pede que seu público o ajude com uma “vaquinha online”. Era exatamente a atuação diante da escassez dos recursos profissionais que tornava Whindersson uma revelação no YouTube. A falta, a ausência do que é “melhor” talvez seja justamente um fator de aproximação entre Whindersson e o público que o descobria. Um público que me parece ser constituído, em sua maioria, de nordestinos, interioranos, adolescentes, pessoas de classe média baixa, crianças e adultos que de algum modo se identificam com o que não há de “melhor” em termos técnicos e de cenário, mas de original, autêntico, natural.

As tecnologias digitais, de algum modo, retiraram da categoria estética do belo a associação ao que é bom. Vimos, até agora, aquilo que não é “belo” associado ao gosto massivo do público que consome vídeos do YouTube. No interstício entre o meu gosto e

⁴¹ Consideramos como fãs aqueles sujeitos que, além de admirar, participam ativamente de eventos relacionados ao ídolo ou criam e participam ativamente de páginas de fã-clubes na internet.

o gosto do público existe, sem dúvida, uma infinidade de variações. Abordo, pois, aquilo que me vem espontaneamente ao pensamento quando observo cada cena, cada detalhe e mesmo quando encontro um comentário que me instigue. Pensar a imagem é ainda se sujeitar à visibilidade, à aparência e à emoção do espetáculo. Mesmo que esse espetáculo anule tudo o mais que o constitui como espetáculo.

7. a MINHA infância (:

Como espectadora de vídeos-vlogs, sou convidada a participar de uma história que não é minha. Mas talvez tenha algo de minha, também... Aliás, o pronome possessivo dos títulos ajuda a dar ainda mais destaque ao que não nos pertence, mas nos instiga a ter, mesmo que pelo olhar afetado do outro.

Recordo de um tempo, há 4 anos, em que passei a me interessar pelos vlogs. Primeiro, pela curiosidade de ver pessoas se auto filmando com uma facilidade e uma vivacidade tremendas. Era nítida a vontade que emergia da tela para simplesmente aparecer em um vídeo na internet. Mesmo que não tivesse nenhum impacto aquela aparição gratuita. Impacto é uma palavra forte para o caso. Digamos: mesmo que não houvesse nenhum intuito para além do fato de ver-se e se fazer ver. Sinto, nesse vídeo em especial, essa mesma sensação: estou diante de uma alegria gratuita que me faz igualmente alegre, gratuitamente.

O cenário desse vídeo é o mesmo do vídeo anterior: vemos a cômoda com os saudosos cosméticos da minha infância, a cama que lhe serve de cadeira, o cesto de roupas – agora vazio – e o cabide vertical com algumas roupas penduradas. Diferente do outro vídeo, Whindersson aparece mais festivo, de espírito leve, risonho. A primeira tomada do vídeo é o cenário vazio... Ele fica atrás da câmera para apertar o play que dá início à gravação. Então, aparece. Se ajusta em frente à câmara e ri com os dentes travados fazendo um barulho agudo. Irônico, ele pergunta: “Olá, galera que assiste o meu canal! Tudo bom com vocês?” Simulando conversar com pessoas amigas e próximas, ele começa o seu depoimento:

_ Pois é, um dia desse eu dei “boa noite” pro pessoal do Facebook, e aí eu lembrei de uma coisa muito antiga que foi a TV Cruj/ eu tinha postado até: Boa noite, pessoal! Cruj, cruj, cruj! (gesticula as mãos fechando e abrindo) Tchau! (abre a palma da mão como se desse um

super tchau)/ Aí, o pessoal começou a falar: nossa, desenterrou... essa é antiga; e eu comecei a lembrar da minha infância naquele momento/... Pô, a minha infância foi muito boa. Graças a deus, eu tive uma infância bem saudável. Eu era daqueles meninos mermo que / brincava com o pé no chão, arrancava o tampo do dedo jogando futebol nas calçada com meus colegas/ o único problema da minha infância era que eu sempre queria ser o “power ranger” vermelho.

As barras postas no texto acima simulam os cortes da fala no vídeo que, por sua vez, reproduzem uma espécie de movimentação que o vídeo não traz. Nos dando apenas uma posição e um ângulo, como uma eterna tomada sem variação. Por mais que esse tipo de filmagem possa ser tremendamente desconfortável no cinema, vejo que, no YouTube, o formato dá lugar a uma estética própria, de certa forma padrão, mas ainda mais personalista, aderindo às condições próprias do autor que a produz.

O tema da infância volta como uma tônica nos vídeos de Whindersson, talvez porque a infância para ele seja um passado recente. Mas também porque, certamente, se colocando no lugar de seu público, ele possa imaginar que há muito mais crianças, adolescentes e jovens do que adultos. Adultos se interessariam por esse tipo de vídeo? Por quê, não? Todos tivemos infância e, para falar desse momento que remete ao que é lúdico e mágico, nada melhor do que um vlogger que perceba – com a intensidade e a ingenuidade infantis que o caracteriza – o que foi para ele marcante.

De todas as lembranças expostas, somente a “TV cruj” não faz parte de meu repertório infanto-juvenil. Falar de TV, e sua programação com desenhos animados, parece ser algo realmente do passado: mais especificamente dos anos 90 e começo dos anos 2000. Um tempo do auge da TV Globinho (na TV Globo), do Castelo Rá-tim-bum (na TV Cultura), e do Band Kids (na Bandeirantes). Diferentes épocas também são marcadas por diferentes produtos culturais de entretenimento. As crianças desta década, que hoje assistem aos vídeos no YouTube, se lembrarão com nostalgia da época em que Whindersson comentava causos de sua própria infância? O desaparecimento dos programas infantis na programação da TV aberta talvez tenha dado espaço justamente a uma outra categoria de entretenimento: essa que mescla experiências individuais e criações no YouTube. É muito cedo para especular se as ficções características dos desenhos infantis perderam seu valor com as criações individuais de sujeitos em plataformas de vídeo online, porque há outros espaços onde esses produtos circulam com mais ou menos público. Entretanto, o acesso irrestrito aos conteúdos do YouTube certamente dispersou a audiência – antes concentrada – dos programas infantis na TV aberta dos anos 90 e 2000. Os desenhos animados continuam sendo vistos em muitos

suportes, o que muda, definitivamente, é o espaço de exibição dessas animações: agora não mais restritas a uma grade de programação televisiva, nem à sala de estar da casa.

Os restaurantes, os carros, os ônibus, o metrô, a sala de espera da clínica, todos esses espaços reservados para o tédio da espera foram transformados em espaços de exibição, não só de animação infantil (reservado, antes, à grade da TV aberta), mas de qualquer tipo de conteúdo possível de ser visto pelo acesso *streaming on-line* ou *on-demand*: inclusive e, apropriadamente, os vídeos no YouTube. Por isso, com razão, Paul Virilio constata:

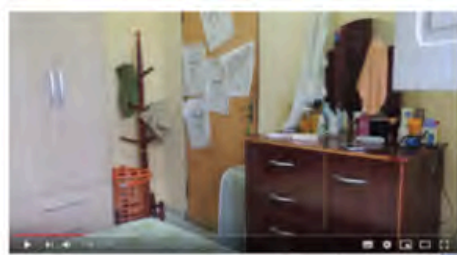
Ver uma paisagem desfilar pela janela do vagão ou do automóvel, ou olhar uma tela de cinema ou de computador como quem olha por uma janela, a não ser que o vagão ou a carlinga, por sua vez, tornem-se salas de projeção... ferrovia, automóvel, jato, telefone, televisão... nossa vida inteira passa pelas próteses de viagens aceleradas das quais já nem temos consciência... “a necessidade de peregrinação acabou instituindo no próprio deslocamento a fixidez da vida”. (VIRILIO, 2015, p. 66).

“Mas os meus amigos nunca deixava eu ser o ‘power ranger’ vermelho, velho”, continua Whindersson, ironizando o que seria o seu sofrimento quando menino. “Porque eu era o mais pequeninim, o mais branquelo, o mais... viadim/ me dava um ódio, véi... Toda brincadeira que tinha quando eu era pequeno/ eu era café-com-leite”. No vídeo, Whindersson intercala entre fingir está chateado e demonstrar ser apenas um depoimento humorado do caso. Continua:

Todo mundo corria para brincar de pega-pega e tal/ corria todo mundo agoniado com medo de ser colado e eu lá... parado no mei, porque ninguém me pegava, porque eu era café-com-leite/ Café-com-leite era o bullying das brincadeiras/ Diga não ao café-com-leite... Café com leite é gostoso... Odiava ser café-com-leite/ Clique em gostei se você também odiava ser café-com-leite, tá?

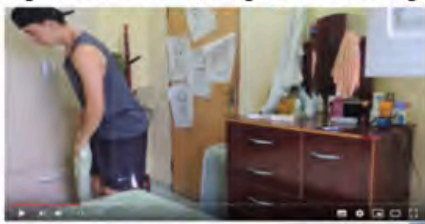
Os minutos seguintes são de cenário vazio, Whindersson sai da frente da câmera. Ao longe, um grilo cricrila, tornando a atmosfera audiovisual mais composta de vida interiorana. Em seguida, Whindersson aparece segurando um travesseiro, esperando um inseto aparecer – precisa dizer que é a mosca? – para atacá-lo... Bate com o travesseiro no ar e no chão, mas não se vê qualquer inseto. “Acho que, agora, eu matei”, diz olhando para vários pontos do chão.

Os espaços vazios, os segundos de silêncio, são modos estritamente imagéticos de expressar um real que foge à narrativa memorialística de Whindersson. Um real puramente enfático, que inclui as fissuras de descontinuidades na gravação. Não basta mostrá-lo para contar o que ele sente e pensa: o corpo precisa deslocar-se, o movimento do corpo é talvez mais expressivo que a narrativa. Gestos aparentemente espontâneos realçam o que há de mais real em todo o vídeo. É o momento em que não há um rosto que finge que me olha sem me ver, e eu, como espectadora, posso consumir meu desejo oculto de ver sem ser olhada.



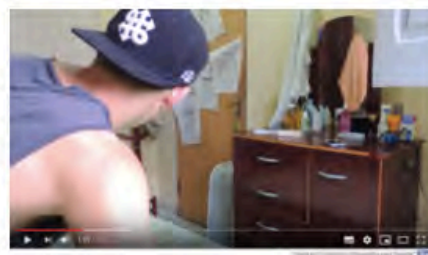
a MINKA infância ()
2.921.267 visualizações

Imagem 5: cenário vazio, um grilo cricrila ao longe...



a MINKA infância ()
2.921.267 visualizações

5.2: Whindersson segura o travesseiro procurando algo



a MINKA infância ()
2.921.267 visualizações

5.1: Whindersson pega um travesseiro.



a MINKA infância ()
2.921.267 visualizações

5.3: desiste do ato, assinalando ter matado o algo.

As digressões, os erros, as falhas, compõem o vídeo como parte essencial do manifesto expressivo do ser vlogger. Whindersson lida muito bem com as falhas, a ponto de transformá-las em personagens invisíveis. Consciente ou inconscientemente, ele inclui o que o cerca e destaca as movimentações ao redor de seu quarto para compartilhar com seus seguidores, ao mesmo tempo, seu passado em forma de narrativa e seu presente em forma de expressividade: sua “visão independente de nossa relação sensível no mundo” (MERLEAU-PONTY apud CARBONE, 2011, p. 116).

Ao contrário dos diários escritos, os vlogs realçam em tom confessional não só o que um determinado sujeito viveu, mas como ele vive: suas pulsões, maneiras, gestos, olhar... Os vlogs resgatam o que há de mais contemporâneo na vida íntima de cada um.

“Quando eu era pequeno”, continua Whindersson no vídeo sobre sua infância, “uma coisa que eu gostava muito de fazer, também, era balançar na rede/ brincar de rodeio na rede. Quem foi que nunca brincou de rodeio na rede?”

A sequência de cortes dá margem para Whindersson personificar parentes e conhecidos que marcaram sua infância. As brincadeiras são outras formas de particularidades locais que tornam o depoimento do vlogger ainda mais curioso. Ele explica:

A pessoa arma a rede, um senta no mêi da rede, o outro fica lá nos punho da rede para poder puxar, para dizer que é o touro que tá pulando... / a única coisa que eu não gostava de brincar de rodeio em rede era porque eu sempre era o que sentava no mêi, porque eu não tinha força para puxar ninguém/ e meu primo que ia me puxar nos punho da rede era sempre mais usado de satanás do que qualquer outra criança da terra/ Aí eu falava: ei, devagar... / aí ele: tá bom... hamhamham (Whindersson imita o que seria o rosto maquiavélico do primo)... A brincadeira era pra durar 8 segundos, mas eu não aguentava um, porque na hora que eu falava “já”, ele: HÔOOOOOP! (simula o barulho da rede subindo com alta velocidade) e eu: HUUUP! Batia lá em cima...

As brincadeiras com a rede realçam a vida interiorana do nordestino, assim como as palavras cortadas, o vocabulário raso, a rapidez com que fala... Quando simula barulhos como a velocidade com que o primo balança a rede ou cai no chão, Whindersson chama os sons que ele mesmo produz de “efeitos sonoros de Whindersson”, destacando a falta de artificialidade no vídeo, ao propor o que para ele seria um efeito, mantendo-se íntegro no que se desenha para o público como uma completa integridade do real no vídeo. Às vezes, também preciso pausar para entender o que é dito. Mesmo conhecendo todas as gírias de Whindersson e suas expressões típicas do “piauiês”⁴², reconheço que a velocidade com que fala e os cortes entre palavras, e não entre orações, dificulta o entendimento, em alguns momentos.

As expressões faciais de Whindersson materializam um pouco as suas memórias: não sabemos se rimos do que ele fala ou de como ele representa as histórias, dando um ar leve e ao mesmo tempo grotesco ao que ele apresenta.

Eu não podia ver uma rede que eu já pulava dentro e começava a balançar.../ Meu único problema é que eu gostava de balançar muito... / sabe quando a gente vai balançando e não a gente não vai vendo que tá balançando rápido... E vai indo! E vai indo... (simula com as mãos o movimento perpendicular da rede subindo). Aí, chega uma hora que você tá lá em cima e começa a perder o chão... menino, quando você dá

⁴² O Piauiês é considerado uma linguagem própria do piauiense. Assim chamado por incluir expressões e alcunhas estritamente locais.

essa balançada que fica lá em cima, você começa a oiar pu chão assim ó ... (arregala os olhos em direção ao chão)... Cê num vê o chão, cê vê um abismo. Naquele momento ali cê já começa a pensar que não vai haver um amanhã pra você, sabe... Tudo aquilo que você conquistou nos seus 5 anos de vida vai se perder... Aí a rede desce: RAAAMP! Dá aquele solavanco assim que dói na coluna, mas graças a deus sai tudo bem...

Sem uso de efeitos sonoros eletrônicos, Whindersson se utiliza dos gestos faciais e de sua voz para fazer o que seria os efeitos sonoros das movimentações e das quedas na rede, tornando o relato criativo, simples e engenhoso. Como se dissesse: não preciso de artifícios para me fazer engraçado, interessante e original! Posso ser tudo isso sem usar nada que não seja meu próprio corpo: como um verdadeiro artista. Como Chaplin?!

Pior é quando quebra os punho da rede/ sabe quando você tá balançando e quebra os punho da rede, cê cai de bunda, assim, parece que a bunda entra uns 5 centímetro para cima da coluna, sabe... Geralmente quando acontecia essas queda comigo, eu não chorava. Por quê? Porque o menino de rico, quando ele cai, ele faz questão de chorar para mostrar pra mãe que ele está precisando de ajuda... (altera a voz para deixá-la mais afeminada) __ Aaaaii, mamãe, áhhh, eu levei uma queda, mamãe.../(mãe do menino rico) Ô, meu fíí caiu, meu fí... ô meu deus... / __AHHH, caí, mamãe, me dá um Playstation 3, mãe? / O menino do pobre, não. Menino de pobre quando ele cai, ele já não chora que é pra mãe dele não perceber que ele tá fazendo traquinagem, entendeu? Agora, o negócio fica fêi se ele não resistir e chorar... __RÁÁÁÁ (choro exagerado) ... ÁHHHH! ÁHHHH! / Óia, Carminha, o menino caiu, Carminha! (imita uma mulher...)/ Valêi-me, meu deus! Meu fíí caiu! (imita a mãe do menino de pobre e leva as mãos ao rosto em tom de desespero...)... Óia, rapaz... Vem cá! VENHA CÁ! (engrossa a voz) Venha cá que eu vou te dar uma pisa pra tu apreender a nunca mais balançar de rede... (simula uma mãe brigando com o filho, olhando para o lado com o dedo em riste).

A infância de Whindersson fora marcada pelo rebaixamento ante os colegas, pelas brincadeiras de pega-pega, rodeio na rede, pelas quedas e pelas repreensões de sua mãe. Quando atua no papel da mãe, ele cria um momento em que me excedo no riso, posto que reconheço em minha própria infância a imagem da mãe que permanece presente em minha memória. Whindersson não é só um vlogger que conta sua vida, Whindersson expressa, atua, produz sonoridades e inclui personagens que, de alguma forma, são personalidades familiares que temos em comum. Ao priorizar contar aquilo que de algum modo foi negativo em sua infância, Whindersson tira o peso do sofrimento individual momentâneo para transformá-lo em riso. O ato confessional de Whindersson parece, aqui, se mostrar mais solidário e humano do que egoísta. No fundo, a sua infância se estende

para a nossa infância: a infância que marcou, deixou cicatrizes, mas que vale ser lembrada e se divertir com ela.

Alguns comentários mostram como o vídeo, de 26 de fevereiro de 2013, foi recebido pelos seguidores do canal:

Interespectador1: essa brincadeiras da rede, kkkk é ótimo mais eu e meu irmão, levamos uma pisa de mamãe, kkkk pq minha irmã a era pequena caiu 😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂 quase matamos ela 😂😂 esses 🍌 patinhos kkkkkkkk

Interespectador2: Eu não sabia o que era Café com leite Então eu levava na boa...

Interespectador3: Estava muito triste assistir seu vídeo tou chorando de tanto rir kkkk

Inter-espectador4: meu deus ele descreveu toda minha infancia uma vez eu e meu irmão arrebetamo os punhos da rede. jkkkk

Interespectador5: Café com leite essa é do meu tempo.😂😂😂😂😂

Interespectador6: torinho na rede 😂 ja cai muuuuuuito assim , mais nao dexava de brinca kkkk

Interespectador7: Mano balançar na rede fez muita parte da minha infância <3

Interespectador8: eu odiava café com leite café com leite é gostoso😂😂

Interespectador9: Faz parceria com a mosca e chama ela p fazer vídeo kkkkk

Interespectador 10: menino, seus vídeos me divertem muito. vc é hilário, merece ir bem alto.

Interespectador11: cara depois que eu descobri vc nunca mais chorei moro só e quando te assisto do altas risadas kkkkkkkkkk muito louko massa adoro kkkkkkkkkk

Interespectador12: Vc msm com as dificuldades achava sua infância ótima e isso é puro

Interespectador13: Kkkkkkk ri q só a molesta! Na minha infância eu só queria uma coleção Faber Castell e minha irmã com 10 anos quer um Iphone 6!.. Os tempos mudam muito rápido! Saudades

Interespectador14: Eu tenho 13 anos só que eu amava fazer tudo isso que vc falou, por que eu sou do interior de Pernambuco minha vida quando eu morava lá era ótima só que agora eu moro em Santa Catarina.

Interespectador15: Eu estou assistindo esse vídeo na rede, hahaha rede é muito bom hahahahah e ele falou de rede 🤔❤❤

Interespectador16: Oi Whindersson, tudo bem? Eu e o meu marido nos divertimos muito assistindo aos seus vídeos. Meu marido se chama Renato e ele teve uma infância parecida com a sua. Uma das traquinagens dele era andar de carrinho de rolimã. Ele descia as ladeiras sem freio e sempre caía em algum bueiro sem tampa (sim, aqui no Rio de Janeiro tem ladrão de tampa de bueiro) Ele também andava de carrinho de rolimã nas passarelas por cima da linha do trem em Duque de Caxias. Ele sempre despencava de lá de cima, pois as grades da passarela também eram roubadas e ele passava direto. Você já andou de carrinho de rolimã? Como chamava no Piauí? Parabéns pelo seu trabalho.

Os comentários transpassam adesão imediata ao vlog publicado. Parece que nada do que Whindersson faça ou diga é tomado como estranheza ou rejeição. O vídeo tem a duração de 7 minutos e 14 segundos. Nossa descrição tem pouco mais de três minutos. Curioso perceber que dos milhares de comentários do vídeo, a maioria deles faz alusão à infância baseada no fato de terem sido “café com leite” ou reconhecerem essa condição como sendo o fato infantil mais marcante de suas vidas. O que para mim ainda parece ser um fato completamente banal de todas as situações descritas por Whindersson nos vídeos.

Desvalorizamos a banalidade como o aspecto central da vida cotidiana a que pretexto? Se considerarmos todos os nossos dias, veremos que, ao mesmo tempo que rejeitamos o que é medíocre como fato irrisório, por nos parecer comum demais, nos acostumamos a perceber somente aquilo que pula à nossa visão como sentido mais elevado. Sem nos darmos conta que, muitas vezes, é o medíocre, o irrisório, o mínimo, que faz o maior sentido.

Os comentários falam por si, mas vale destacar que, ao nos darmos conta do banal com um sentido mais amplo e menos limitador, voltamos a pensar como verdadeiras crianças: sem intenções, sem buscas de grandes sentidos, apenas voltados para aquilo a percepção infantil capta de imediato e de mágico: a beleza do banal na vida. A beleza que não faz sentido é o que caracteriza o puro e o belo (naquela velha ideia platônica de associação do belo ao que é bom).

O vídeo da infância de Whindersson certamente não refaz a trajetória de sua vida, Whindersson não nos mostra de fato sua infância, o que vemos e o que ele nos mostra são detalhes pontuais de momentos, são esses momentos que ficaram gravados na sua memória que hoje podem ser “reinterpretados” e nos dão a dimensão do caráter e a graça que atravessam sua personalidade.

Embora não tenha sido criança num passado tão distante, Whindersson parece passar a preocupação de todo adulto ao ver as marcas de uma época desaparecerem com o tempo. Ideias sintetizadas em frases como “no meu tempo”, “quando eu era criança”, “hoje em dia, as crianças não brincam mais de...” permanecem categorizando o passado como um tempo bom e perdido, enquanto o tempo atual se rescinde do que há de mais vulgar e inconsequente em matéria de inocência e pureza. Embora retorne ao imaginário coletivo em torno do ser criança, são as experiências compartilhadas no vlog que me animam a permanecer cativa à figura de um garoto simplório, de uma infância ainda presente e, de certa forma, eterna.

8. PELADAS DO FACEBOOK E FALSOS PRÍNCIPES DA INTERNET

Citado originalmente em “A teoria do ato imagético”, de Bredekamp, Byung-Chul Han compartilha uma suposta frase de Leonardo Da Vinci sobre um retrato de alguém com o rosto coberto: “não o descubra se tens amor pela liberdade, pois meu rosto é o cárcere do amor”. Diz o autor:

Esse ditado expressa uma experiência especial do rosto que hoje, na era do Facebook, não é mais possível. A face que se expõe e que anseia por atenção não é um rosto. Nela não habita nenhum olhar. A intencionalidade da exposição destrói aquela interioridade, aquela reserva que constitui o olhar... A face exposta não é um contraposto dotado de rosto, que me atrai e me prende em seu fascínio. Assim, hoje, o cárcere do amor dá lugar ao inferno da liberdade. (BYUNG-CHUL HAN, 2018, p. 51)

Enquanto Han (2018) se refere à face (exibida), Whindersson fala, no vídeo que descreveremos, do corpo (exibido). Ambos (face e corpo) amplamente expostos no Facebook (para nos restringirmos somente à rede social citada por Han e exposta no título do vídeo de que faremos o relato e que, intencionalmente, é tomado como título da descrição que temos feito aqui). Este título, em especial, destoa dos outros por ter sido escrito em letras garrafais. Por estar em um canal voltado para o humor, o vlogger foge de aspectos formais e cerimoniosos, optando geralmente por títulos curtos, com caixa alta, referindo-se a algo pessoal e que deseja compartilhar ou a temas de interesse geral que parecem implicar em mais visualizações e acessos.

Tanto Han como Whindersson criticam, de maneiras opostas, a liberdade dada à alta exposição nas redes. Coisa que me espanta, de certa forma, sendo Whindersson um

violador escancarado de uma “lei” que ele redige, mas que auto infringe. Vamos por partes.

O vídeo que seleciono não segue o cronograma do canal. Ou seja, estamos observando o quarto vídeo que me chama a atenção para algo. Esse algo é um tanto subjetivo: posso mesmo me emocionar com cenas e relatos ou acolho o que é apresentado ou simplesmente percebo contradições, falsas intenções, me deixo levar até o momento em que digo: opa! É isso que faz uma multidão se afeiçoar por um garoto completamente oposto daquilo que se entende por celebridade? O que é isso?

Num quarto escuro, de paredes com manchas de ferrugem, surge uma sombra que parece tomar conta da tela. Whindersson está a frente da sombra, mas é, ao mesmo tempo, engolido por ela. A sombra é projetada na parede branca ao fundo, consequência de uma gravação amadora, formada por uma luz que incide no rosto do vlogger. Um notebook é posto ao seu lado na cama, mostrando o que seria sua página pessoal no Facebook. Tudo nessa imagem me espanta, a começar pelo irrisório material técnico para a gravação. Tudo nessa imagem me fascina, a começar por tudo que se mostra irrisório.

“E aiií, galerinha, que assiste o meeeeu cânaaaaal... Tudo boooom com voceêês? (fala cantando em ritmo sertanejo). “E aí galera que assiste o meu canal, tudo bom com vocês?” (repete acelerado, juntando as palavras). “Tô gripado, caralho...”, aspira o ar com irritação...

“Demorô um pouquim pra sair vídeo, eu tô doente, mas mesmo assim eu tô aqui gravando vídeo para vocês, então, já clica logo em ‘gostei’, se tiver no Facebook já clica logo em ‘curtir’, tá beleza?”

Nesse vídeo, Whindersson já não faz vídeos para relatar algo de sua vida, mas para entreter, de algum modo, as pessoas. Seu pagamento são as curtidas no vídeo que ele solicita mesmo antes de mostrar o seu show.

Uhhh... É, hoje em dia, muita gente usa Facebook/ Se a pessoa não tiver Facebook ela sofre até bullying/ Éi, menino, qual é o teu Facebook? (simula ser uma pessoa que tem Facebook)/ Namm, eu num gosto dessas coisa não (simula ser uma outra pessoa que não tem Facebook)/ Ihh, nem tem Facebook, ahahaha/ É como se fosse uma doença/ Se o cara não tiver facebook, o cara é... anormal (imita uma pessoa com atrofiamento físico), um anormal na sociedade... Como quase todo mundo usa Facebook, como quase todo mundo tem Facebook, acaba que tem umas pessoas que começam a botar umas coisas assim... digamos... interessantes na internet/ (cita com os dedos) foto de peito, foto de bunda, foto de... bosta/ porra, até bosta eu já vi... Então, você deve tá pensando que eu tô fazendo esse vídeo agora pra falar pra essas

meninas: ahhh, num bota foto dos peito no Facebook, não... Quirida, por favor, se valorize.../ NÃO (balança o dedo na tela)/ Eu tô falando que eu gosto, também?/ NÃO (balança novamente o dedo na tela)/ Porque, na real, gente, eu acho uma bosta, mas eu não ligo... Eu faço uma coisa que poucas pessoas na internet fazem que é olhar, sentir vergonha alheia e fechar a aba, em vez de ficar reproduzindo pra todo mundo.

O que eu quero falar é que dentro desse monte de gente que posta foto pelado na internet, existe um grupo que eu acho mais desprezível (coloca a mão na testa, em tom de revolta) e mais tosco que eu já vi na vida que é o que eu chamo de 'falsos príncipes da internet'. É o tipo de cara que fica na internet procurando foto de menina com o decote grande demais, mostrando a bunda, pra ficar comentando: nossa, as meninas de hoje em dia fica mostrando os peito na internet (engrossa a voz em tom jocoso, simulando ser um 'falso príncipe da internet')/ nossa as meninas de hoje em dia tem que aprender a se dar valor... / Ele tá mentindo?/ Não (repete a cena em que balança o dedo na tela/ Mas e aí, cê acha mesmo que esse cara se importa mesmo com essas meninas?/ Que cês tão ligado, homem é bicho escroto/ Homem, nós, nós somos bichos, pensem nuns cara escroto.../ Aí o cara vai lá/ (simula um 'falso príncipe teclando no ar) "Nossa, você está muito vulgar, menina. Pufavô, se valorize mais". Num dá dois minutos, o cara tá lá: se valoriza, vai... vai, se valoriza... (palavras como FAP, FAP aparecem na tela, Whindersson simula se masturbar sem mostrar nada além do rosto), valorizaaaaahh... valorizou... (simula a sequência final do gozo, demonstrando satisfação)/ Aí o cara comenta: "Nossa, tem um pouco de rosto na foto dos seus peitos"/Tem um pouco de punheta, daqui a pouco, né?/ O cara não é aquilo que ele diz, não é aquilo que ele comenta.../ E isso, quando a pessoa comenta, quando a pessoa compartilha, faz com que a informação rode na internet/ Então, dica pros homens e dica pras mulheres: quando você ver foto de menina com peito demais do lado de fora, bunda demais, cu demais, cê olha, despreza, fecha a aba, pronto. Sua vida voltou a ser normal e legal como era antes./ Ah, Whindersson (simula ser alguém que discorda de algum ponto do argumento) mas as pessoas ficam mandando coisa direto, essas fotos direto.../ Exclui a pessoa... Não há dificuldade em excluir uma pessoa, cara./ Nossa, me excluiu (simula ser uma pessoa rejeitada), e, agora, como eu faço pra te agradecer?/ (joga uma espécie de travesseiro no chão) vai tomar no cu com essas frases de Facebook!/ Você pode ser legal o quanto quiser no Facebook, fora dela você pode ser uma bosta... É o que quero falar... Porra... (um avião passa atrapalhando a gravação, Whindersson olha pra cima chateado, espera o barulho sumir, passando a mão no rosto e, aborrecido, olha para baixo)/ (o barulho se dissipa) cara, o avião, véi... um avião! Tamo evoluindo, tamo evoluindo... (ri esperançoso).../ Meu chapa, se você tiver no Facebook, cê já... (perepepei! foguetes surgem do nada, atrapalhando mais uma vez Whindersson que esbanja mau-humor e graça ao reagir negativamente às perturbações externas que atrapalham sua gravação)/ Enfia esses fogos no... (Olhando para cima rapidamente, volta-se para trás e põe as mãos na cabeça, simulando gritar um xingamento que não é concluído)/ Meu chapa, se você tiver no Facebook, você já compartilha isso aqui/ Espalha aí nas redes sociais/ Tu é foda, né? (olha para o lado fingindo falar consigo mesmo), tu fala das pessoas que espalha coisas nas redes sociais e tô pedindo/Ai, ai,

também quero mendigar likes (fala com uma voz aguda, imitando uma criança).

Nesse vídeo, muitas coisas já se mostram diferentes. O cenário não é o mesmo daquele da casa dos seus pais em Bom Jesus, no interior do Piauí. As mudanças são visíveis. Whindersson finge se irritar com a passagem de um avião, mas não exclui a situação do vídeo, para dizer: “tamo evoluindo”. Possivelmente ele se refere aos barulhos que marcavam suas gravações anteriores, no interior: motos, latidos, cricrilos... Agora, ouvimos aviões e fogos de artifício. Whindersson está em um quarto em Teresina, capital do Piauí. “Tamo evoluindo” se refere a essa mudança. Se refere também às estruturas a que ele pode ter acesso, como um aeroporto próximo. O vídeo dura pouco mais de 3 minutos. Exatamente 3 minutos e 33 segundos. De todos os vídeos do canal, este parece ser o menos visualizado: com pouco mais de 700 mil visitas. Apesar disso, me parece pertinente por colocar um debate legítimo sobre os usos que são feitos das redes sociais. O público não se sentiu tão atraído quanto pelos outros sobre a infância ou sobre o nome esquisito do vlogger. Temas que fujam um pouco do relato confessional são menos atraentes? O cenário assombroso afugentou a plateia?

Tentemos assimilar, por um momento, o conflito proposto no vídeo. Whindersson é um vlogger extremamente atento aos causos e comportamentos dos participantes das redes sociais. Ele fala do Facebook, rede social que já fora mencionada outras vezes em seus vídeos, por exemplo, na paródia que inicia a publicação de vídeos em seu canal no YouTube, da qual falamos no tópico 5. Em sua análise, existem dois grupos de participantes nessa rede que exageram, extrapolam em suas postagens. O primeiro é o das garotas exibidas e, o segundo, de homens mentirosos e moralistas. O primeiro grupo, no entanto, é menos impertinente que o segundo. O segundo grupo – o dos “falsos príncipes” – critica, para ele, um comportamento do qual de algum modo tira proveito.

Whindersson chama a atenção para a vulgaridade dos conteúdos na internet. Ao mesmo tempo, simula uma masturbação no vídeo em que se posiciona para enfatizar o lado “moralista” de quem condena a vulgaridade. As duas categorias de pessoas, no entanto, se espalham nas páginas do Facebook. À primeira vista, tudo parece contraditório. Whindersson critica, sem ser contra a vulgaridade feminina, se mostrando vulgar e escancarando o que há de mais vulgar no lado masculino. Sua posição, no entanto, é neutra. A única coisa que ele deseja nos mostrar é a sua forma de comentar o que ele observa no mundo virtual. Deixando de lado um pouco suas memórias e sua história pessoal para se tornar impessoal.

O que Whindersson nos mostra se assemelha ao que Han (2018) nos diz:

O homo digitalis é tudo, menos um ‘ninguém’. Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um perfil e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em vez de ser “ninguém”, ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção. (HAN, 2018, p. 28)

As redes sociais sobrevivem de imagens e estas circulam sempre como uma espécie de letras garrafais flutuantes que necessitam ser vistas, que só existem se forem vistas. Parece que Whindersson sofre da mesma necessidade das “peladas do Facebook”, compreendendo, assim, mais o lado delas do que o dos moralistas de plantão. Ele mesmo faz essa constatação ao final do vídeo: “Tu é foda, né? Tu fala das pessoas que espalha coisas nas redes sociais e tô pedindo / Ai, ai, também quero mendigar likes”.

A diferença entre ele, as peladas e os “príncipes” está exatamente na franqueza, ou seja, na falta de fingimento do desejo e, portanto, na falta de “moralismo”. Whindersson se mostra por completo, sem necessidade de otimização de imagens, ao contrário do que nos diz Han (2018), em outro momento, quando fala: “a mídia digital realiza uma inversão icônica, que faz com que as imagens pareçam mais vivas, mais bonitas e melhores do que a realidade deficiente percebida” (HAN, 2018, p. 53). A realidade mostrada no vídeo se dá exatamente pela crueza de sua espontaneidade e pela



Imagem 6: Whindersson simula um “falso príncipe” ditando boas condutas a quem se expõem no Facebook

deformação do seu espaço físico.

A verdade dos vídeos aparece, exatamente, na ausência de otimização, tanto da imagem que é o cenário sombrio, sem cor e sem aperfeiçoamentos quanto do que é dito, sem ocultar seus desejos: “ai, ai, também quero mendigar likes”. Whindersson nos mostra mais do que sua intimidade, tentando reproduzir o seu melhor no que há de pior, se desfazendo das otimizações, tão comuns e, às vezes, definindo os aspectos estéticos controversos da mídia digital, como disse Han (2018).

Antes mesmo de saber do que se tratava o vídeo, fui fisgada pelo aspecto estético do vídeo em si: o ambiente sombrio em que se encontra o vlogger, a projeção da sombra na parede, seus gestos sendo duplicados de maneira desfigurada ao fundo, a cama de solteiro, sua fisionomia pouco convidativa, a permanência do uso do boné no quarto escuro, a parede desbotada e toda a pobreza que caracteriza o espaço usado como cenário.

A sombra que aparece no vídeo, no entanto, me remete a muitas coisas. A sombra é como um “extracampo sutil” (BARTHES, 2015, p. 53).

Fora a compreensão geral do que se observa na sombra – um espectro fantasmático da coisa –, lemos a sombra como uma resposta à luminosidade. Sombra não é escuridão. Ao contrário: a sombra é um efeito da presença de luz, é a contradição. A contradição como terceira presença que se manifesta com a duplicidade do objeto na claridade.

Kirchmayr trata do conceito de sombra em Hegel, fazendo um estudo atento sobre seu sentido na estética hegeliana. Neste ponto, de modo geral, este autor vai nos dizer que, em Hegel, a arte produz sombras. Diz Hegel: “O que agrada os sentidos não é o belo da arte. Com efeito, a arte produz, de maneira intencional, do ponto de vista do sensível, apenas um mundo de sombras”. (HEGEL APUD KIRCHMAYR, 2017, p. 129). Hegel, é certo, faz uso de uma metáfora que Kirchmayr (2017) traduz como sendo uma visão de distanciamento entre o que há de sensível da arte (sombra) e a inteligibilidade do logos (luz). Embora a relação de sombra para Hegel seja distante da sombra que se observa no fotograma do vídeo acima, a sombra que observo e me instiga me leva a pensar em outros sentidos que o conceito de sombra é capaz de sugerir. A sombra não é reprodução, nem representação, ela é um outro tipo de luz que surge da presença de um corpo em contato com a luz. Nesse ponto, encontramos na arte essa sutileza de posicionamento: o encanto da arte está nessa terceira presença que surge da união da fonte de luz e da matéria.

No que tange ao vídeo de Whindersson, penso como na primeira frase de Hegel: o que agrada os meus sentidos não é o belo, porque não há nada belo no que se observa.

Interespectador 14: Adoro tu!! Sucesso, você vai longe!! Orgulho de ser nordestina :D

Interespectador15: Aquele momento em que você curte o vídeo antes de vê-lo
.....❤

Interespectador 16: Isso significa q seus comentários são verdadeiros e falam do que o seu coração está cheio. Parabéns. Só não partilho por causa do toma no c e similares deste vídeo.

Interespectador17: Só consegui prestar atenção na sombra dele, HAHHAHAHAHAHAHAHA brincadeira, adoro teus vídeos Whindersson!

Interespectador18: hsuahsuhaus tu é muito engraçado !!
meu câããnaaaaaaaallll

Interespectador19: Tem que se dar valor, porque cara?! Se é o corpo dela ela faz o que ela quiser, inclusive postar fotos nuas. Ninguém tem que dar pitaco na vida dela.

9. ESCOLA PÚBLICA LOKA DAS QUEBRADA

Em *Homo Aestheticus*, Luc Ferry constata: “o acontecimento que o nascimento da estética moderna acompanha é a irrupção do individualismo no mundo ocidental”.⁴³ Nesse sentido, Ferry (2012) vai nos dizer depois que:

Enquanto, entre os antigos, a obra é concebida como um microcosmos – o que autoriza a pensar que existe fora dela, no macrocosmos, um critério objetivo, ou melhor, substancial, do Belo –, ela só adquire sentido, entre os modernos, por referência à subjetividade, tornando-se, entre os contemporâneos, pura e simples expressão da individualidade: estilo absolutamente singular que em nada já se quer espelho do mundo, mas criação de um mundo, no interior do qual o artista se move, mundo no qual nos é decerto permitido entrar, mas que de maneira nenhuma se nos impõe como um universo a priori comum. (FERRY, 2012, p. 31)

No vlog de Whindersson, as duas coisas – o individual e o comum – se aproximam: estamos em contato direto com alguém que se expressa sem reservas, que nos afeta por não construir barreiras entre sua expressão, sua vida, e o nosso olhar (o olhar do julgamento possível) – o qual, antes de tudo, se transforma em um olhar compassivo de acolhimento e mesmo no olhar fraterno diante do que é familiar. O chiste, o xingamento, o fingimento não-ocultado, a ironia, a originalidade, o descortinamento da casa, e do que é pessoal coincidem com a graça, a leveza e a franqueza não ostentada no modo como se exprime.

Neste relato, observamos um vídeo completamente caseiro e amador, como os outros, aliás, sem qualquer tipo de aparato técnico relacionado ao aperfeiçoamento da imagem ou do vídeo, fora os cortes secos em sequência que dão efeito de movimento e descontinuidade às falas (quando da inclusão de outras personagens nas histórias contadas, por exemplo) e às tomadas fixas, sempre em primeiro plano. O que me chama a atenção neste, em particular, é a bagunça visual entre o que há no quarto e a própria figura do vlogger ao centro. Whindersson começa o vídeo do mesmo modo: sem vinheta, mostrando o quarto com quinquilharias e tudo o mais que compõe a pobreza do ambiente.

Diferente do vídeo anterior, Whindersson grava durante o dia, sob uma incidência forte de luz natural. Posso sentir essa irradiação, visto que morei e vivi na mesma cidade

⁴³ FERRY, 2012, p. 16.

em que ele, agora, grava. Whindersson está em Teresina, sob uma temperatura acima dos 40 graus, imagino. No quarto, não há ar-condicionado, nem ventilador. O que se vê ao fundo é uma parede mal pintada de cor branca e azul, uma televisão antiga de 14 polegadas, sob um banco de plástico, com uma antena entortada e uma pequena janela acima do canto esquerdo irradiando luz, semelhante a de uma prisão.

A cama de Whindersson mal se enxerga: nota-se um amontoado de roupas e lençóis, um violão, capas, equipamentos de câmera... É isto o que se vê nos primeiros segundos de vídeo.

Em vez de iniciar seus vídeos usando uma vinheta, como ficou comum em vídeos-vlogs no YouTube, Whindersson dá espaço para o ambiente onde se encontra, a ponto de muitas vezes “desaparecer”, permitindo que o espaço se consolide como um lugar de verdade, de desordem, de solidão, de privação. O espaço de filmagem leva o espectador a uma certeza: a de que ele observa um lugar diferente de qualquer outro, um lugar que só existe ali, um lugar fora da realidade imediata de qualquer pessoa, mas próxima da ideia de verdade de muitos. No primeiro segundo, mostrando apenas a cena do quarto, ouvimos um grito com os dizeres: “Vai, Rikelme!”.⁴⁴

Whindersson valoriza o seu espaço privado e de privação, tornando-o um refúgio feliz para as tomadas de seus vídeos. Feliz por perceber, imagino, junto ao seu público, que não importa o que se diga ou o que se mostre, desde que o que se diga e o que se mostre tenha algo de significativo, de comum, algo de vivo, algo de real, reconhecido – se não no contexto de vida de cada espectador ao menos no modo de sentir a verdade que se expressa sem esforço, com a naturalidade que só o que é verdadeiro pode trazer.

Sem camisa, demonstrando estar com bastante calor – o que me remete às lembranças da incidência solar nas tardes mais quentes do ano em Teresina – Whindersson prefere não comentar o assunto, nem revelar a sensação de fervura que provavelmente estava sentindo. Em vez disso, se mostra alegremente usando um desodorante aerosol, até que encara a câmara com estranheza e vai se colocando lentamente para trás, fingindo se esconder, como se estivéssemos invadindo

⁴⁴ “Vai, Rikelme” é um grito do cantor Xandy e foi retirado, provavelmente, de parte de um vídeo do show da banda *Aviões do Forró*. Nos vídeos do show, o vocalista acena ao seu baterista para que comece ou dê o ritmo a uma música. Whindersson utiliza referências de bandas de forró que marcam a cultura pop do nordeste, acentuando os gostos musicais e as marcas afetivas do modo de vida daquela localidade.



Imagem 7: cenário de desordem no quarto/casa de Whindersson que passa a viver só

(deliberadamente) sua privacidade. Os primeiros segundos iniciais do vídeo – que seriam dados a uma vinheta – funcionam como uma espécie de *making off* da gravação.

“E aí, galera que assiste o meu canal. Tudo bom com vocês?” repete a frase, dando início à narrativa do vídeo. “Já quero dizer pra vocês que tá muito difícil de gravar esse vídeo [diz coçando o buço, olhando bem perto da câmera]; p’que eu chamei um pedreiro pra corrigir um buraco que tava ficando aqui na parede do meu quarto e eu tinha esquecido que ele ia chegar tão cedo aqui em casa, sabe?”. A forma de Whindersson se expressar é realmente diferente de tudo que já vi em mais ou menos 5 anos de acompanhamento dos vídeos-vlogs no YouTube. Essa reação pode ser motivada ainda pelo fato de ser a



Imagem 8: antes de falar no vídeo, Whindersson se passa um desodorante aerossol

primeira vez que acompanho esses vídeos que compõem – digamos assim – a primeira fase de Whindersson no canal. Mas gostaria de destacar uma sensação curiosa que sinto ao observar os vídeos desse vlogger. Apesar de observar um canal voltado para o humor, o que me satisfaz é a exposição do sujeito que dá espaço para o silêncio. E passa boa parte de seus vídeos rememorando histórias, muitas vezes sério, reticente, contido; preferindo conversar (mesmo que seja com uma pré-figura de um público) e esboçar reações que fogem daquelas automatizadas, daquelas esperadas, previsíveis, comuns em programas de televisão (voltamos novamente ao assunto da prefiguração do efeito que pode ser notado de mil formas...). Tentemos acompanhar essa observação com o que diz Frosh sobre as pessoas anônimas na televisão, esses indivíduos que estávamos acostumados a não ver:

Indivíduos comuns na televisão são transitórios. Eles aparecem por alguns segundos antes de serem substituídos por outras imagens, outros rostos e corpos. Na verdade, é a sua própria transitoriedade na tela que ajuda a marcá-los como pessoas comuns que saem do mundo de referência compartilhada da “vida real” para além da televisão, em oposição à familiaridade corpórea de celebridades, jornalistas, atores e apresentadores cuja repetição aparece na televisão. Coloca-os dentro da “mídia” como um reino aparentemente autônomo. Diferentemente do caso de personagens em romances ou personagens fictícios em séries de televisão e novelas, não temos tempo para conhecê-los e desenvolver sentimentos de intimidade com suas personalidades ou para formar apegos emocionais imaginários a eles. São semelhantes aos estranhos encontrados em locais públicos: tendemos a ignorá-los, em vez de olhar para eles, e raramente os recordamos em detalhes como indivíduos únicos. (FROSH, 2019, p. 54-55)

Frosh (2019) nos lembra de nossa própria indiferença diante dos indivíduos anônimos – aqueles que passam rapidamente na tela da TV ou que passam rapidamente por nós nos espaços públicos: metrô, ruas, shopping etc. Os indivíduos anônimos da televisão só existem para mostrar que uma determinada realidade comprova fatos e dados mais amplos. Mas esses indivíduos são rapidamente esquecidos, substituídos, apagados. A observação de Frosh (2019) ganha uma nova tonalidade quando tratamos aqui de pessoas anônimas que resolveram aparecer, mostrar sua personalidade, diante de toda uma tradição midiática que ocultava a presença do sujeito anônimo. A curiosidade perante este sujeito é, portanto, potencialmente maior e isso nos leva a admirar ainda mais a

experiência de vida, o cotidiano, as marcas de identidade cultural e temporal que atravessam essa existência.

Voltemos a Whindersson:

Aí eu saí p' a comprar pão, quando eu voltei, o cara já tava rebocando a parede aqui.../ (passa a mão na cabeça) aí eu falei: carai, véi, cheguei tão cedo na minha casa que ainda tão construindo, ó.../ Enfim. Esses dias eu tava conversando com meus amigo e tal/ fiquei conversando sobre esse negócio de escola e tal; e quase todos eles...é... estudava em escola particular/ e eu acho que eu sou o único dos meus amigo' que não estudou em escola particular, eu sempre estudei em escola pública./ Escola pública, cara, tem umas coisas que são muito engraçadas/ Eu achei muito legal estudar em escola pública, porque a gente interage muito com as pessoas... Num é aquela coisa certinha, sabe? Você interage com o vigia da escola, você interage com a zeladora, você interage com os professor, assim (faz um movimento em paralelo com as mãos, simulando igualdade...), você interage com a galera loca, fumando, bro da quebrada, ó (faz sinal de V com as mãos cruzando formando um W), uh... Aí você chega na sua escola, e tá lá o vigia sentado na cadeirinha dele, encostado na parede (afasta para trás), aí cê fala assim: “bom diaaa!”/ (levanta o braço e altera a voz) Bom dia!/ carái que calor da porra/... aí, às vezes, acontece alguma coisa na escola, alguém cai, alguém leva uma queda e tal, se rala, quem é que chega lá com um dipirona? O vigiia.../ Aí, às vezes, professor falta, né, e tal, aí todo mundo já grita, achando que não vai ter aula/ passa pouco tempo, o vigia entra pra dá aula... / Hora do recreio, pá, hora do lanche, o cara achando que vai ver as merendeiras lá pra deixar o lanche... Quem é que tá entregando? Vigia!/ Mas é assim mesmo, essas coisas de escola pública tem muito corte de gasto, aí quando tem esses cortes de gastos, cara, aí já era, cês já sabem... É uma pessoa fazendo o trabalho de 1 milhão./ Outra coisa de escola pública que eu acho muito estranha/ É a questão do ventilador, né?... Num sei se vocês tão ligado, mas escola pública não dá pra colocar ar-condicionado, primeiro porque as janelas não são vitrô, são janelona na madeira mesmo, meu véi./ Mas o pior não é isso, o pior é que se o cara visse só uma vez, tava bom/ agora não é/ o cara estuda desde a primeira série/ to-da sala que ele vai tem quatro ventilador e um tá assim ó: NHÉ – NHÉ- NHÉ... (roda o dedo simulando o ventilador barulhento)./ Então, se você estuda em escola pública, a sua missão na sala de aula é sentar na cadeira mais distante daquele ventilador... Porque eu juro pra vocês que eu passei da minha primeira série até o terceiro ano só olhando praquele ventilador e falando assim (olha pra cima e coloca a mão no queixo, pensativo): Meu deus, quem é que esse ventilador vai matar, meu deus... Agora, o ruim também era isso, eu criava uma expectativa que um dia ele ia cair na cabeça de alguém e nada... Isso devia ser até uma medida educativa, né? __Menino, cala a boca! Cala a boca... (finge ser um professor). Vai calar a boca não? Vai atrapalhar a aula? Sente debaixo do ventilador! __É não, professora, num quero sentar lá não, professora! (fala fingindo chorar, simulando ser o menino repreendido) / __Vai agora! __Não professora, quero morrer não.../ Pois então cala a boca, vai calar a boca? Pois tá bom, pois fique aí.../ Resolveu o problema... Ninguém mais faz barulho... Só o ventilador faz barulho, no caso... Agora eu num sei é porque é que demora tanto tempo pra fazer a manutenção daqueles ventiladores de escola pública... / mas enfim... teve até uma vez que, na

minha escola, tinha um que tava meio arriscado de cair, aí eles trocaram por um ventilador mais recente, né... que é um de agora de mil novecentos e noventa e dois... Os cortes de gasto vocês sabem, né? Com os cortes de gasto num dá pra comprar um ventilador novo... Em escola pública também, né, no tempo que eu estudava, tinha muita briga, menino brigava demais... Às vezes você gostava de uma gata, e tal, e você sabia que um colega seu tava mandando cartinha pra ela, meu amigo era briga... E às vezes acontecia, né, de eu ter brigado algumas vezes e ter ido parar na diretoria... Chegava lá na diretoria, e tal, tava lá cadeirazona do diretor, quando ele virava, quem é que tava lá? O vigia! Diabo, meu irmão, esse vigia faz tudo, véi?

Também em escola tem a questão dos banheiros, né? Aí você vai no banheiro, né, mijar e tal/ O banheiro fede que só a porra.../ Parece que os próprios pedreiros, na hora que eles iam colocar a cerâmica, eles já iam mijando nela...Aí, de boa, né, cê ia mijar e tal, aí quando cê entra, cê fecha a portinha p'a mijar, tem lá na parede: "vou te comer", "priquito", "rola", "priquito", bem errado mermo "pê erre i quê i tê ó", aí desenha uns priquito rrei fêi, um triangulo chei de cabelo pros lado, eu não sei onde esses caras vê esses priquito... Você não consegue se concentrar pra fazer nada no banheiro, se você sentar e olhar pro lado tem uma "rola", olha pro outro tem um "priquito", cê olha pra frente tem assim: "João é viado! Ligue pra mim 99 não sei o quê"/ Olha só o que o cara faz, o cara coloca o nome do cara e o telefone do cara pro caba ligar pra ele e dizer que ele é viado... Meu deus do céu! (coloca a mão no rosto com indignação)/ Aí um dia eu fui atrás da brincadeira, aí eu escrevi assim no, no... na caixa d'água da privada: "eu caguei aqui"/ aí no outro dia que eu voltei, tinha assim "eu também"/ porra, os cara num perdoa mesmo, véi...

Tem a hora da merenda, né? Que é a hora melhor pra mim que eu acho da escola/ Vamo dizer aqui também, né, que a merenda escolar dá um forte incentivo no sistema educacional, porque de 300 alunos, 255 tão ali por conta da merenda/ eu era um deles.../ era biscoito cream cracker com goiabada no meio! Cara, você não tem noção do quanto isso é bom... Eu quero agradecer a pessoa que inventou o cardápio da merenda escolar, porque é uma coisa assim genial! Toda criança precisa: biscoito água e sal, goiabada, leite com nescau... Que é um nescau que é feito com um produto que nem é nescau... Ele é um negócio que você mistura com água quente... Num sei como desgraça ele vira leite com nescau... No outro dia é cuscuz com ovo que se você for premiado, se você tiver num dia de sorte, você encontra o ovo dentro do "cuscuz com ovo"... Meu amigo, se você tiver na fila com o cuscuz com ovo, e você pega um cuscuz que realmente, de verdade, do fundo do coração, ele vem com um ovo dentro, você pode levantar o prato e gritar: É OVO, GALERA...!!!/ Mas a merenda até que é boa, né? O biscoito é mapil! Que é um dos melhores que existe... Muito obrigado, quem inventou isso (diz com ironia, levantando os braços)/ Cara, aqueles biscoitos da mapil são tão ruim que pra você fazer um biscoito água e sal, você precisa de água e sal, eu acho que nem o sal eles botam no diabo daquele biscoito, é só água, biscoito de água... / Às vezes, quando eu achava muito ruim a merenda, eu chorava muito pro meu pai me dá 1,50, 2 reais p'a poder lanchar.../ Agora, eu não sei o diabo é que tem que parece que os amigos da gente parece que tem é um sensor... Quando cê compra um lanche, faz "pi, pi, pi, pi, pi" (aponta para a cabeça). E eles automaticamente acham a gente... / Se bem que quando meus amigos também compravam um lanche, eu ia mesmo atrás... Eu achava

massa.../ Por exemplo, assim, eu tinha sete amigo, cada amigo comprava uma coxinha, eu comia um pedaço de cada um. Pronto, formava uma coxinha, só que dentro da minha barriga, já... Mas é assim, sempre foi assim, e sempre vai ser assim... Tu pode comprar o teu lanche, tu pode ir pro inferno! Teus amigos vão te achar lá... teus amigos vão te achar lá e vão comer o teu lanche... Mas é assim, galera, não importa o colégio que você estude, você tendo uns bons amigos, você tendo umas boas influências.../ Eu sempre estudei minha vida inteira, in-tei-ra em escola pública e isso não me faz diferente de quem estuda em uma escola particular e tal/ mas que mosca da desgraça, véi (passa um inseticida no ar), toma desgraça... / Não importa o lugar que você estude, o que importa é o interesse de quem tá estudando.../ E é aquela coisa, né? Se você gostou desse vídeo, você já mete logo aquele joinha/ E eu quero que você comente aqui, embaixo, qual foi a coisa mais engraçada que já aconteceu enquanto você estuda, seja em escola pública ou colégio particular, tanto faz.../ Como eu falei, eu sempre tô investindo no canal, sempre comprando coisa nova p'a poder é/ melhorar ainda mais os vídeos/ E a loja kanui tá agora, recentemente, me ajudando (aparece uma espécie de legenda dizendo “primeiro link na descrição do video)/ recentemente a gente fez um projeto aí, e o dinheiro que eu ganhei, num certo tipo de venda aí, eu vou doar pra fundação apipa que ajuda animais.../ E o resto eu vou tá sempre investindo no canal, comprando microfone, comprando coisa... Num sei se vocês sabem, mas aqui não tem microfone, aqui é o microfone da câmara mermo... ó: au, au, au, au, au... (fala perto da câmara)/ se eu ficar pra cá (se distancia da câmara, se deitando) já vai começar a ficar um pouco ruim... E o link da kanui é o primeiro aqui da descrição do vídeo, se você quiser dar uma visitada lá, vê os produto e tal, você comprando alguma coisa, você já tá me ajudando, viu? Então é isso...Eu ajudo vocês, vocês me ajudam... Se num tiver inscrito no canal, se inscreve aí, quando tiver mais vídeos, você vai saber... E, é nós!

Whindersson nos apresenta – com seu jeito despojado, usando expressões populares do nordeste brasileiro – de maneira bastante detalhista, sem esconder a euforia do palavreado chulo e o viés escatológico – sua vivência particular, enquanto aluno de escola pública. Tempo que se estende da infância ao final da adolescência. A experiência de aluno de escola pública traz para o relato um olhar imersivo nas questões que tocam, em sua maioria, aos alunos, mas que ainda assim traz um ponto de vista agudo no modo de expressar os momentos que definem o que é ser estudante de escola pública no interior do país. Whindersson não só narra situações que passam por um campo coletivo – a falta de professores, o corte de gastos, a hora da merenda – como um olhar subjetivo em relação ao que pensava quando sentava-se longe do ventilador defeituoso ou ia ao banheiro e via frases e imagens pornográficas desenhadas na porta e na parede. Em vez de omitir situações constrangedoras como essas, Whindersson traz à tona todas essas vivências e compartilha com mais de 6 milhões de pessoas. De fato, não faz sentido um vlogger que

pretende criar vídeos de humor omitir o que o constrange. Ao contrário, Whindersson narra e acrescenta o que, para ele, torna hiperbólico o constrangimento.

A experiência de estudar numa escola pública aumenta ainda a afinidade que o vlogger tem com o seu público, que, imagino, não tem o mesmo interesse em ouvir relatos fofos e histórias de sucesso durante a época escolar. Whindersson parece saber desse interesse, previamente, quando titula o vídeo com uma chamada para a “escola pública” e os possíveis problemas vindos dessa experiência. Narrativas de histórias de sucesso inspiram, mas não fazem parte do repertório de vídeos-vlogs do YouTube, apesar de muitos serem considerados “influenciadores”. Mas Whindersson não conta histórias de fracasso, tampouco. Ouvimos, isto sim, uma experiência narrada sem lamentos, sem drama, nem exageros propositais... Em suas recordações, ele faz uma espécie de passeio, com um olhar atento, comentando modos e comportamentos de pessoas que participavam do seu convívio escolar. Difícil duvidar do que o vlogger diz. Somos, ao contrário, levados por seu olhar a percorrer cada cena, tampando os olhos e os ouvidos, às vezes. Outras vezes, somos levados pela graça da criação, sentimos Whindersson criando personagens e reconstruindo situações para encaixá-los. Apesar de observarmos uma narrativa autobiográfica, a criação de personagens ao longo da narrativa é um ponto alto do relato em si. É quando vemos Whindersson fazer com mais ímpeto conexões entre um fato passado e a ficção, por exemplo, quando traz a figura do vigia e o torna a personagem principal da escola. A escola pública para Whindersson é marcada pela presença do vigia. E ele nos traz essa presença de maneira criativa e oportuna: tornando-o não só o vigia, mas uma espécie de “enfermeiro”, professor, merendeiro, diretor.

O vlogger resgata a sua memória para compartilhar com desconhecidos sua experiência pessoal numa escola pública. A imagem que vemos, no entanto, nada traz como lembrança aquela época que só podemos deduzir por um esforço de imaginação. Mas nem mesmo essa materialidade precisa ser trazida para o momento da narrativa. A imagem que podemos ter aliada às simulações de personagens que Whindersson faz e novas inclusões de comentários e ideias que surgem espontaneamente no vídeo, ao longo da narrativa, nos possibilita visitar o seu passado sem necessidade de outros materiais mais representativos: como fotografias da época ou outros vídeos.

O que Whindersson nos oferece é uma outra maneira de percepção: que vai além do que é superficial e imediato. Somos convidados a imaginar com ele, a criar com ele, nossas próprias imagens sobre o que é narrado. Reconheço, ainda, que existe uma intencionalidade de exagero que o humor, dentro dele, produz. Não é um humor que vem

de fora, escancarado e inconsequente, mas um humor que vai acompanhando a narrativa, sereno, até o momento que explode como uma variação da narrativa. O humor em Whindersson não é construído, ele aparece, surge de forma quase aleatória, como uma visita que não esperamos e, de repente, nos envolve em sua presença.

Bergson (1999), em *Matéria e Memória*, nos coloca a questão do realismo e do idealismo, sendo, assim, tomados como aspectos relativos à imagem e à percepção. Diz ele:

O realista parte, com efeito, do universo, ou seja, de um conjunto de imagens governadas em suas relações mútuas por leis imutáveis, onde os efeitos permanecem proporcionais às suas causas, e cuja característica é não haver centro, todas as imagens desenvolvendo-se em um mesmo plano que se prolonga indefinidamente. Mas ele é obrigado a constatar que além desse sistema existem *percepções*, isto é, sistemas em que estas mesmas imagens estão relacionadas a uma única dentre elas, escalonando-se ao redor dela em planos diferentes e transfigurando-se em seu conjunto a partir de ligeiras modificações desta imagem central. É dessa percepção que parte o idealista, e no sistema de imagens que ele se oferece há uma imagem privilegiada, seu corpo, sobre a qual se regulam as outras imagens. (BERGSON, 1999, p. 22)

Mesmo implicado numa discussão anterior a qualquer noção já discutida aqui, observamos em Bergson (1999) uma proximidade na relação entre imagem e percepção como matéria e memória. A imagem como matéria viva de uma realidade exterior, a memória como uma imagem privilegiada de uma realidade interior que é percebida pelo corpo. Sentimos com o corpo e o corpo nos permite perceber para além do que é dado como realidade pura, a ponto de pensarmos através dos sentidos do nosso próprio corpo. Bergson (*op.cit*) diz ainda:


Mesmo a "subjetividade" das qualidades sensíveis (...) consiste sobretudo em uma espécie de contração do real, operada por nossa memória. Em suma, a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas. (BERGSON, 1999, p. 31)


No vídeo que observamos, podemos ver isto: que Whindersson traz essa memória que é retomada e alterada involuntariamente (já que nenhuma experiência pode ser revisitada, reconstruindo fielmente o que foi vivido) e também voluntariamente, para efeitos de chiste. Seu relato testemunhal se alia a uma ideia de realidade, a um passado (que só pertence a ele e nos é inacessível), a um presente (levando em conta que escolas

públicas ainda existem e podem continuar funcionando da forma como Whindersson nos conta) que pode fazer parte do atual momento de vida de muitos de seus espectadores. A mim, o relato é, de todo, distante, já que não frequentei escola pública e não vivenciei o que foi dito em minha época estudantil. Mas isso, também, não quer dizer que o relato foge de meu interesse enquanto espectadora. Ao contrário. Mesmo sem vivenciar isso que para Whindersson foi marcante e faz parte do seu Eu, me toma de curiosidade e satisfação ver e ouvir um relato que me parece autêntico e humano, antes de ser divertido ou patético, mesmo que de uma perspectiva distanciada de minha própria vivência.

“Escola pública loka das quebrada” é um vídeo de sucesso no canal. Com mais de seis milhões de visualizações até agora⁴⁵. Curtido mais de 500 mil vezes e descurtido por mais de duas mil pessoas. Naquele momento Whindersson começava a ganhar visibilidade no YouTube e apelava aos seus seguidores que o ajudasse a comprar novos equipamentos de gravação: “eu ajudo vocês e vocês me ajudam”. Sem perceber, Whindersson criava uma espécie de comunidade, onde os seguidores não só viam seus vídeos, não só riam deles, não só criavam uma intimidade com um anônimo e passavam a vê-lo com afeto, mas, de fato, construía junto com ele uma relação de irmandade, de apoio mútuo, de dependência, para além, do que era dito ou mostrado em seus vídeos.


Observemos, então, como esses seguidores interagem virtualmente com o que é visto no vídeo:

Interespectador1: Eu pensei que era só eu q tinha medo na escola dos ventiladores caindo aos pedaços... meu!! Como vc é parecido cmg.


Interespectador2: O banheiro da escola e todo riscado kkkk 

Interespectador3: Whindersson passando desodorante no começo kkkk

Interespectador4: Vdd windersson na escola de minha cidade tbm os ventiladores era desse jeitinho mesmo .Todo mundo ficava pensando que uma hora eles cairiam e matava alguém.

Interespectador5: Disse tudo kkk eu estudei ate a 7 em escola particular,da 8 até o ensino médio estudei na pública.Vc descreveu mto bem a escola pública principalmente os banheiros pixados 

Interespectador6: Nossa eu amo esse canal

⁴⁵ O vídeo foi observado em 15 de junho de 2019 e apresentava 6.880.697 visualizações. Com 572 curtidas e 2,8 mil descurtidas. A data de publicação consta de 8 de dezembro de 2013.

Interespectador22: amei esse vídeos to rrindo sem parar tem tudo a ver com minha escola kkk

Interespectador23: São todos bons , amo todos os vídeos...

Interespectador24: Sabe quem deu like no video do whindersson? o VIGIA

Interespectador25: Ele retratou uma realidade...Leciono em escolas particulares e tb sou concursado em escola pública. São mundos diferentes, algumas prioridades dos alunos tb são diferentes de acordo com as escolas que estudam, mas todos são bons alunos quanto a convivência do dia a dia e o respeito, basta o professor tratar a todos por igual.

Essa mosca está em vários outros videos...kkkkkkkkk

Parabéns Whindersson! Tua alegria é contagiante!

Interespectador 26: KKKKKK EU ESTUDO EM ESCOLA PÚBLICA E É ASSIM MESMO TUDOOO ISSO É VERDADE

Interespectador 27: véi essa do ventilador foi top. Kkkk rachei vivenciando a cena. Kkkk abraço

Assim como o vlogger, muitos de seus espectadores passaram pelas mesmas situações descritas por ele. E até mesmo se sentiram como ele, em momentos mais ou menos parecidos, mas de alguma forma similar. Whindersson descreve não só os problemas encontrados nas escolas publicas, mas relata o que é ser um aluno de escola pública, o que é vivenciar esse ambiente de liberdade e carência, de aprendizado de vida, de convívio marcante com tantos outros iguais. As memórias de Whindersson encontram em seus espectadores vestígios de verdade, ao assumirem como reais as cenas descritas sem qualquer tentativa de ocultação do que, para ele, teria sido constrangedor. Whindersson parece ser imune ao constrangimento e eleva seu potencial humorístico exatamente quando acolhe como natural o que para qualquer outro teria sido difícil de revelar.

Esse desvelamento, essa nudez no tratamento de uma vivência embaraçosa ganha no caráter humorístico de sua fala uma ideia simples de verdade. Não uma verdade moral, mas uma verdade do ser. Uma categoria de verdade que se aproxima da essência do próprio ser. Whindersson é isso e isso parece ser é a verdade do seu eu.

10. NORDESTINO COM ORGULHO!

Do último vídeo analisado para este, se passaram 90 vídeos. Saímos do Whindersson de 2013 e estamos no Whindersson de 28 de outubro de 2014. Dentre os 90 vídeos, passei por vídeos-vlogs diários chamados de #VEDA (Vlogs every day of April, em inglês), uma iniciativa em que vloggers passam 30 dias gravando vídeos sobre seus dias. Whindersson participa desse projeto, organizado pela plataforma YouTube, e publica vídeos todos os dias mostrando uma parte de sua rotina, já reinventada na perspectiva de ser mediada pelo próprio vlogger e publicada para o acesso público. Passei também por vídeos de músicas compostas por Whindersson, músicas românticas, apaixonadas, algumas em estilo reggae. Passei ainda por vídeos de ações sociais, em que Whindersson mobiliza fãs para que juntos possam oferecer ovos de páscoa para os orfanatos. Em outros vídeos, Whindersson arrecada ajuda financeira para doar a uma instituição que cuida de animais abandonados. Nesses 90 vídeos que omiti da análise, vi tanto um garoto franzino que mostramos no começo dos relatos como um jovem seguro de si, tomando iniciativas, formando opiniões éticas em prol do bem coletivo. Já não estamos lidando com um anônimo. O nome do vlogger ganha destaque e ele passa a viajar para muitas cidades, fazendo shows, “encontrinhos” com fãs, lotando os ambientes em que aparece.

Neste vídeo, portanto, já sentimos o quanto Whindersson é, de fato, uma celebridade. Seu olhar não é o mesmo daquele garoto do interior. Seu olhar nos atravessa sem dúvidas, sem hesitações. Estamos diante de um olhar categórico: que intimida, às vezes. Nesse vídeo, o vlogger não faz tantas piadas, não nos prende pelo humor. Ao contrário, ele se sente no dever de se importar com o que ele considera um absurdo. Whindersson é tomado pela raiva que nos acomete, quando nos defrontamos com algo que não podemos admitir, por entender que não é possível conhecer, sem experimentar determinadas situações. Nesse vídeo, ele fala – pela primeira vez – sobre o processo político-eleitoral pelo qual passava o Brasil. Em 28 de outubro daquele ano, as eleições presidenciais tomavam todos os assuntos nas redes sociais. A presidente Dilma Rousseff se reelegeu com mais de 54 milhões de votos, totalizando 51,64% dos votos válidos no segundo turno, vencendo uma disputa difícil com o então senador Aécio Neves.

Dois dias após a eleição, Whindersson grava este vídeo demonstrando indignação aos comentários que lia nas redes sociais ⁴⁶.

Os primeiros segundos de vídeos, no entanto, seguem a lógica de gravação criada por ele: cenário vazio, mostrando mais um quarto, diferente dos outros que vimos; então, aparece, depois de ligar o botão da câmera que inicia a gravação. Dessa vez, Whindersson comemora o que seria a marca de 1 milhão de inscritos em seu canal. Nessa ocasião, ele nos mostra a presença de centenas de pessoas que lotam um auditório para vê-lo atuar em stand-up comedy. Na inserção desse mesmo vídeo, gravado de um celular, Whindersson canta junto com a multidão: “e se derrubarem nós, nós levanta de novo, porque hoje nós é 1 milhão de bicho solto”. Esse é o refrão criado pelo vlogger que traduz a força de sua relação com seus fãs.



Imagem 9: Whindersson insere, em sua gravação, vídeo em que mostra a quantidade de fãs em seu show

“Pois é, galera, ‘ssaqui foi um show que eu fiz em Parnaíba/ E dia 22, agora, de novembro, dia 22, vai ter em São Luís, de novoo/ no centro de convenções/ E galera, eu quero que seja desse nível aqui [emparelha as mãos, subindo uma] pra cima./ Eu quero que São Luís me encha de orgulho...”

⁴⁶ Whindersson não diz de quais redes sociais ele se refere, mas deduzimos que se trata principalmente do Facebook e do Twitter que eram (e continuam sendo) as principais redes de discussão sobre temas de interesse público.

No início do vlog, Whindersson divulga os shows que estão agendados e orienta seus fãs a comprarem os ingressos. Depois disso, ele inicia sua narrativa.

Pois é, eu estava fazendo um show e, quando eu voltei, eu tive a notícia de que a... a nossa presidenta, no que se refere à questão de ser presidente [muda a tonalidade da voz, tentando imitar a voz de Dilma] foi reeleita. Até aí, tudo bem. Por quê? Eu num tenho muito dessa coisa: Ah, torço p' a num sei quem... Ah, vou tatuar a Dilma no meu mamilo.../ e eu sou hashtag Aécio Neves no The Voice/ Não, eu não sou esse tipo de pessoa... Por mim... / Como eu fui fazer o show, eu não exerci o meu direito de cidadão de votar, né?/ Porque não deu pra votar e eu vou ter que justificar o meu voto/ Aí eu cheguei e fiquei sabendo que a Dilma tinha ganhado e eu: porra, parabéns pra Dilma, pena pro Aécio ... Só que aí, cês sabem que eu sou uma pessoa de internet... E eu que sou uma pessoa de internet, eu passo o dia inteiro na internet. E quando acontece alguma coisa: ah, acabou o BBB... Internet só se fala de BBB. Ah, acabou o The Voice... Internet só se fala em The Voice/ Ah... Tá passando na Sky o filme “o monstro do lago Ness”, internet só se fala de Regina Casé... Muito normal./ Aí, eu entrei aqui na internet, tavam aqui falando de Dilma, de Aécio... Falando de eleição, falando de não sei o quê, falando de p-r-e-c-o-n-c-e-i-t-o com nordestino/ aaaáíí o negócio aí virou/ aííí fudeu foi tudo... Chegou uma GALERA xingando os nordestino de “burro”, de “idiota”, porque ... (um barulho próximo a de um automóvel freando é ouvido, Whindersson para de falar e olha para frente sem reação, demonstrando preocupação...) Satanás?/ Chegou uma galera! Galera com preconceito, xingando nordestino, nordestino é tudo burro porque/ reelegeu a corrupção/ ah, o nordestino é um povo imbecil mesmo, depois num vem reclamar... nordestino que não tem água, que morre de sede e ainda faz cagada nas urnas.../ HANHAAEEEE... (Whindersson se contorce, simulando estar num ring depois de ouvir uma provocação) Num é assim não, chegado... Porque nordestino, nordestino é um povo que se você mexe com um, você mexeu foi com tudim/ Eu não defendo Dilma/ Eu não defendo Aécio/ Eu não sou de time nenhum/ Eu não tenho partido nenhum... Mas essas pessoas que dizem que as pessoas do nordeste são burras por terem eleito a Dilma, elas estão falando basicamente de três coisas/ primeiro: corrupção/ segundo: Cuba/ terceiro: bolsa família... Pois vamo lá/ Primeiro: corrupção. Ok. Roubaram. Ok. Desviaram dinheiro. Ok. Mensalão. Tá bom... Mas vamos combinar que Aécio Neves não é nenhum espírito santo. Cês sabem, né? Num sei se vocês estão sabendo, né? Segundo: Cuba. Sobre Cuba eu não vou falar, porque eu não sei... Não vou falar sobre uma coisa que eu num pesquisei, que eu num tô sabendo, né verdade? Né isso?/ Terceiro: bolsa família./ Ahhh, brasileiro num quer mais trabalhar porque tem bolsa família... (simula ser um eleitor de Aécio revoltado), bolsa família é um sustenta vagabundo! Vagabundo agora quer fazer 5, 6 filho p' a ganhar dinheiro do bolsa família, num quer trabalhar mais não.../ E agora eu vou mostrar pra vocês quem são os ignorantes e os burros.../ Tem vagabundo sustentado pelo bolsa família?/ Tem vagabundo sustentado pelo bolsa família./ Tem vagabundo fazendo filho adoidado só pra ganhar dinheiro do bolsa família? Tem vagabundo adoidado fazendo filho só pra pegar o dinheiro do bolsa família, fazendo filho, transando toda hora aí... Só que além dos vagabundo que são tudo sustentado pelo bolsa família,

tem gente POBRE, que precisou muito do bolsa família pra viver./ Eu, graças ao meu bom Deus (aperta as mãos e leva a cabeça), graças a Deus, graças a Deus, enquanto eu morei com meu pai e com minha mãe, eu nunca passei fome na minha vida. E, meus pais sempre trabalharam pra colocar, acima de tudo, dentro de casa, comida na mesa. Podia ficar sem comer, mas os filhos não ficavam sem comer não./ E sabe como é que meu pai trabalhava?/ Vendendo remédio no interior. A galera do interior não tinha como sair pra ir na cidade fazer consulta, que que acontece... Meu pai ia lá com uns ass, uns dipironas e vendia pra galera. E eu ia com o meu pai/ Sabe o que eu via nos interior, onde vocês não vê? Eu via gente POBRE, POBRE... Passando fome, chorando. Tem gente no interior que se você fala de bolsa família, a pessoa até chora... Se o filho dela tá vivo hoje é por causa do bolsa família. Gente que por causa do bolsa família conseguia comprar uma coisinha pra comer... Gente que por causa do bolsa família conseguia comprar um caderno, um lápis e uma coisa pro filho/ pro filho ir pra escola... Essa é a diferença da ignorância de vocês que falaram mal do nordeste... O povo do nordeste que votou, votou pensando no pobre. Ele votou foi pensando na pessoa que passa necessidade, na pessoa que precisou usar isso... Essa é a ignorância de vocês: colocar em primeiro lugar o vagabundo e depois pensar no pobre... Milhões de pessoas que saíram da pobreza extrema foi no nordeste, porque aqui a galera precisava. Isso aí quem sabe é quem vê de perto/ Dentro do corolazim com ar-condicionado ligado e vidro fumê ninguém vê não!/ Vê quem foi lá... quem foi lá ver./ Antes de me chamar de ignorante, avalie a ignorância de vocês e pensem primeiro no pobre.../ Num adianta falar mal de nordestino, não. Sabe por quê?/ Cê pode falar mal, pode falar mal, falar mal do nordeste, falar mal das pessoas do nordeste, no dia que vocês vierem e precisar de uma casa pra ficar, aqui vai ter./ Porque o povo daqui é bom, acolhedor/ E é um povo carinhoso... Cês falam muito do nordeste, né?/ Ah, cês querem ir pra onde?/ Não, eu quero ficar é em Fernando de Noronha/ Fala mal de nordeste, mas é doido pra ir pra Fernando de Noronha, né? Ó, aqui é sangue nordestino e é com orgulho, viu? Precisando, tamos aí, um abraço a todo mundo. Um beijo/ Espero que vocês tenham entendido/ Eu não sou a favor de Dilma, não sou a favor de Aécio/ Eu não tô aqui por ninguém, por nenhum partido político/ Eu só me invoquei com esse tipo de ignorância de vocês. Pense primeiro no pobre e depois no vagabundo/ Ajude quem precisa e cale sua boca/ Valeu, brigado, e é nós [termina com as mãos juntas em sinal de oração].

O vídeo, de pouco mais de 5 minutos, concentra um desabafo. Whindersson dá sua visão de dentro, de alguém que já viveu e experimentou o lado profundo da vida dura no interior do país, criticando argumentos preconceituosos que surgem na internet, principalmente em período eleitoral, sobre a preferência de um candidato a presidente pela maioria das pessoas do nordeste. Whindersson fala pouco de política e, mesmo neste vlog de desabafo, se mostra neutro em relação ao favoritismo de candidato x ou y. Indicando ao seu público, contudo, sobre qual candidato ele julga ter mais afinidade com as demandas do povo nordestino.

Neste vídeo, Whindersson parece já ter consolidado a própria estética dos seus vlogs. Com recursos financeiros para comprar equipamentos, embelezar o cenário, e produzir efeitos com programas de edição de vídeos, Whindersson opta por manter as coisas como antes: iluminação natural, cortes secos em sequência, cenário desprovido de cenário, ou seja, ambientado em qualquer parte, de preferência em um quarto. Talvez a câmera seja, agora, de alta performance; ele não comenta mais sobre a baixa qualidade dos seus equipamentos, como antes.



Imagem 10: Whindersson rebate comentários preconceituosos contra nordestinos

A estética deste vídeo padroniza a própria imagem de Whindersson no YouTube. Desde o vídeo anterior, ele aparece sem camisa: seja porque queira chamar a atenção para o quanto ele parece à vontade – em sua casa, nos dando a impressão de estarmos, de fato, vendo um vídeo completamente íntimo, sem qualquer tipo de produção ou sensação de formalidade – seja porque, de fato, as altas temperaturas tornem incômodo o uso de camisas para a gravação.

O domínio no modo de apresentar a si mesmo no vlog toma um caráter estável. Nada que Whindersson inclua ou retire dos seus vídeos parece retirar sua graça. Fomos conquistados pela sua estreita amostra de vida que se mostra por meio de uma simples presença em forma de vídeo no YouTube. Uma vida rica de experiências, muitas delas

diffíceis, mas que nos conduz, contudo, a uma espécie de sabedoria popular, que nos oferece algo de belo, de simples, de poético.

Ouvir Whindersson falar de suas experiências no interior, ouvi-lo falar amorosamente sobre seus pais, das lembranças que carregou sobre um povo sofrido, ainda menino, são particularidades da história de Whindersson que o tornam não só uma personalidade, considerada na internet, como nos torna um pouco melhores. Por que me considero melhor? Meu estado de espírito pode influir sobre essa afirmação. Mas, para além disso, creio encontrar, no vídeo, e na maneira como Whindersson se revela uma tentativa de apaziguamento, de compreensão, de entrega. Seu corpo reage a essa vontade, uma vontade próxima ao gesto do perdão. Não sinto nenhum julgamento por trás daquilo que ele nos mostra, apesar de se dizer ofendido com os ataques dirigidos aos nordestinos em face da vitória de Dilma, em 2014. Talvez me sinta melhor por encontrar na fala de Whindersson um farol de luz que irradia na escuridão do preconceito; um preconceito subterrâneo que emerge do fundo das almas que ignoram tudo aquilo que Whindersson viu, experimentou e considera.

Em outras palavras, considero na fala de Whindersson a reposição de um desvio ético que incide nas mensagens que circulavam (circulam?) nas redes sociais às quais se referiu. A fala de Whindersson nos direciona a uma ética, digamos assim, universal que legitima sua “revolta” e nos coloca novamente no campo ordenado do respeito e da tolerância, sem os quais seria muito difícil (com)viver em sociedade. Whindersson nos mostra, ainda, uma outra versão de sua maneira de ser, a versão de alguém compenetrado e – embora ainda encontre espaço para uma brincadeira ou outra – responsável por tentar corrigir os erros de conduta de terceiros que desferem impropérios baseados numa noção deformada daquilo que ele diz conhecer bem. Whindersson se coloca como um representante de sua própria ética. O ato ético do vlogger me faz acreditar no aspecto positivo da vida on-line (não virtual), baseado principalmente numa ideia de liberdade e escolha, ao passo que o ódio disseminado nas redes sociais – concentrado, especificamente, no depreciamento coletivo de nordestinos – me leva a pensar sobre os usos negativos dados às redes, principalmente em relação a um comportamento de “efeito manada”, em que devido à distância física (provocada pela ideia de virtual) de outros participantes, diante da falta de um rosto (LEVINAS apud SEBBAH, 2009), somos desvinculados da alteridade que nos aproxima do outro.

Hoepfer escreveu um ensaio pertinente sobre o ódio, em que vai nos dizer, ainda:

O ódio moderno, fortuito, é carregado de uma forte necessidade de autoafirmação que só encontra lugar na recusa da identificação do outro. A afirmação de uma identidade equivale à negação da outra, como se múltiplas identidades não devessem coexistir. Nessa luta pela eliminação da coexistência se funda, finalmente, toda uma nova comunidade. Fica evidente que a rejeição extrema que leva à tentativa de eliminação da identidade do outro só pode ter como consequências catastrófica a anulação de sua própria identidade. (HOEPFNER, 2018, p. 194)

Contra esse ódio fortuito é que encontramos um depoimento carregado de emoção, mas sem sentimentalismos, e que encontra uma maneira de se apropriar do meu gosto. Whindersson rebate as injúrias de preconceituosos de forma leve, sem necessidade de se igualar ao ódio propagado diante de assuntos políticos nas redes sociais. Talvez seja isso que me faça ouvi-lo com interesse e ter, de algum modo, uma empatia redobrada: em algum momento, diante de polarizações e excessos, alguém desconsiderado da estrutura política e midiática tradicionais – do quarto de uma casa situada no extremo norte do país, se mostra estar acima da intolerância que se generaliza. Reagindo, assim, com a virtude do meio-termo, oferecendo sua experiência de vida como objeto de conhecimento prático e se posicionando, pela primeira vez, de forma pouco humorística sobre um tema gerado no contexto de uma eleição.

Nesse momento, não importa se o vlogger se mostra sem camisa ou seu quarto está pouco iluminado, o que há de estético no vídeo de Whindersson é a tonalidade de sua voz, as incursões graciosas e seu olhar sereno. Em todo caso, me concentro naquilo que Whindersson tem a dizer. Como se, no fundo, ele nos provasse que sua presença está além do que é composto o cenário e que – diferentemente do que estamos acostumados a ver em produções cinemáticas ou televisivas – a construção de narrativas autobiográficas no YouTube passa pela assunção de uma origem representativa (seja essa origem um lugar ou uma categoria) – que desvele e promova a origem de outros – e dos modos de assumir essa origem, considerando que mesmo que se possa falar em nome de um lugar, esse lugar nunca é de fato representado, sendo apenas mencionado e descrito em um recorte particular de compreensão do que seja aquele lugar. Nesse sentido, o que observo é que vale o que de único uma existência pode atribuir a essa origem. Sendo único uma palavra genérica demais, tentemos de novo: nesse sentido, o que observo é que vale o que de mais íntimo existe no modo de expressar a autenticidade dessa origem. Ver e ouvir Whindersson é sentir alegria, compaixão; é se debruçar na desordem, no desconhecido, se familiarizar com o estranho e se descobrir humano com ele, revisitar memórias e

apostar na bondade da inocência de um olhar, um olhar feito de reticências e exclamações, que nos abre, de repente, as cortinas de um quarto onde existe um outro que atravessa o nosso Eu.

Não é simples esclarecer esses pontos, dado a dinâmica superficial que se concentra em produções voltadas às novas tecnologias midiáticas e a cultura que as envolve. Mas precisamos observar como os espectadores de Whindersson assimilam o que, para mim, importa, emociona, e me leva a pensar.

Interespectador1: Quem diria que esse vídeo infelizmente ainda seria tão atual em 2018. Que tristeza.

Interespectador2: lindas palavras 🙌🙌🙌 que orgulho ser nordestina

Interespectador3: Na moral: o nordeste é a melhor região do Brasil. Queria eu ser nordestina! O sotaque e o dialeto são as coisas mais interessantes do mundo, os nossos melhores cantores vieram do nordeste, é lá que tem a melhor comida, as melhores paisagens, mas uma coisa eu nunca esqueço: o povo nordestino! Gente de fibra e com um coração enorme! Nasci no norte e cresci no centro-oeste, mas meu coração é nordestino! <3

Interespectador4: Como eu ainda não tinha visto esse vídeo, o Whind só falou verdades!

Interespectador5: 10 de 2018 preste ao segundo turno de eleição e esse vídeo ajudando tanto a refletir. Whindersson você merece o mundo! 🙌❤️

Interespectador6: Sou brasileiro, filho do nordeste, sou Cabra da peste, EU SOU CEARÁ! ❤️

Interespectador7: É isso aí, Wirderson. Povo ignorante fala o que quer. Colocar -se no lugar do outro é que é difícil. Aqui se trabalha sim! A diferença é que nós sabemos nos divertir. Somos acolhedores, povo de coração bom! E eles com certeza doidos para ter isso!

Interespectador8: Esse cara é top de mais Whindersson te amo eu não sou nordestina mais eu te entendo como cê fala 🤔

Interespectador9: uma das melhores análises que já vi e ouvi...vc é o cara WN...

Interespectador10: Parabéns, Windersson. Que a juventude continue com a sua visão da vida. O nordeste sofre muito!

Interespectador11: Bicho eu não tinha muita admiração por ti. Passei a ter!

Interespectador 12: Me emocionei com seu depoimento. Aqui é Nordeste 🥰
Petrolina-Pe

Interespectador13: Sou Paulista mas amo e admiro o povo Nordestino . Aí de nós se não fossem vocês! A sim, e Paulista também recebe o bolsa família, inclusive eu!!

Interespectador14: “Escuta! A cidade só existe por que viemos antes Na dor desses retirantes com suor e sangue imigrante” – RAPadura.

Interespectador15: Essas palavras fazem efeito até hoje❤️

Interespectador16: Whindersson quanto mais te vejo mais te admiro! Desejo que você tenha cada vez mais sucesso , você é um garoto de muito bons sentimentos, boa formação . Sucesso !

Interespectador17: tenho orgulho de ter cara assim como vc quer vc não esconder suas origens sou PARAIBANA de uma cidade pequena do interior chamada sapé e tenho orgulho e ver vc defendendo nosso nordeste

Interespectador18: Cara, vc falou tudo! Compartilhei em todas as minhas redes sociais esse vídeo. Por isso que te admiro.

Interespectador19: Muito orgulho desse vídeo, a bahia agradece e o nordeste te ama windersson

Interespectador20: Me emocionei

Interespectador21: Whindersson é o melhor vlogueiro do Youtube!

Interespectador22: Estou conhecendo agora este Whindersson, nominho difícil...achei q era só um monte de besteira, estou surpresa, que barato, e este vídeo...que comentário sóbrio, sensato, parabéns! Não interessa tb o lado político, vivemos em uma democracia e já sabemos que não existe pacote (partido) com soluções mágicas, todos os partidos estão devendo para a população, então, assumir um lado ou outro tem q ser respeitado, e não ter lado é totalmente permitido também.... adorei o vídeo!

Nos comentários a respeito deste vídeo, não observei nenhum “kkk” ou outra onomatopeia relacionada a risos, tão comuns nos comentários de outros vídeos, em que Whindersson explora com mais clareza sua graça. No entanto, percebo que alguns interespectadores se surpreendem com a inclusão de um vídeo com viés político e passam a segui-lo ou admira-lo com mais ímpeto. Neste sentido, percebemos que possa existir uma empatia gerada pelo valor representativo, que altera, inconscientemente, o julgamento dado ao vlogger.

11. EXPRESSÃO MÁXIMA DO DESCONFORTO

Uma garota aparece em frente à sua câmera, ofegante... Ela me olha com estranheza e ri, mexendo nos cabelos, dizendo: “Oi, querida!”. Certamente, ela sabe que posso ser uma querida ou um querido. Tenho impressão de que cumprimenta a si mesma. Ela volta a estranhar a imagem que vê. Sim, ela se vê do mesmo modo que a vejo. E parece não gostar de sua própria imagem: afasta-se, arrumando o seu cabelo, sem dizer nada, fingindo ser aquela câmera uma espécie de espelho. Enquanto isso, franze a testa e se encara, mudando o penteado. “Bem melhor”, diz. Sentada no chão, ela olha novamente para a sua imagem, mas desta vez se incomoda com o travesseiro branco que está atrás, num sofá-cama. Ou simplesmente um sofá. O travesseiro, no entanto, nos diz que pode ser um sofá usado como cama. Depois de um corte brusco, ela aparece posicionada novamente em frente a câmera e respira profundamente, distanciando suas mãos que formavam duas “conchas” à medida que a respiração passa. Outro corte, ela se aproxima mais uma vez. “Tá melhor aqui, né?”.

Novo corte. Não há mais ninguém em minha frente. Só percebo uma movimentação nos travesseiros que estão em cima da cama. Sim, agora, vejo com mais nitidez que se trata mesmo de uma cama, e não um sofá. O travesseiro branco sumiu do cenário, dando lugar a dois travesseiros estampados com rosas e um tipo de manta vermelha. Me incomodo com a cobertura roxa listrada, que forra a cama, com os travesseiros e a manta vermelha, também. Estamos passando os 30 segundos de vídeo.

Novo corte, a garota volta e se senta no chão ao mesmo tempo em que se posiciona diante da câmera, estralando seus joelhos ao se agachar. Ela ri sem graça e diz: “dearr” (reproduzindo a palavra inglesa como em português). Corte. Olha para o lado e mexe na testa, dizendo: “vamos lá, não tem ninguém vendo isso”. Funga e repete: “Não tem ninguém vendo isso”. Mexe com os lábios. Corte. “Para de olhar para cima”, diz olhando para a câmera. “Por que que tá olhando pra cima?”. Passa a mão no rosto, arregala os olhos, respira e faz movimentos de fechar e abrir com as mãos voltadas para a câmera. De olhos arregalados, ela finge tapar a boca e, novamente, repete o que havia feito antes: respira profundamente, distanciando as mãos e juntando-as. Sete segundos de silêncio. Um bem-te-vi tira a mudez do vídeo. “Será que tá bom? Será que tá bom? Será que táá boom?”, diz Júlia em forma de deboche. Mais um corte. O rosto sério se torna tristonho... Corte. Ela nos olha sem nada dizer e se levanta... Corte. “Essa telinha do outro lado é um problema”, se queixa. Corte. Mostra apenas os olhos, depois parece afundar no vídeo,

colocando suas mãos na cabeça. Corte. “Peraí, vamos pensar nas coisas que eu tenho que falar”, conta com os dedos: “trânsito, gente esfregando o peru... Não... Fuuu (respira irritada)”. Olha chateada para a câmera: “Aí cê chega, aí cê fala: Pôah...”. Corte. “Está muito ruim! A gente tem que escrever um roteiro e depois a gente grava, porque assim não tá dando... não tá dando jeito!”. Desliga.

O vídeo figura como o primeiro a ser publicado por Júlia Faria em seu canal “JoutJout Prazer”. A data de publicação é 12 de junho de 2014. Até o momento em que visitei a página, o vídeo tinha 437 mil e 174 visualizações. Na descrição dele, Júlia relata: “muito difícil esse negócio de falar sozinha”.

O que teria este vídeo de especial? Mesmo para ser posto como a primeira produção audiovisual caseira de Júlia, o vídeo parece dizer bem pouco; aliás, não diz nada. O vídeo é puro conteúdo visual. As imagens cortadas nos mostram as diferentes expressões do medo, da dúvida, do desconsolo, da vontade, do tédio, da esperança. Nos damos conta, ainda, de que, realmente, não é nada fácil se colocar na frente de uma câmera. A câmera, sabemos bem, nos coloca de frente com o desconhecido. E o desconhecido amedronta, desafia, provoca, embora esta sensação seja apenas motivada por nosso próprio inconsciente. Um inconsciente que julga e julga a nós próprios com mais afinco, talvez, do que este outro que chamo aqui de inconsciente social⁴⁷. Iria dizer “coletivo”, mas os conceitos não se aproximam.

Júlia não diz nada sobre si. Apenas se desfaz de toda ideia de conformidade, de unidade, de perfeição que caracteriza qualquer produção pensada e repensada para ser, então, exibida. O primeiro vídeo de Júlia no YouTube encanta e explora nosso desejo de liberdade o qual ela mesma traduz por meio da incompletude, a ausência de prescrição ou qualquer outro tipo de direção, existe ali um descompromisso inerente ao amadorismo, aliado à curiosidade de ver no outro essa falha que não temos coragem de assumir em nós mesmos; mas que sabemos como se apresenta em momentos diversos em que somos, por algum motivo, desafiados pelo acaso a agir de improviso. Neste vídeo, observamos a

⁴⁷ Pena e Garcia (2015, p. 46) nos direcionam para o segundo entendimento de “inconsciente social”: Foi Erich Fromm, a partir da década de 1960, especificamente em 1962 e, mais tarde, em 1976, no volume 3 de seus escritos póstumos publicados em *A descoberta do inconsciente social* (Fromm, 1992), o primeiro autor a empregar o termo inconsciente social para se referir às formas inconscientes de internalização do mundo social e às características do mundo social externo de que não se tem consciência (Hopper; Weinberg, 2011). Sua definição de inconsciente social aproximava-se do que denominou de “mente inconsciente da sociedade” (Fromm, 1992, p. 79) e articulava-se com a noção de filtro social de origem claramente freudiana.

presença crua de alguém que sequer tem objetivo. O que ela faz, e o que nos deixa, de certo modo, atônitos é esse descortinamento de sua fragilidade sem pedir desculpas, porque essa fragilidade é uma fragilidade universal, mas que ganha outra tonalidade ao ser explorada de maneira tão própria.

Em “Nudez”, Agamben nos faz pensar sobre a impotência como uma qualidade derivada e pouco compreendida da potência, mas que quando é expressada sem reservas, torna os sujeitos mais livres e conscientes de seus próprios atos. Diz o autor:

Nada nos torna tão pobres e tão pouco livres como o estranhamento da impotência. Aquele que é separado do que pode fazer pode, porém, resistir ainda, pode ainda não fazer. Aquele que é separado da sua impotência perde, ao contrário, principalmente a capacidade de resistir. E como é somente a ardente consciência do que não podemos ser que garante a verdade do que somos, assim é apenas a visão lúcida do que não podemos ou podemos não fazer que dá consciência ao nosso agir. (AGAMBEN, 2015, p. 73)

O primeiro vídeo do canal JoutJout Prazer explora exatamente essa condição de impotência que, em outros espaços de exibição, anularia todo o processo de produção audiovisual. Nesse vídeo, passamos a olhar novamente para essa condição desprezada e desvalorizada do “não saber” e do “não fazer” como algo autêntico e humano. A liberdade de errar, a liberdade de poder errar é que transforma essa impotência no aspecto vivo e diverso de constituição do humano.

Júlia, em seu quarto, nos mostra sobretudo esse outro ângulo da realidade, que não se confunde mais com uma reserva de espaço e de tempo concretos, mas que se traduz ainda pelo agir pessoal: ou seja, pela maneira de se colocar diante de suas disposições emocionais do momento, sem ocultar os embaraços e as nulidades que atestam o que ela chama de “expressão máxima do desconforto”. O que diferencia este ato de uma performance? O tempo que perdura a ação? A ocupação do espaço virtual em vez do espaço físico? Diria que Júlia nos convida para uma performance, mas antes de pensar sobre isso, ela age e se expõe. Por termos a liberdade de saber o tempo de duração e de parar a exibição e sair sem volta, ela nos apresenta algo de menos de dois minutos. Ficamos até o final. Ela desliga e somos fustigados pela incoerência, pela não-concretude de seu desejo, pela imperfeição do vídeo e pela assimilação perfeita da noção de decomposição do roteiro (como manual de apresentação), ao mesmo tempo em que explora o improvisado – que nasce naturalmente com a aparição do sujeito anônimo e suas

práticas autobiográficas, relacionadas principalmente ao modo de estar e consumir na esfera midiática on-line.



Imagem 11: Júlia tenta manter os olhos fixos na câmera

Apesar de não haver conteúdo temático no vídeo apresentado, poucos são aqueles que desmerecem com “dislikes” o que é mostrado. Como visto acima, vemos 23 mil curtidas e 255 “descurtidas”. Nos comentários, podemos perceber com mais clareza o que no vídeo é considerado como mais relevante para cada sujeito.

Interespectador1: Vim do seu último vídeo te contar que vc até hoje não segue roteiro nenhum e isso é ótimo. Melhor pessoa ❤️

Interespectador2: "tem ninguém vendo isso" na verdade tem gente pra caramba vendo isso <3

Interespectador3: E não escreveu um roteiro até hoje... AMO SEUS VÍDEOS!!!

Interespectador4: Também cheguei ao fim (ou começo, whatever) e aproveito para escrever palavrinhas sinceras:

Jout Jout, sei que não és perfeita e que és tão ou mais insegura quanto todos nós que te assistimos, porém, por alguma mágica ou macumba interestelar (ou inter estelar) você consegue com seu sorriso escrachado e jeito despojado de ver a vida, trazer felicidade e alegria aos coraçõezinhos de um monte de gente que te assiste.


Obrigado por todos os sorrisos e por ter me dado um pouco da sua esperança e sabedoria de vida.

Interespectador5: Estou passando por um momento bem barra na minha vida, mas você me ajudou a ficar um pouquinho melhor s2
Obrigado e beijos s2

Interespectador6: Ps.: Nas férias vou começar um VLOG e aí vou fazer um em homenagem a ocê... ;p

Interespectador7: Gente, esse vídeo é uma obra de arte! Merecia um Oscar!

Interespectador8: Sério que o primeiro vídeo já é genial!? kagakakakakakakaka

Interespectador9: Gente! A aflição dela em vencer o medo de ser julgada. Julia


Interespectador10: Toda vez que estou insegura na vida venho e assisto esse vídeo.

Podemos perceber que a relação destes interespectadores vai muito além do consumo ou do uso momentâneo, puro e simples, da internet para o entretenimento. Alguns comentários não partem do próprio vídeo, ou seja, alguns espectadores tiveram o primeiro contato com Júlia a partir de outras produções – mais elaboradas sem dúvida – e com muito mais acessos. Resolveram, contudo, estar ali, observando o primeiro vídeo, para identificar como Júlia era naquele julho de 2014, sem o reconhecimento e sem o “conhecimento” adquirido com a prática de fazer vídeos para o YouTube.

“Genial”, dizem alguns. O que seria “genial” para esses interespectadores? Seria a capacidade de identificar o medo e o pavor do julgamento alheio e explorar nela mesma esses sentimentos? Para o primeiro vídeo, nada como encontrar em seu próprio estado de espírito a saída para o problema que ele próprio nos coloca. Genial, sem dúvida. Mais do que genial é genuíno e sincero o agir de Júlia, que reage conforme as circunstâncias dos sentimentos, sem mascarar as rédeas que determinadas situações nos impõem. Ao mesmo tempo é confortante vê-la expressando sem medo o seu medo. Aquilo que seria um fiasco de apresentação se torna sua maior vitória. Acostumados com a perfeição das atuações de celebridades, a uma beleza padronizada de seus rostos e corpos, a invejável idealização de suas vidas na mídia, agora, nos voltamos para a verdade da imperfeição, da desordem, da feiura e dos sentimentos de fracasso. Reconhecendo nesses últimos o que há de belo, de bom, de confortável. Parece que finalmente encontramos outros espaços, onde nos sentimos melhores, compreendidos, assimilados. São esses espaços que, de algum modo, legitimam o sujeito anônimo, como detentor genuíno da espontaneidade, dos gestos expressivos, da graça e da vivacidade encontrados na ideia que temos de mundo real.

12. TÁ TODO MUNDO MAL

“Cê tá lá, sofrendo...”. Júlia aparece em seu sexto vídeo sentada em uma cadeira, num espaço entre uma varanda e um quarto. Ela mexe no celular no decorrer da gravação, enquanto ficamos atentos aos seus gestos desatentos. “... triste”, continua, deixando o celular na mesa e olhando fixamente para a câmera. “... deprimida”, cruza os braços e se auto-abraça, olhando para o lado. “... mas aí, você fala/ Ah, aqui, uma paisagem bonita dessa praia”, pega novamente o celular e finge tirar uma foto. “Pá”, simula o barulho de um flash. “E, aí, o que que o mundo vê?”, se pergunta. “Você numa praia bonita”, se responde. “Ela (Júlia utiliza o pronome no feminino, mesmo quando se refere ao “mundo”) num vê o que tinha antes: que era você andando, deprimida, indo pro trabalho que você não gosta”, movimenta os braços em tom de explicação. “Ela só vê que você tinha/ que você tava feliz ali na praia... Uma grande mentira”, cruza os braços. “A gente fica mentindo o tempo todo, não tem problema”, olha novamente para o lado e mexe em algo próximo a um computador, que não aparece.

Um corte nos retira da imagem de Júlia e nos coloca, agora, em outro plano. Um plano completamente escuro, em que ouvimos uma canção inglesa lírica e romântica (“I dreamed a dream in times gone by, when hope was high and life worth living”...⁴⁸) ao mesmo tempo em que frases aparecem e desaparecem com os seguintes dizeres: irmão, relaxa/ tá todo mundo mal/ tá TODO mundo mal/ tá TO-DO MUN-DO mal.

Júlia reaparece no mesmo lugar, sem nenhuma mudança de cenário, roupa ou posição, complementando o que havia falado anteriormente, com a voz um pouco rouca:

Às vezes, a gente acha que tá todo mundo bem. Só a gente que tá totalmente na merda... Não é assim que acontece de verdade: tá todo mundo mal! Não é só você que tá mal... Seus amigos tão mal, seus primos tão mal, seus pais estão mal, também... Eu tô mal, Caio tá mal, os amigos dos seus amigos estão mal, os primos dos seus amigos estão mal... Tá todo mundo mal! Tem ninguém bem. O Facebook não diz isso pra gente. O que que o Facebook diz? Que as pessoas estão comendo comidas gostosas... Estão viajando para lugares legais... Que as pessoas amam umas as outras, quando, na verdade, nem é verdade, às vezes... Facebook diz que as pessoas são sempre bonitas em todas as fotos. Facebook diz que a gente entrega monografia... Facebook canta todas as vitórias! Cadê as derrotas do Facebook? Elas não estão lá. Mas aqui do lado de fora (se auto exhibe com as mãos). Quer dizer: aí do lado de

⁴⁸ “I dreamed a dream” é uma canção original do musical “Les miserables”.

fora, né? (estende o braço em direção à câmera). Porque aqui.../ Por exemplo (olha pro lado e mexe na orelha): eu não sei o que eu quero fazer da minha vida... (segura o queixo e mexe no cabelo). Ainda não sabe? (simula alguém questionando...) __ Ainda não sei... (dobra a perna na cadeira e balança a cabeça). Mas você já tem 23 anos! (simula alguém inconformado) __ Não importa. Não sei... Tem que saber? Tem que saber agora? Por que tem que saber agora? Quando você não sabe o que fazer, você fica desesperado de ficar parado em casa sem fazer nada... Aí você sai se enfiando em qualquer coisa! As pessoas falam pra fazer coisas, aí você fala: faço! Aí, cê vai fazendo, vai fazendo, vai fazendo (movimenta os braços para todas as direções)... Ontem (se posiciona séria para a câmera) eu me dei conta de que eu num trocava de roupa há três dias (olha para o lado, abaixando cabeça)/ eu comecei uma dorzinha aqui atrás desse olho (aponta e fricciona o olho direito), às vezes ele treme... O que é que isso quer dizer? Num sei.../ Se isso não é crise, eu não sei o que é! (reage com chateação, colocando um objeto com força em um tipo de mesa que está a sua frente, mas não aparece)/ Num é porque eu fiz comunicação não... Galera de engenharia também tá mal, num tem ninguém sabendo o que quer fazer/ Até as pessoas que sabem o que querem fazer, não tem tanta certeza assim.../ Às vezes a gente pensa: porra, se eu tivesse feito outra faculdade, talvez estaria tudo mais fácil, agora... Num estaria (ri com os lábios cerrados, balançando a cabeça)... / Esse desconforto geral independe de formação acadêmica.../ E junta isso... tem o Rio de Janeiro... (movimenta a cabeça para o lado e fixa novamente para a câmera). Eu quero morar no Rio de Janeiro? Eu quero ser assaltada em cada esquina? __ Não (fala com a voz bem aguda e irônica). Estou num lugar que eu não sei se quero estar, que eu demoro duas horas e meia pra chegar nos outros lugares, no meio desse percurso, eu posso ser assaltada, esmurrada, estuprada... Mas aí faz como? Larga tudo e vai pra cidade pequena? Vai pra Floripa? (faz uma careta irônica)... Como que faz com a mãe, com o pai, com o irmãozinho, com os amigos?/ Qual é a sua crise? A minha é essa...

Um corte nos leva novamente para o plano escuro com frases que aparecem e desaparecem, sendo acompanhadas pelo resto da música (I had a dream my life would be, so different from this hell I'm living, so different now from what it seemed). As frases surgem simultaneamente com a música: dizem que uma hora fica tudo bem/ a boa é aproveitar a viagem/ e fica esperto pra não ser assaltado!

O vídeo dura 3 minutos e 46 segundos. Foi publicado no dia 5 de junho de 2014, sendo visualizado por mais de 600.000 pessoas. Com 34 mil curtidas e 128 descurtidas.

Ao contrário do vídeo anterior, neste há muitas falas e poucos silêncios. Júlia desabafa sobre sua situação sentimental e psíquica, nos coloca problemas pouco discutidos em outros ambientes e busca – com a confissão de suas incertezas e preocupações – nos alertar para esse outro lado da imagem que não aparece, o lado menos bonito da vida das pessoas: as crises existenciais que não figuram nas realizações mostradas, segundo ela, em redes sociais como o Facebook. Assim como Whindersson,

nos relatos anteriores, Jout Jout demonstra por que considera o Facebook uma rede social enganosa. Os dois vloggers mencionam a mesma rede social, em seus vídeos, para mostrar que há problemas relacionados aos diversos modos de seus usos. Para Júlia, em todo caso, o que há de mais frágil nesta rede social é a exposição exagerada e sempre positiva da imagem de seus participantes. Para ela, o Facebook oculta a realidade das pessoas, nos mostrando somente aquilo que há de mais invejável, retirando, assim, aquilo que existe de pouco atraente, mesmo sendo este lado menos atraente a verdadeira situação em que se encontra alguém. A vlogger tenta se indignar com as falsas ilusões impostas pelo Facebook, mas apenas se incomoda com o uso artificial que as pessoas (ou nós mesmos) fazem(os) dessa rede, que funciona exatamente para isto: a autopromoção. Mesmo que nada daquilo que foi publicado tenha acontecido, ou tenha acontecido de maneira diferente de como foi publicada. A autopromoção no uso do Facebook traz outra situação que Júlia desmistifica: a ideia de que mostrar algo positivo sobre si mesmo automaticamente torna a pessoa feliz e vitoriosa; quem não faz o mesmo, portanto, só pode ser um infeliz. Afinal, quem não aparece, quem não se autopromove, só pode estar mal.

O discurso de Júlia nos dá ainda mais credibilidade quando ela própria nos fala sobre suas crises, nos toma como amigos íntimos, e nos faz revelações embaraçosas que, diante de tamanha naturalidade, poderia nos levar a pensar se não foram elas mesmas inventadas. Deixo-me levar pelas crises de Júlia e acolho como verdade seus problemas de jovem de 23 anos, de classe média, de Niterói. As incertezas dela podem ser as mesmas incertezas de milhares de pessoas, inclusive daquelas que não tem mais 23 anos.

Acho que é a primeira vez que ouço algo tão íntimo de alguém completamente desconhecido. O que seria mais íntimo do que nossos próprios problemas? Minha sensação é de estar de frente com uma pessoa carregada de sonhos e que, por algum motivo, não consegue se definir, porque se definir é se limitar demais. Júlia não tem limites.

O vlog de Júlia nos coloca diante de um mal-estar generalizado. Um mal-estar que se concentra, em grande parte, no sujeito deslocado, que não se encontra exatamente por não procurar caminhos. Por viver aquilo que lhe é dado viver, fazendo de seus gostos seu guia, de suas fantasias seu ensinamento. Júlia me lembra Alice, mas seu país não é das maravilhas. E, com ela, nos questionamos: qual é a nossa crise? Minha crise é tentar descrevê-la, pura e simplesmente. Porque descrevê-la é ir longe demais na intimidade, uma intimidade que nem eu mesma quero assumir comigo mesma. Reconheço nesse

processo de confissão que Júlia empreende, consigo mesma e com o mundo, uma ousadia e uma coragem absurdas.

Incertezas, indecisões, medos são partes da sensação de uma incompletude que faz parte, em menor ou maior grau, da maioria dos seres humanos. Levando em conta a pressão social pela aptidão e perfeição sem medidas, nos sentimos ameaçados, caso não tenhamos conquistado aquilo que, outrora, “cobramos” nos tornar. Vem a culpa. Vem o sentimento de fracasso. Vem o mal-estar generalizado. Vem a tristeza. A tristeza que não é vista no Facebook, mas é discutida por uma vlogger no YouTube. Parece confuso: redes sociais servem pra quê? Uns dirão: para a auto promoção. Outros insistirão: para a auto-análise. Na verdade, o que vejo e o que posso dizer é que as redes sociais existem para nos colocar de frente com um outro. Quem é esse outro? De onde ele veio? O que ele me faz sentir? É esse outro que nos interessa, propriamente.

Outrem não é tanto uma liberdade vista de fora como destino e fatalidade, um sujeito rival de outro sujeito, mas um prisioneiro no circuito que o liga ao mundo, como nós próprios, e assim também no circuito que o liga a nós – E este mundo nos é comum, é intermundo – E há transitivismo por generalidade – E mesmo a liberdade tem sua generalidade, é compreendida como generalidade: atividade não mais o contrário de passividade. (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 241)

Merleau-Ponty (2014) nos diz quem é o outro para ele, ou melhor, o *outrem*: “um prisioneiro no circuito que o liga ao mundo, como nós próprios, e assim também no circuito que nos liga a nós.” O outro participa do nosso mundo, ele é esse sujeito do nosso tempo, somos contemporâneos e diversos. Experienciamos coisas distintas e sentimentos similares, nos aproximamos e nos distanciamos conforme as circunstâncias, mas também conforme nossos desejos.

O que me aproxima de Júlia, afinal? A idade? A crise? Seu desnudamento íntimo? Até mais íntimo do que o desnudamento corporal; um desnudamento de alma que se alia ao meu mais profundo sentimento de acolhimento. Já confundo ação e emoção. É que acolher é uma ação que invade primeiro a instância afetiva.

O que me liga, enfim, a essa pessoa que não conheço e mesmo assim me familiarizo? Talvez a busca pelo outrem nos traga de volta a nós mesmos. Merleau-Ponty tem razão: o outrem não é uma liberdade vista de fora, e a atividade que ela implica não é mais o contrário de passividade. Imersos no outro, resgatamos um outro Eu. Júlia nos diz: “tá todo mundo mal”. Seu depoimento não nos leva a outros lugares, não mobiliza

nosso imaginário. Ao contrário: somos, agora, prisioneiros em um mundo ligado a nós próprios.



Imagem 12: Inserção de mensagem no vídeo com música de fundo

Voltemo-nos um pouco ao que é dito por outros interespectadores:

Interespectador1: Eu sempre venho aqui, pra ficar um pouquinho melhor.

Interespectador2: Só eu que fiquei feliz vendo o video?

Interespectador3: É horrível se sentir sozinho, achar que é o único nessa, achar que todo mundo está se distanciando. É horrível parecer ser a única pessoa que tá mal em um mundo onde todos tentam esconder o que sentem </3

Interespectador4: Nessa idade (23/24 anos) eu não sabia bem o que fazer, não tinha profissão nem nada. Ai, com 30 anos as coisas tomaram um rumo inesperado e muito legal e foi tudo muito bacana. Agora eu tenho 36 anos e uma nova fase está começando e eu vou ter que decidir de novo o que quero pra minha vida. O bom é que eu tô com menos medo agora. Vamos nessa, Jout Jout!

Interespectador5: o desconforto emocional independe da formação acadêmica

Interespectador6: Admiro TANTO as pessoas que sempre souberam o que queriam fazer da vida! Eu tenho 28 e não sei o que quero fazer, também não sei se quero morar no Rio, se quero voltar pra BH, se caso ou compro uma bicicleta... e de tanto não saber, o que me resta? gastrite! Hahaha! #rindopranaochorar

Interespectador7: Não queria ter visto esse vídeo. Me identifiquei com cada palavra. Vou fazer 22 anos, estou no último semestre da faculdade, moro em São Paulo. Não sei o que quero fazer da vida, não sei se quero morar aqui. Não sei nada/

Interespectador8: Sou mais uma das milhares de pessoas que ~acabou de conhecer o seu canal e já está apaixonada~
(e também está em crise e também teve alguns dos bons momentos do dia assistindo os seus vídeos)
Obrigada por fazer parte da minha boa parte da viagem, Joutjout :))) Você é fantástica!

Interespectador9: "o facebook diz que a gente entrega monografia..." me tremi todo aqui

Interespectador10: Foda é quando você tem 21 e parece que todas as pessoas que você conhece têm certeza absoluta do que estão fazendo e querem fazer... Aí você ta tipo "eita porra, e agora?"

Interespectador11: Vc é foda pq tu é honesta, autentica com seu conteúdo... bárbaro!

Interespectador12: Sua marota perspicaz... Melhor encerramento EVER: "I had a dream my life would be so different from this hell I'm living" - resumindo todo um vídeo, todo um pensamento, toda uma vida!

Interespectador13: Esse é o melhor vídeo do mundo todo.

Interespectador14: o que falta na internet hoje em dia é uma sinceridade como a sua.

Interespectador15: Só vejo verdade nesse vídeo... espero que fique tudo bem mesmo.

Interespectador16: Eu vejo esse video sempre e choro, logo em seguida me sinto bem pq eu lembro que ta todo mundo bem mal

Interespectador17: È um dos seus melhores vídeos, Jout Jout e um dos mais verdadeiros que já vi na internet..." e fica ligado pra não ser assaltado". Aqui em Recife é assim SEMPRE!

Interespectador18: Esse vídeo faz eu me sentir melhor de uma maneira egoísta, fico mais tranquilo por saber que ta todo mundo mal~. obrigado, eu acho

Interespectador19: O vídeo mais certo que já vi, parecia a voz da minha consciência amordaçada com o direito de falar em poucos minutos.

Interespectador20: Amo você por esse vídeo! <3 Descreveu minha vida e me deixou um pouco melhor com ela.

Os interespectadores do vídeo passam por situações semelhantes às aquelas descritas pela vlogger. Sentimos e vivemos, em algum momento, essa cobrança interna que Júlia e os sujeitos dos comentários apontam: uma infelicidade geral que se traduz pela não adequação a uma certa ideia de felicidade. Há ainda a grande dúvida sobre coisas práticas: o que fazer da vida, como fazer... Júlia demonstra por meio de seu depoimento o que muita gente sente, mas não fala ou nem mesmo chega a pensar. A confissão não é um segredo, é apenas um desabafo. De algum modo, aquilo que Júlia nos diz não configura exatamente uma particularidade de sua vida. O que ela nos conta e nos comove é um retrato da sua insatisfação e da insatisfação de muitas pessoas diante de problemas específicos, que não se resolvem com listas ou remédios, por ser, além de pessoal, um problema conjuntural. No entanto, o que antes era restrito aos sujeitos e suas vidas íntimas, agora pode ser melhor compreendido, quando exposto sem medo ou culpa. Júlia alivia suas dores e permite que outras pessoas se sintam melhores ao dizer quatro palavras: tá todo mundo mal. O que antes se pensava ser uma infelicidade isolada, torna-se uma infelicidade universal, desse modo, já não consigo ver a minha infelicidade do mesmo modo. Acolho e ressignifico sua (des)importância, retirando seu caráter particular e “único” para pensá-la de maneira coletiva, impessoal, despersonalizada. Tratar um mal-estar como um fator de preocupação coletiva, torna Júlia mais do que uma vlogger que compartilha causos pessoais. Júlia não se interessa apenas pelo seu sofrimento; seu vlog traz questionamentos alheios aliados aos seus próprios e se utiliza como exemplo de desordem, insegurança e fracasso; para nos lembrar que a vida também é feita de situações pouco desejáveis; e é isso que faz dela uma realidade.

A realidade, pensada do ponto de vista estético – nos vlogs isso é retratado abertamente de maneira enfática, quase literal – não é bela. A ideia de realidade, a sensação de realidade sentida, parece se constituir efetivamente por aspectos negativos: seja no discurso ou na imagem.

Júlia parece saber disso e nos aproxima de sua realidade por meio daquilo que há de pouco invejável. Nos mostrando suas fragilidades sem reversas.

O que me aproxima de Júlia é essa abertura acolhedora; não intimidadora – ao contrário – que nos permite ter prazer em ouvi-la e vê-la. De sua visão de mundo, de suas errâncias, posso ampará-la com meus próprios tropeços e assim reconstruir minhas certezas, aquelas que julgava serem problemáticas e desafiadoras. Neste vídeo, Júlia me faz sentir a força da negação e, em contrapartida, a pujança do afeto no sentido de verdade que reveste sua confissão.

13. NÃO TIRA O BATOM VERMELHO

A primeira vez que tive contato com Júlia foi por meio da repercussão de uma entrevista que ela tinha dado no programa do Jô Soares⁴⁹. Famoso por seu talk-show de décadas na TV Globo, Jô era um decano em matéria de entrevistas; sendo comediante, as entrevistas não eram só entrevistas, eram conversas sobre temas variados com uma, ou duas, dose(s) de ironia, dependendo do entrevistado. Nessa época, Júlia fora ao programa falar de seu vídeo “Não tira o batom vermelho” que havia extrapolado a cifra padrão de acessos, levando-a, então, ao centro de discussões sobre o tema na internet e fora dela. Foi o caso do convite para participar de um programa de TV renomado e de audiência nacional. Um fiasco. Animada e sagaz, Júlia senta-se ao lado de Jô que aparentemente não a conhece e não entende como uma garota como Júlia poderia ter feito tanto sucesso na internet. Desconfiado e tomando um rumo constrangedor para a entrevista, Jô se descontrola e apela para o baixo nível. Reduzindo a entrevista a perguntas toscas e, sem saber como lidar com a esperteza e a fama de uma anônima, em um momento a chama indiretamente de “menina puta”, tentando parecer engraçado. Imediatamente, os fãs e interespectadores do canal “JoutJout Prazer” repercutem a entrevista e denunciam a atitude de Jô perante Júlia.

Fui uma das pessoas que foram ver a entrevista para constatar o que havia se passado. Júlia estava como sempre: vibrante, atenta e respondia as questões mais bobas com inteligência e frieza. Visivelmente incomodado com a presença de Júlia, Jô desconsidera sua fama no YouTube e a trata como uma pessoa sem interesse, quase uma “idiota”. Um preconceito claro, pensei, contra esse sujeito anônimo que conquista espaço midiático, mesmo sem os atributos tradicionais de celebridades da TV ou do cinema. Para mim, naquele momento, ficava claro a dicotomia entre um pensamento aberto – fruto de uma geração acostumada com as práticas comunicativas das tecnologias midiáticas – e o pensamento fechado: fruto de décadas e mais décadas de repetição de um mesmo discurso.

Naquele momento, conheci Júlia. Uma garota simples, que não gosta de maquiagem, mas que detesta regras de bom comportamento. Em algum momento, fui

⁴⁹ Link de acesso à entrevista de Júlia Faria a Jô Soares: <https://www.youtube.com/watch?v=ti1S3Pj4deo>

Júlia, e vê-la fez ressurgir, em mim, a sensação de liberdade que estava escondida em algum lugar. Essa sensação que nos fustiga a desafiar modelos de capitulação tão impregnados em nossa cultura, em nosso modo de sentir e se relacionar.

“Não tira o batom vermelho” foi o primeiro vídeo de Júlia a viralizar na internet, empurrado pela onda de indignação que surgiu durante a tão aguardada entrevista para o programa do Jô.

No vídeo de pouco mais de oito minutos, Júlia inicia com um aspecto feliz, mas adverte: “Esse vai ser um vídeo tenso de gravar, mas eu vou conseguir... Porque... ele tem que existir.”



Imagem 13: Júlia grava o vídeo que a faria ser reconhecida como vlogger no YouTube

Numa casa ampla e arejada, ele escolhe um espaço que parece ser um misto de varanda e sala de estar, saindo do ambiente fechado e restrito do quarto. Entre o vídeo anterior e este, Júlia havia gravado 52 vídeos. Em muitos deles, ela aparece fazendo atividades de rotina: lavando o próprio carro, dando banho em sua cadela, fazendo exercícios físicos... Em outros, ela questiona formato de vestimentas para mulheres, dá conselhos de relacionamento, fala do seu pé e desmistifica o corpo feminino.

Com tantos vídeos em lugares e temas tão diversos, cheguei novamente aqui, nesse vídeo que, há mais ou menos 4 anos, foi tema de discussões feministas em minhas redes sociais. “Você precisa ver!”, diziam. Hoje, não só vejo como revejo e o ponho em minha dissertação.

Afinal: o que há de tão especial nesse vídeo?

Para falar a verdade, ainda não sei. Preciso resgatá-lo e esmiuçá-lo. Quem sabe assim ele se mostre e me leve a algum ponto de fuga.

Depois das primeiras palavras, letras garrafais com o nome do canal aparecem com uma vinheta que canta bem rápido: JoutJoutJout! E, então some. Coisa de segundos. E logo depois as mesmas letras garrafais com o nome do canal, mas com um só: Jout! cantado. Discordo da ideia de vinhetas em canais de vloggers. Parecem remeter a um quadro de programa de TV, descaracterizando a sensação de espontaneidade e amorismo que identificamos em produções caseiras. As vinhetas são desnecessárias em vídeos on demand no YouTube. Sua função, a meu ver, fica restrita a uma ideia de mudança no conteúdo dos vídeos televisivos, no caso de haver mais de um quadro em determinado programa. Na abertura dos programas, a vinheta é didática: anuncia ao telespectador que se trata de um programa x e não y. Mas vinhetas no YouTube, para quê? Me incomodo um pouco com esse recurso, usado unicamente como tentativa de se assemelhar com uma produção televisiva, o que não é o caso.

Depois da vinheta, Júlia segue, com uma música de fundo animada:

Eu estava conversando com uma mulher maravilhosa outro dia no Facebook/ a gente começou a falar de nossas experiências com relacionamentos abusivos que tivemos./ E a gente quase se abraçou virtualmente [Júlia dá um abraço em si mesma] porque... [mexe freneticamente com as mãos como se quisesse expressar um turbilhão de sensações]/ E aí, eu resolvi fazer um vídeo sobre relacionamentos abusivos, porque é uma coisa muito recorrente... Mas geralmente você não sabe que você está num relacionamento abusivo./ Uma parte de você sabe/ Mas meio que você não sabe, ao mesmo tempo... / E pra recheiar mais esse vídeo, eu fui num grupo maravilhoso [fecha os olhos e enfatiza] que eu participo no Facebook/ E pedi histórias de pessoas que já tiveram relacionamentos abusivos.../ E aí depois de 3 horas chorando, lendo essas histórias, eu vou agora falar um pouco sobre relacionamentos abusivos... / Vamos tentar fazer isso com bom humor? __ Vamooos [grita com a voz baixa].

Primeira coisa: não existe só relacionamento abusivo homem com mulher, homem sendo escroto, mulher sendo coitada... Pode ser o contrário também/ ou pode ser mulher com mulher/ Ou pode ser homem com homem/ Eu vou falar sobre relacionamentos entre homens e mulheres, mas você coloca ai o gênero que você quiser, tá? Nos artigos que eu for usar... Tá bem??? Então, tá beem!/ __Mas, JoutJout, como eu vou saber se eu tô num relacionamento abusivo? [finge ser uma

interlocutora] __ Você não sabe! Ou você sabe e escolhe não saber... Então, fique atento aos sinais! [aponta com o dedo em riste na câmera]. E quais são esses sinais?/

Vamos responder algumas perguntas, aqui comigo... Venha cá! Venha cá! [faz gestos em tom chamativo com as mãos]

Este sujeito está te impedindo de sair com os seus amigos? Ou está te colocando contra seus amigos e seus familiares? [Olha desconfiada para a câmera, em seguida aparecem as palavras “relacionamento abusivo” se cruzando e sumindo da tela, sincronizando com um barulho de apito de boneco de borracha, dando o efeito divertido que simboliza o fracasso da relação]

Ele já mandou você tirar o batom, porque você estava com cara de puta com esse batom vermelho? [olha com cara de nojo e tristeza]... Ele já sacudiu um guardanapinho na sua cara? Tira essa batom... [olha com desgosto para a câmera. O efeito com as palavras “relacionamento abusivo” e o barulho do apito se repete]

Ele já controlou A DISTÂNCIA! [ênfatisa] as roupas que você vai usar? Ou o lugar que você vai usar essa roupa? [olha séria bem próximo da câmera. Em seguida, as palavras RELACIONAMENTO ABUSIVO se cruzam no plano horizontal do vídeo, acompanhadas pelo apito].

Essa pessoa já te pediu para excluir pessoas do seu Facebook... Ou Orkut, na época áurea da vida... [abusivo relacionamento, as palavras se invertem. Já percebemos que o apito aparece em todos os momentos que as palavras aparecem]

Ou essa pessoa já te impediu de falar [mexe com as mãos, expressando agonia e necessidade de se expressar por meio de palavras e gestos] na vida real com certas pessoas. [apito: relacionamento abusivo].

Sempre que vocês brigam, de alguma forma muito estranha que não é explicada, você está sempre errada? E você sempre acaba pedindo desculpa, mesmo quando no início você tinha certeza que cê tava certa... Mas rolou alguma coisa ali que ele falou que cê falou: __ gente, eu que tava errada... Será? Aí cê olha pra trás: __ Ih, todas as brigas que a gente já teve na vida... Ih, eu que tava errada... [balança a cabeça, irônica]/ [relacionamento abusivo (apito)].

CHANTAGEM EMOCIONAL!/? Sempre uma boa pedida.../ __ Acho que vou terminar com você.../ __ Termina, e eu me mato, ele diz... [Júlia olha para o lado, com uma expressão de aborrecida...] Aí, cê fala: __ É não vou terminar... Não quero que ele se mate... Não vou terminar [olha para um ponto fixo]/Em seguida a imagem corta para o efeito: relacionamento abuso.../ Ele te faz, de vez em quando, se sentir burra/ feia/ estúpida/ inferior a ele/ E ele faz você achar que é uma bênção você estar ao seu lado/ porque ninguém merece uma pessoa como você... Mas ele aguenta, então, ou você tem que ficar pianinho, porque se você perder aquele ali, você nunca mais vai conseguir ninguém... [relacionamento abuso...]

Ele tem vergonha de te beijar em público ou estar com você em público, em qualquer situação? Não querer demonstrar afeto em público é uma coisa... A gente entende... Ter vergonha de você em público é outra coisa... [relacionamento abusivo]

Ele faz uma merda colossal e aí cê fala: __Fez uma merda colossal! E aí ele chooora, arrependido, profundamente... E ele jura que aquilo jamais vai acontecer novamente, que ele foi estúpido ele **IMPLORA** o seu perdão! [Júlia olha frustrada para a câmera]/ Hum hum! [relacionamento abusivo]

Ele uma vez queria transar e você não quis e ele/ ameaçou ir embora e terminar com você... [relacionamento abusivo]

Quando você conquista uma coisa maravilhosa, o rapaz fica triste, porque você conquistou e ele não conquistou e aí você para de ficar feliz com você e aí você fica triste, se sentindo culpada, porque você foi melhor que ele em algum momento? [cruza os braços]/ [relacionamento abusivo]

E aí, chega aquele momento em que o sujeito, depois de ter te ESCULHAMBADO, termina com você! E aí, você fala: ôh, não! A gente terminou por minha causa [finge chorar, se lamentando...]. Eu fiz tudo errado! Eu não merecia o amor dele, que era imenso... [olha irônica para a câmera]

Um jeito de saber se você tá passando por isso tudo: antes de você ficar com ele, você era uma pessoa felizinha [junta as palmas das mãos e sinaliza para o lado direito do vídeo]. Depois de ficar com ele um tempo [junta as palmas das mãos e sinaliza para o outro lado] você está murcha como uma uva passa, e você está chorando por qualquer coisa e as pessoas estão falando: Ei! Esse menino não tá te fazendo bem não... Cê fala: lógico que tá! Ele é ótimo, ele super, ele... [mexe na ponta do cabelo e olha pro lado, simulando estar mentindo para si mesma], ele me ajuda em várias coisas, ele... [olha pra câmera sem saber o que dizer], entendeu?

O relacionamento é construído de forma tal que ele faz você achar que só ele no mundo poderá te amar e te tratar bem, mesmo ele não te tratando bem.../ E você nunca vai achar alguém que goste de você... Porque você é esquisita, você é suja, porque você é uma puta!/ Mas ele te aceita como você é [se abraça e olha ironicamente para a câmera]. Então, se você terminar com ele/ você está condenada a uma vida solitária, porque ninguém vai querer você [ri]/ E aí, você vai ficando, ali, preso naquela teia de manipulação sem fim, achando que você tem que estar ali, porque é a sua última salvação!/ Porque sem aquele relacionamento [se irrita e tenta amarrar o cabelo], você vai ficar sozinha para sempre! [expressa irritação e ironia] Isso não é verdade! [ri] Isso não é verdade nem por um segundo!/ Ele te bota numa bolha tão louca, de que tudo que não é ele é ruim, que você começa a acreditar nisso. E aí você começa a não conseguir interagir com ninguém!/ E o seu emocional fica dependendo dele! Num pode ficar feliz sozinha, tem que ficar feliz com ele só!/ Como é que pode uma coisa dessa? Se ele morrer, acabou a felicidade? Num pode mais ser feliz! Num tem isso mais de ser feliz! Acabou!

Se um rapaz acha que pra você ficar bem, você precisa dele! [aponta para o lado], começamos errado!/ Se o sujeito tem a necessidade de te diminuir para que ele possa ficar grande e maravilhoso ao seu lado, talvez não seja um bom relacionamento pra você estar metida!/ Às vezes, você se dá conta de que tá errado aquilo e aí cê fala: acho que eu vou sair desse namoro aqui.../ mas aí você fala: poxa, mas nós temos uma história tão linda! Pra que desperdiçar?/ Ah, mas eu vou jogar fora anos de relacionamento por uma coisinha boba dessa!/ Quem nunca levou um tapinha na cara? [olha sarcástica para a câmera]

Eu não quero terminar com ele para não ficar sozinha, não é um bom motivo também para não terminar...

Você não precisa estar com alguém pra ser uma pessoa feliz e completa... Você pode estar só com você [gesticula com um auto abraço]...

A gente fica ouvindo essas músicas brasileiras que nos dizem que é impossível ser feliz sozinho... Não é impossível ser feliz sozinho. Inclusive só é possível ser feliz com alguém quando você consegue ser feliz sozinho... [Olha para a câmera, faz expressão de surpresa e gira, gritando Uhhhh, depois diz: arrasei agora !!!]/

Ah, e mais! Relacionamento abusivo não é igual a tapa na cara! Você pode ser abusada psicologicamente ou sexualmente, porque estupro não é só de cara esquisito na rua que vem e te enfia um peru! Estupro pode ser dentro de casa! Com o seu namorado! [aponta para si mesma]

Então, por favor, se você conhece alguém que está num relacionamento abusivo, avisa a essa pessoa! Porque essa pessoa não sabe! Ou essa pessoa está em negação... Porque geralmente é assim que a gente fica quando estamos sofrendo coisas. Porque a gente fica achando que merece aquele sofrimento... Porque nós somos vadias, sujas, burras e estúpidas que merecem sofrer para aprender a valorizar um homem de verdade! Então... Avisa pra ela que isso não é verdade. Não precisa de nada disso. Tá bem? Vamo sair disso... Se precisa de ajuda, estamos aí...

Ah, e você que tá achando que tá super gostoso, super poderoso, porque tá controlando uma pessoa... [mastiga e fica em silencio, fazendo movimento com as mãos, demonstrando deboche e pena]... Né?

Depois que Júlia termina a sua fala, o vídeo continua com uma música de fundo que parece repetir o nome “Jout”. A tela volta a ficar escura e frases surgem no lado esquerdo: “mulheres maravilhosas que me ajudaram a construir esse vídeo, vocês são minhas rainhas”. A frase some, mas a tela continua escura com a música que repete “Jout, Jout, Jout”...

O vídeo tem duração de 8 minutos e 33 segundos. Foi publicado no dia 26 de fevereiro de 2015. Revejo no dia 30 de junho de 2019, com 3.615.184 visualizações; 215 mil curtidas e 2,4 mil “descurtidas”, recebendo também 5.781 comentários.

Nele, Júlia propõe discutir um tema que afeta mulheres e homens: relacionamentos abusivos, afirmando já ter passado, em algum momento, pela situação. O vídeo não é só de Júlia, ela compartilha a produção com outras mulheres e, talvez, com o próprio namorado que aparece em outros vídeos, guiando a câmera, sendo mencionado ou mostrando uma parte do corpo.

Apesar de o tema não ser feliz, Júlia aparece radiante, empolgada e com alto-astral, sugerindo, ainda, que o assunto seja comentado de forma humorada. Confesso que, no início, me atendo ao aspecto técnico de modo crítico: a música de fundo e a vinheta são recursos pouco felizes na produção: poluem o vídeo e o deixa, sem querer, chato. Entretanto, aos poucos vou esquecendo desse aspecto e me envolvo com a fala e as expressões de Júlia, que relata como se estivesse desenhando o desenrolar de um

relacionamento abusivo, baseado – segundo nos diz – em depoimentos de mulheres que sofreram com os mesmos problemas.

Estamos, portanto, diante de múltiplos relatos. Todos eles nos alertam, nos advertem e nos despertam para o lado sombrio da possessão amorosa.

A participação dos espectadores torna o vídeo ainda mais participativo:

Interespectador1: Me disseram que esse vídeo "destrói relacionamentos". Eu disse: "Esse vídeo não destrói relacionamentos, ele salva vidas". Minha reação foi essa 7:03

Interespectador2: Jout Jout, obrigada! Esse vídeo me ajudou a sair de um casamento abusivo! 💜

Interespectador3: Esse é o video do YouTube que mais representa o FEMINISMO, a força da mulher e o basta!

Interespectador4: Talvez o lado bom de ter passado por relacionamentos abusivos seja: depois vc consegue identificar facilmente relacionamentos não abusivos e dar o valor pra quem merece de verdade <3

Interespectador5: No meu caso, não foi "tire o batom vermelho" ... Foi "tire o salto, vc fica melhor de sapatilha" 😊
Tirei foi ele da minha vida 🙌

Interespectador6: O salto significava até meus diplomas, minha forma de falar e pensar. Se ele não estava a minha altura, so Sorry I'll be happy in my way

Interespectador7: Minha experiência com um relacionamento abusivo não foi tão grave porque identifiquei logo e terminei, justamente por ter informações pra identificar q tinha algo errado. Eu tinha 15 e ele 18 na época, nós dois somos cristãos e eu sempre fui muuuito mente aberta e matura pra minha idade. Eu já estava em um "rolo" quando começamos a conversar e ele me prometia o mundo, q eu seria mt mais feliz com ele do que com o "moleque" q eu tava ficando e aí começou a ganhar a confiança dos meus pais, levava minha mãe pro trabalho e eles começaram a dizer pra eu dar uma chance e tals e eu dei. Na virada de 2016 pra 2017 a gente ficou, e ele queria logo ir falar pro meus pais, só q eu tava mega confusa com meus sentimentos pq gostava do outro cara, mas me deixei levar pelas promessas dele e pedi um tempo pra ver se era o que eu realmente queria. Ele n me deixou em paz pra pensar nem um dia! Me ligava toda hora, mandava mensagem pra saber se podia vir na minha casa pedir pros meus pais, todo santo dia. Eu estava de férias na época, mas tava fazendo curso, ele aparecia na esquina da minha casa pra me levar de carro sem eu pedir, aparecia no meu curso pra me levar de volta sem nem avisar. Uma vez só pra testar n atendi a ligação dele e fui pra pegar um táxi, e ele tava me esperando na frente do ponto DO NADA. Dizia q minhas amigas tinham inveja de mim pq eu namorava um "cara como ele", q eu nunca iria achar uma pessoa tão "de Deus", q eu tinha sorte de namorar com ele, me chamava de infantil pq eu queria passar tempo com minhas amigas, vinha na

minha casa toda hora, vinha me buscar e trazer na porta pra ir pra igreja, sendo q eu tenho meus pais e irmão q vão cmg e a casa dele é mais perto da igreja q a minha. Ele n tinha vergonha de mostrar afeto, até exagerava e sempre dizia "todo mundo tem q ver q eu namoro com a filha do pastor" como se eu fosse um troféu, um status. Eu dentro de casa e ele dizia q minha roupa tava muito curta. Dizia que TODOS os meus amigos homens eram a fim de mim e que eu n poderia mais falar com nenhum deles. Só consegui suportar por um mês. Terminei e ele sempre no meu pé, dizendo q eu tinha cometido um erro e falou q se ele tivesse passado a mão em mim na primeira vez q a gente ficou talvez eu ainda estivesse com ele. É simplesmente infernal conviver com alguém q te tem como objeto, q quer controlar sua vida, o que vc usa e pra onde vc vai. Isso pq só ficamos juntos 1 mês e tem mulheres q passam anos, décadas com pessoas assim. Fugam!!! Vocês não dependem de nenhum homem pra ser feliz.

Interespectador8: Há 6 meses, terminei com um namoro de 6 anos (e 3 de casamento). Hoje, ao assistir esse vídeo, eu descubro que havia respondido sim para algumas das perguntas que você fez, Jout. Eu tinha uma ligeira dúvida se fiz a coisa certa ao ter terminado, mas depois disto, não tenho mais. Eu não consigo entender como que uma pessoa faz isso com outra: me diminuir, dizer que não tenho amigos, que dependia dele para tudo. Eu perdi até a minha confiança em mim mesmo. Tenho pavor em conhecer novas pessoas, tenho aquele medo de que as pessoas não entendam a minha fala (sou surdo oralizado) e acabo querendo me isolar no meu cantinho. Antes de conhecer meu ex, eu era uma pessoa feliz, vivia viajando, amava reunir a turma e tinha meu próprio estilo e não me preocupava tanto com meu corpo. Hoje, Deus (e não sou uma pessoa tão religiosa assim) colocou uma pessoa maravilhosa na minha vida. Ele tem me resgatado no fundo do poço, devolvendo a minha essência de antigamente e tem me trazido tanta felicidade que nunca experimentei antes. Hoje sou profundamente grato por essa pessoa.

Interespectador9: Eu vivi um relacionamento abusivo, isso não só acabou com parte da minha vida, como ainda hoje 2 anos depois de separados, ainda eu sinto os efeitos, eu era feliz antes dela, e hoje eu nem sei mais o que eu sou, comecei com a senha das redes sociais, depois deletando pessoas, no fim das contas nem conversar com pessoas do meu trabalho eu podia mais, depois veio agressão e ofensas, eu estava fazendo meu doutorado, e por pouco não consigo terminar, e ela sempre me desacreditando, me chamava de frustrado. Tivemos uma filha, e hoje ela usa minha princesa pra me atacar, infelizmente não sei quando esse inferno vai acabar, já foi pior, mas é horrível se sentir refém de uma pessoa.

Interespectador10: Meus pais estão em um relacionamento abusivo há 14 anos...

Interespectador11: Assisti o vídeo com meu namorado. Terminamos

Interespectador12: Idependente de feminismo esse vídeo é de grande utilidade, até mesmo para nós homens sabermos nossos limites. Sempre venho aqui dar uma olhada, pq esse vídeo é ótimo ❤️

Interespectador13: Eu vi esse vídeo a primeira vez na semana em que Jout Jout lançou ele no canal. Não a conhecia, mas ganhou uma fã naquele dia. Na época

eu estava vivenciando o final de um namoro antigo, onde a pessoa abusiva era eu mesma. Insegura, imatura, muitas vezes agressiva. Descontei nele os traumas de um relacionamento anterior (aos 15 anos, onde fui traída e motivo de chacota e não havia superado até então). Considero esse meu primeiro namoro um divisor de águas na minha vida. Eu era uma pessoa feliz e passei a me sentir insegura, feia, chata, controladora. Eu achava que ele iria me trair de novo, e me sentia no direito de solicitar que ele não falasse com mais nenhuma garota além de mim (eu não sabia com mais quem ele tinha me traído, então eu achava que poderia ter sido qualquer uma). Em vez de terminar o relacionamento, optei por excluir as meninas do orkut dele (como se isso fosse resolver alguma coisa) e mudei a senha do msn dele. Eu vivia uma obsessão. Engordei, comecei a não me relacionar com mais ninguém além dele e queria que ele fizesse o mesmo. Eu achava isso normal e me sentia no direito por conta do que ele havia feito comigo. Éramos dois jovens e só hoje vejo quanto fiz mal a ele e a mim mesma. Um dia, quando passei para a faculdade e ele não, ele terminou comigo. No entanto, manteve contato apesar de já estar com outra garota, dizendo que eu era a única namorada dele que a mãe gostava/aceitava. E eu me segurava naquela esperança. Obviamente que ele não voltou comigo e eu nunca mais falei com ele, tem quase 10 anos disso. No entanto, a carga desse relacionamento acabou se manifestando nos outros que tive depois desse. Meu ex-namorado era uma pessoa incrível, e por causa dele comecei a perceber que o problema estava sendo eu e minhas atitudes. Procurei ajuda e hoje consigo reconhecer todos os abusos que cometi. Hoje vivo um relacionamento estável com uma mulher e é tudo novo (apesar dela não ser a primeira). Tento me policiar, e me sinto muito feliz por não me reconhecer em quase nenhum dos itens listados no vídeo. Nem todas as pessoas que cometem abusos são necessariamente ruins, elas são pessoas problemáticas (como eu era) e precisam de ajuda, assim como quem sofre abusos. O que não podemos é normalizar atitudes como essas. Eu agradeço todas as pessoas que conheci ao longo desses anos e posso dizer que tenho orgulho de quem sou hoje. Ninguém está livre de ser abusivo/sofrer abusos, infelizmente, mas estamos aqui para aprender com os erros e, principalmente, tentar reparar-los. Me arrependo profundamente de todas as atitudes que tive, embora tenha clareza que não fui culpada sozinha, e sei que tudo isso foi um grande aprendizado para todos. Então, gratidão por pessoas como você que encontrei na minha vida e que me ajudaram a ser quem sou hoje <3

Apesar de alguns acharem que o vídeo é baseado em pautas feministas, Júlia deixa claro que se trata de uma situação que independe de gênero: acometendo tanto homens como mulheres em relacionamentos héteros ou gays. A advertência inicial impede que a fala de Júlia seja definida como uma ação de promoção do movimento feminista, embora, ao mesmo tempo, ele também seja feminista, no sentido de criar uma consciência ⁵⁰

⁵⁰ Drucilla Cornell (2018) reconhece que há uma verdade antes da criação de consciência, mas defende que a “criação de consciência envolve o significado de representação em pelo menos dois níveis.” Continua: “primeiro, a verdade que surge da criação da consciência, se surgir, é representativa por denotar uma visão do mundo que passou a ser partilhada pelo grupo. Segundo, tal verdade envolve uma representação da realidade, em particular das limitações da identidade de gênero, de modo que aquilo que se apagou pode ser desenhado em contornos vívidos; o que era invisível pode ser visto, o que parece natural pode ser contestado e imaginado diferentemente. Nesse nível, a criação da consciência envolve um gesto apotropaico

libertadora e ética que retire mulheres e homens de posições de submissão ante uma relação pretensamente amorosa que se torna, na verdade, uma relação de poder e egocentrismo.

Pela primeira vez, Júlia dá corpo a várias vozes que se juntam num coro uníssono.

“Não tira o batom vermelho” é um vídeo em que o “outro” é a tônica do discurso. Não existe “eu” no vídeo, Júlia não pretende mostrar sua vida, descrever suas relações passadas e saber se outras pessoas passaram pelas mesmas experiências. O que ela nos conta são experiências alheias sobre um problema pessoal que afeta também grande parte daqueles que se interessam em ver o vídeo e comentá-lo. Na verdade, Júlia tem outros vídeos em que discorre sobre problemas ligados aos relacionamentos. Mas nenhum deles têm a dimensão do compartilhamento alcançado neste.

Fora do discurso, observamos o movimento contínuo de Júlia, sua alegria que se desloca do assunto tratado, sua variação de roupas e suas expressões faciais aumentadas... Júlia nos mostra uma performance e nela nos atemos aos detalhes de seus olhos, ora nos encarando frente à câmera, ora nos relegando ao papel de fantasmas. Cada movimento é acompanhado por uma intenção irônica, mas não necessariamente achamos graça; pois, ao mesmo tempo, o peso das revelações nos conduz a imaginações nada felizes. A tristeza que imagino me remete aos meus anos passados de relacionamento abusivo. Não sofri por muito tempo, mas reconheço o agir sutil da conduta adotada nas manipulações e dramas. Ao falar de um assunto que, de algum modo, acomete sorrateiramente a todos nós, Júlia novamente nos faz sentir que não estamos sozinhos, evidenciando o sentimento de partilha e afeto em sua produção.

Os desabaços dos interespectadores correspondem à dinâmica da partilha que se configura na própria construção do vídeo. Somos convidados a expor nossas tristes experiências para reconhecermos, durante o ato de relatar, essa outra pessoa que aparece em nós mesmos, agora, consciente. Nesse reconhecimento, não só já não somos os mesmos que viveram a experiência da sujeição ou da tirania como deixamos de lado apenas aquilo que nos atingiu para viver também a experiência dos outros sujeitos. Amplio minhas experiências com as experiências alheias, acolhendo-as como minhas próprias, tentando alcançá-las superficialmente, mas potencializando seus sentidos para que algo delas nos conduza a um outro modo de agir.

que opera contra a sedimentação da identidade de gênero como uma realidade inabalável. (2018, p. 135-136).

“Não tira o batom vermelho” retira nossas mágoas da sombra e nos leva a (re)viver nossas tristezas com humor, porque já não são só nossas. Assim como no vídeo anterior, Júlia despersonaliza uma pretensa ideia de que algo ruim “só acontece comigo”. Parece não existir primeira pessoa no vídeo em que aparece apenas uma pessoa. Sinto que a fala de Júlia dá voz a todas as vozes que gritam: NÃO TIRA O BATOM VERMELHO.

14. Branco demais para ser preto, preto demais para ser branco

Noventa e nove vídeos separam “Não tira o batom vermelho” de “Caião quer conversar”, o vídeo de que faremos o relato, aqui. Ao contrário de todos os relatos anteriores, não titulei este com o nome do vídeo, que, invariavelmente, sempre aparece com letras garrafais. Seria esse um estilo criado pelos vloggers no YouTube? Não há como garantir. Mas a letra gigante⁵¹ é uma tônica neste ambiente de dimensões diminuídas e aumentadas, conforme cada caso. “CAIÃO QUER CONVERSAR” é um vídeo sobre Caio, o namorado de Júlia que participa ativamente do canal, escondido atrás da câmera. Em vários momentos, Júlia credita a Caio os efeitos de imagem e som e mesmo o nome do seu canal. A co-participação fez de sua presença invisível um aspecto característico de “JoutJout Prazer”. Mas, finalmente, ele resolve sair dos “bastidores” e se mostrar, pela primeira vez.

O vídeo começa com Júlia com o tronco inclinado, com metade do corpo e o rosto em evidência, manejando a câmera e se gravando. Assim que inicia, o vídeo apresenta uma música de fundo característica de filmes de aventura e ação. “Pra você que esperou pacientemente para ver Caio, num dia especial, esse dia especial chegou! E, este é Caio!” Ela se move lentamente para o lado e apresenta com as duas mãos alguém que estava atrás dela. Caio aparece de roupa preta e com óculos escuros. Segundos depois, aponta para a câmera enquanto se inicia um efeito que torna os movimentos lentos e transforma a voz num ruído grave... Júlia ainda permanece lá mostrando com as mãos o seu namorado, rindo, feliz.

Júlia desaparece e Caio diz em tom jocoso: “what?”, expressando com as mãos uma dúvida retórica. Vinheta.

Este que vos fala é Caio, 24 anos, muito bem vividos [ri]/ “Meu deus do céu, já estou arrependida”, diz Júlia, rindo, atrás da câmera. Caio ri,

⁵¹ Em caps lock.

também... e grita em seguida, sem motivo, como se estivesse tentando acertar./Não sei se vocês acompanharam, mas semana passada rolou um texto/ falando que eu era negro e tinham fotos minhas rolando e que as pessoas não estavam reagindo bem a isso/ vi comentários, repercussões/discussões e eu em casa olhando isso tudo, falando: ... [faz uma careta e fica em silêncio]/ Uma discussão muito importante, interessante, eu sugiro vocês a lerem esses textos, eu botar o link aqui! [fala com a voz mais grave, apontando para a câmera, em tom de brincadeira]. Ele gargalha e Júlia diz: pronto, já é youtuber/ Mas aí, além de toda discussão de racismo e tal, teve uma outra questão que chamou muito a minha atenção e me deixou pensando bastante e... por isso estou aqui fazendo esse vídeo, depois que saiu esse texto, as reações das pessoas meio que se dividiram em duas...

Quando Caio falou do texto, imediatamente, procurei o link indicado para lê-lo, na intenção de me atualizar numa discussão de que só tomei conhecimento três anos depois. Acho importante considerar o texto supracitado, antes de continuar com a descrição do vídeo. Farei, portanto, uma breve digressão.

O texto faz uma observação crítica em torno dos comentários que surgiram nas redes sociais após a aparição de Caio. O texto, publicado no website “medium.com” no dia 27 de dezembro de 2015, tem como título “O namorado negro de Jout Jout e o racismo nosso de cada dia”. Colarei aqui conteúdo completo:

Ou você só pensa em branco.

Nota: Este post originalmente, estava ilustrado com uma foto do Caio. Depois de alguns comentários e de uma reflexão, achei por bem excluir a imagem. Não é direito meu expor a figura de alguém que não quer ser exposto. Sorry Caio, sorry JJ. ❤️ (Mas se você é curioso e quer saber como é o rosto dele, Google tá aí pra isso)

E aí a internet brasileira descobriu quem é Caio, o namorado misterioso e maravilhoso da Jout Jout (que sempre interagiu com ela por trás da câmera).

Vamos aos comentários?

“Não imaginava que o Caio era negro”

“Imaginava um cara meio gordinho, branquinho, com barba”

“Prefiro não acreditar nisso. Vou esquecer essas imagens e fingir nunca te-las visto”

“Caraca, imaginava o Caio totalmente diferente”

“É um negão. Jout Jout gosta de salame extra G. Parabéns Jout Jout”

“Caio na minha imaginação é loiro alto, de olhos azuis e musculoso”

“Será? Na minha mente Caio é branco. Mas ele é um metamorfo, a cada vídeo ele muda”

Aparentemente é impossível que a Jout Jout namore com um homem negro, é impossível que uma mulher “como ela” se relacione com “alguém assim” – a menos que esteja interessada no que os homens negros “tem de melhor”.

A reação em cadeia (que deveria estar na cadeia e não na internet) sobre o fato de Caio ser negro se deve, obviamente, ao racismo, mas vou exemplificar mais, para que não digam que estou supondo nada.

Na nossa sociedade, somos acostumados a “pensar branco”. Quando alguém diz “imagine um homem bonito”, você imagina um homem branco.

Recentemente conversei com um amigo que joga RPG e ele me disse que nunca tinha parado pra pensar na etnia nos personagens, porque isso nunca tinha sido mencionado nas descrições. “Mago, alto, forte, do mais alto círculo da magia. Veste uma túnica amarela e anda sempre com um cajado feito com madeira de Baobá”. Você certamente imaginou um cara branco.

Este é o nosso padrão. A menos que descrevamos alguém como negro, você não imagina que essa pessoa seja negra. Mais exemplos, pra não dizer que não falei da vida real (já que um RPG é só um RPG): “Fulana é linda né? Baixinha, cabelão na cintura, só anda de salto. E o tanto que ela é uma ótima profissional?”. Você imaginou uma mulher branca, aposto.

Não estamos acostumados a construir imagens de negros na nossa mente, a menos que nos seja apontado. Nossos padrões pré-estabelecidos são brancos. Nossos ideais de beleza são brancos. A imagem do negro precisa ser descrita, mais como uma forma de diminuir a pessoa do que qualquer outra coisa. Mais um exemplo: Sua amiga de trabalho chega, um dia, e diz “Ontem conheci um negão lindo. Super gente boa, fiquei com ele”. Se o cara em questão fosse branco, ele seria só “um cara”: “Ontem conheci um cara lindo. Super gente boa, fiquei com ele”.

Por que temos que apontar o fato de que o cara da noite anterior era negro, sendo que o que importa é que ele era lindo e super gente boa?

O nome disso é racismo. Sempre que “negro” vira adjetivo, é racismo. “Fulana é negra e super engraçada”. Não! “Fulana é super engraçada” ué. Só. Ser negra não a faz ser menos ou mais engraçada. Ou bonita. Ou profissional.

Portanto, quando Jout Jout interagia com Caio em seus vídeos, as pessoas imaginavam o namorado dela como um homem branco. Porque este é o padrão da nossa linha de pensamento. Este padrão que precisamos mudar.

E também precisamos mudar essa mania de cuidar da vida dos outros. Deixa a Jout namorar quem ela quiser! Tá bem? Então tá bem!

P.S.: Não vou nem comentar a sexualização do homem negro, que isso é assunto pra outro textão.

O texto foi escrito por um jovem que se descreve como ricardo.laranja. Nele, podemos perceber com mais clareza sobre o que o Caio fala e tenta nos mostrar no vídeo.

Retornemos a ele:

De um lado, o pessoal falava: “putz, que barra! Força aí, Caio, é foda, eu já passei por isso. Você é maravilhoso, não ligue pra isso, são pessoas pequenas.../ E do outro, as pessoas, tipo: caralho, uma merda isso de racismo, mas, gente, o Caio não é negro.../ E aí, eu tava lá no meio, sem saber o que falar, porque eu me considero pardo... Me considerava... Não sei mais [ri]... Não sei mais de nada[ri].

Aí teve isso... Pula para o meu passado, onde eu tava fazendo um freela com uns americanos.../ e aí, no meio das filmagens, veio o americano

lá e falou que eu parecia o Obama. [A imagem de Caio se paralisa e na outra metade do vídeo uma foto de Obama é colocada como efeito de edição]

E, agora, vamos para outra situação: minha mãe é casada com um homem negro da Guiné-Bissau. Quando ele viu toda essa discussão, ele falou: muito legal a discussão, mas, o Caio não é negro, não entendi.../ E aí, fui falar com uma amiga minha que é negra sobre algumas dessas questões que estavam na minha cabeça e ela, em algum momento, perguntou se eu já tinha sofrido algum tipo de racismo, algum tipo de preconceito, por causa da minha cor, aí eu falei: tirando esse episódio, acho que não... Achava que não... Não que eu tinha reparado, pelo menos./ E aí, eu tive uma triste reflexão de que, para eu me considerar negro no Brasil tenho que ter sofrido algum tipo de racismo?/ E aí, quem decide isso, sabe? Eu fiquei com isso na cabeça... É o americano, porque fala que eu sou parecido com o Barack Obama? Ou é o marido da minha mãe que veio da África e fala que eu não sou negro... Ou.../ São meus dois avôs negros que casaram com minhas duas avós brancas?/ São meus traços, meu cabelo?/ Ou é o fato de eu ter sofrido racismo ou não? Ou sou eu que decido... Como é que é isso?/ E se eu tou com essas dúvidas, se eu não tive essas discussões mais cedo na minha vida, eu imagino que muita gente deve ter esse mesmo problema que eu de não conversar, de não discutir, e de não saber se definir direito... Ainda mais no Brasil que se diz um país miscigenado e misturado e que é muito fácil você se dizer pardo... e acabou/ Tanto que eu e a Júlia, a gente olhou no último senso do IBGE de composição étnica do Brasil e, aqui... De 2010. 7,52% se consideram negros. 43% se consideram pardos e 47% se consideram brancos; e 1% amarelo. 0,5% indígena e uma galera sem declaração./ Mas a questão é essa! Tipo: tem muita gente parda e talvez até alguns brancos que marcaram lá... num sei... porque é mais fácil ou então porque veem a pele marrom assim que nem a minha e falam: ah, sou pardo, sou misturado e acabou./ Talvez essa grande quantidade de pardos seja dessa falta de discussão que marcam ali pardo, porque é mais fácil; ou então, porque num, não tiveram essa conversa, não tiveram essa discussão... E não tiveram esse interesse por saber se são negros ou não; ou de olhar pra história ou de ver a família; porque também algumas dessas pessoas que falara que eu não sou negro tavam tentando me proteger de se...ser negro. Como se ser negro fosse uma coisa negativa./

Isso tudo para dizer que: se você assim como eu nunca/estive numa discussão dessas/ nunca pensou muito sobre isso, a não ser que aconteça uma coisa assim muito...marcante/ vá discutir/ vá questionar seus pais, sua família, seus amigos, enfim... Isso é só um convite/ pra você que assim como eu tá se descobrindo... E não sabe ainda muito bem qual é a sua identidade./ E um beijo pra você que ficou compartilhando minhas fotos, como se fossem drogas... [Caio aponta com o dedo na câmera e ri... uma legenda aparece dizendo: aquele momento que você dá graças a deus porque a pilha do microfone acabou na hora certa]

[a tela escurece, uma outra música de fundo que parece ter sido criada para o canal acompanha os minutos finais de vídeo]

E agora você [aponta enfático para a câmera], você aí que pensou que Júlia escolhia não me mostrar porque eu era negro, porque eu era pardo, porque minha cor era... porque... [movimenta as mãos em formas circulares, demonstrando irritação]/ Você acha que eu vou namorar uma pessoa que me esconde por causa da minha cor/ cê acha que eu tou ficando maluco?/ Num tem relacionamento abusivo aqui não, meu

irmão.../ Pra deixar uma coisa bem clara, pela última vez, já que eu estou aqui [faz com as mãos uma espécie de megafone, colocando as mãos em torno da boca]. Eu nunca apareci? Qual o motivo mesmo? Ah... Foi porque eu não queria [fala mais alto, irritado... Júlia ri (sempre atrás da câmera sem aparecer no vídeo) e diz: “amor eu tou te achando um pouquinho agressivo” e Caio imita batidas no estilo funk]/ [Caio sai de cena. Frases com letras em caixa alta aparecem para complementar o vídeo, seguido da mesma música que repete “JoutJoutJout...” As frases nos dizem: você que quer se aprofundar mais no tema/ dá uma olhada nos links da descrição/tá cheio de gente que de fato tem respostas para tantas perguntas e desculpa por qualquer informação errada ou argumento que tenha ferido alguém de alguma forma/ a intenção é sempre levantar um debate do bem <3

O vídeo sobre as questões levantadas por Caio teve mais de 1 milhão de visualizações⁵². A aparição de Caio no canal de Júlia levantou uma discussão que ainda não havia sido tocada: o racismo. Afinal, Júlia é uma jovem branca de classe média; comentários racistas, comportamentos racistas não eram proferidos ou percebidos. É certo que a internet é marcada – como qualquer espaço social – por divisões, segregações e preconceitos de vários tipos; mas é ainda por meio dela que passamos a notar, a entender e a dar visibilidade para essas outras vivências. Confesso que nunca havia me dado conta de que no YouTube o número de pessoas negras visíveis é ínfimo, para não falar inexistente. Somos pardos e negros, mas não vemos pardos e negros. Não vemos ou não queremos ver? Nos negamos a vê-los, tentando negar nós mesmos? Caio não se mostrava nos vídeos de sua namorada, mesmo estando presente no mesmo ambiente. Júlia falava com Caio, ria com Caio e nos fazia imaginá-lo. Nossa imaginação – acostumada a pensar a partir da imagem do ser branco que impera em todas as esferas midiáticas – nos retira a possibilidade de imaginar Caio como um ser negro, pardo, amarelo e nos sentimos decepcionados ao vê-lo fora de nosso modelo de homem que se esconde atrás da câmera e namora uma pessoa branca, de classe média.

Em vez de repensarmos nossas categorias estéticas imaginadas e padronizadas pela mídia, nos voltamos revoltados para o ser negro, que não devia ser assim, mas de acordo com a categoria estética que imaginei. Categorias estéticas imaginadas distorcem nosso gosto a partir daquilo que consumimos: filmes, telenovelas, revistas, jornais, peças teatrais, musicais, shows, concertos, vídeos na internet. Nestes lugares o negro é sempre a exceção. Ele desfaz a imagem perfeita que idealizamos e nos remete àquilo que é marginal. Nos remete àquilo que forçosamente escondemos em nós mesmos.

⁵² Números exatos observados no dia 3 de julho de 2019: 1.512.153 visualizações; 128 mil curtidas e 667 “descurtidas”. O vídeo fora publicado no dia 5 de janeiro de 2016.

A fala de Caio nos assume como racistas. Não o racista facínora, mas o racista sociável, que não admite brutalidades e comentários abusivos contra qualquer raça, mas não assume o seu lado negro, nem deseja enxergar o ser negro do outro. Como se o negro fosse algo negativo, diz Caio, que era pardo e, agora, se viu negro.

Em muitas ocasiões, por falta de interesse e repertório ou por não estarmos na pele de quem é negro, reproduzimos falas e ideias racistas, achando que estamos valorizando e defendendo a causa. Mesmo uma situação assim nos passa despercebida e continuamos a replicar frases positivas, elogiosas, mas incômodas e desnecessárias.



Imagem14: Caio, namorado de Júlia, aparece para discutir questões a respeito de sua cor

A fala de Caio é necessária, por nos fazer perceber que o racismo existe de várias formas e nos coloca diante da negação de nós mesmos, enquanto negros (de pele escura ou traços negróides). Essa negação se traduz não apenas pelo viés pessoal – ao ocultarmos e nos desfazermos de nossas raízes – mas, ainda, ao desfazer a existência do ser negro em nossa imaginação.

As discussões sobre raça e a tomada de consciência sobre o desaparecimento do negro ferem nossa inconsciência pacificadora. Agora, somos levados a repensar sobre as estruturas que se desenham nos espaços de visibilidade e diagnosticar que, nesses espaços, a ausência do ser negro afeta nosso modo de pensar o humano.

Caio é um aparecimento político. Com ele, nos damos conta da sensação de deslocamento do negro que não é “tão preto assim” e do pardo que “não é tão branco quanto”, como se a cor da pele definisse nossas categorias estéticas e os valores dados a cada uma delas.

Considero que não ser razoável que a cor de Caio implique em comentários que demonstram surpresa ou incredulidade. Algo que, definitivamente, não ocorreria caso se tratasse de uma pessoa de pele branca. Mas não podemos nos abster aqui de um imaginário construído e que se revela com mais facilidade nas plataformas digitais de grande alcance. Discussões como essas nos mostram como a existência do ser negro é política antes de ser uma existência. É concebível que o corpo negro exista sem o caráter político? Caio está, agora, em primeiro plano para nos dizer que suas escolhas pessoais estão além da discussão sobre sua cor. Caio reivindica o direito de estar onde quiser: na frente ou atrás da câmera. Ser visível implica, ainda, considerar que sua posição seja um ato de “fala” ou de “silêncio”.

Vejamos como alguns interespectadores reagiram ao vídeo:

Interespectador1: No início me declarava morena, nas pesquisas não havia esse item, então, fui para o parda. Os negros me chamam de branca, os brancos me chamam de mulata (que há pouco tempo fui saber que é pejorativo, não sei.). Minha certidão de nascimento está morena. Meu namorado, que tem a pele preta, me chama de branca. Passei me declarar negra, mas depois veio a discussão do colorismo, da afroconveniência. Gente nervosa me falando que não sou negra... Branca sei que nunca fui! Já sofri e sofro preconceito. Assim Caio, como você, estou na busca da minha identidade.

Interespectador2: é serio que fizeram discussão por ele ser negro ou não? que diferença faz, só pq a julia é branca? aff eu hein somos pessoas e pronto

Interespectador3: SIM! Existe a cor PARDA. Não vou negar minha genealogia só pra não parecer ter preconceito. Sou neta de branco, índio e negro. Algumas pessoas me acham branca, outras morena... depende do sol que eu pego 😂 mas pardo existe sim

Interespectador4: Tem muita gnt criticando o Caio pq ele falou que não se considera negro, mas sim, pardo, mas essas pessoas não entenderam a parte que o pai dele é NEGRO e a mãe é BRANCA, o que faz dele um PARDO, pois ele é uma MISTURA. Não importa se a pele ou os traços ou sei lá dele é "mais puxada" pro negro ou branco, ele é pardo porque ELE É UMA MISTURA DO BRANCO E DO NEGRO. Entendam isso :)

Interespectador5: Sei que o vídeo já está aí há meses, mas só o encontrei agora e queria acrescentar o meu relato :) Sempre me considerei (e ainda me considero!)

eticamente branca, tanto pela cor da minha pele quanto pelo fato de que não há nenhuma pessoa negra ou parda/mulata em minha família; porém moro em Londres e frequentemente tenho que responder questionários onde não há uma opção "branca" (ou no caso "white") para ser marcada em termos da minha etnia, existem apenas as opções "British white", "Irish white", assim como diversas outras opções que sempre associam a cor da pele branca a uma nacionalidade europeia ou norte-americana. Em contraste, existe também a opção "mixed white" e "outros", mais generalizantes e inclusivas para os não-europeus e não-norte-americanos que não possuem a possibilidade de se identificarem como etnicamente brancos simplesmente pela sua nacionalidade de um país de terceiro mundo. Ou seja, simplesmente pelo fato de que eu sou brasileira, eu virtualmente não tenho a opção de me identificar apenas como branca. Ou o que é mais ofensivo ainda, eu posso até me considerar branca, mas nunca serei tão branca quanto as pessoas brancas de um país de primeiro mundo - segundo eles, eu seria uma pessoa apenas parcialmente branca, que tem uma mistura de etnias e portanto não merece a categoria de puramente branca, e que logo precisa se identificar como "branca mista" ou "outra"!

Interespectador7: Se é para entrarmos no mérito de etnias compostas de uma mistura cultural e racial, então todos os brasileiros desde as gerações posteriores à época da colonização são de etnia "mista", indefinida por ser um mosaico de componentes diversos, onde todos os brasileiros negros, brancos, pardos, mulatos, indígenas, etc, seriam "mistos". E tem mais! Segundo essa mesma lógica, todos os europeus (OMG!) também deveriam ser oficialmente considerados etnicamente "mistos", afinal de contas a paisagem geográfica da Europa é a que mais se alterou ao longo da história devido a todas as guerras, invasões e disputas territoriais, que inevitavelmente tiveram por consequência a MISCIGENAÇÃO EUROPEIA!!! (Nem vamos falar sobre a América do Norte e sua população mista dos indígenas nativos e dos imigrantes europeus que decidiram fazer moradia lá - porque sim, de acordo com essa mesma lógica, praticamente nenhum norte-americano poderia ser considerado "eticamente puro"! [o que eu pessoalmente acho que é em si um conceito odioso mas enfim])

Interespectador8: Sei que tem pouco a ver com a questão específica do Caião, mas achei relevante compartilhar essa minha experiência com vocês primeiramente para desmistificar aquela visão idealizada que estamos em 2016 e vivemos num mundo maravilhosamente globalizado que não tem mais esse tipo de visões reducionistas, desinformadas e racistas, e em segundo lugar para quem sabe levantar um debate do bem aqui :)

Interespectador9: Aquele momento que você descobre que é negro. Triste é perceber mesmo que na maioria das vezes você só descobre essa parte importante da sua identidade quando passa por uma situação de racismo/preconceito. Mas os pardos e pretos se encaixam na raça negra quando você faz algum tipo de pesquisa científica quantitativa, assim aprendi, hehe

Interespectador10: Brasil é o país do pardo, mulato, moreno escuro, marrom bombom e isso tudo simplesmente para a pessoa não se ver como negra. Uma vez vi uma escritora falando que só se descobriu negra quando foi para os EUA e lá, as mulheres da comunidade negra começaram a chamá-la de irmã.

Caio é negro, gente. Talvez nunca tenha pensado sobre isso antes, mas isso se dá pelo colorismo. Nos links que ele colocou no box tem bastante informação sobre isso!

Interespectador11: Caramba, já passei pela mesma situação na universidade, onde foi a primeira vez que fui apontado como preto e passei por alguns episódios de comentários racistas e alvo de piadas. E me fiz os mesmos questionamentos.

Interespectador12: o mais interessante é a surpresa dos fãs do canal ao ver que caio não é um cara branquinho e barbudo do jeito que imaginavam, e não adianta vir chamar de coincidência o fato da maior parte das pessoas imaginarem um cara branco. A questão é que não estamos acostumados a associar figuras inteligentes a pessoas negras, figuras cultas são associadas diretamente a caras brancos. Enfim, acho ótimo que ele tenha vindo a público, parabéns pela super coragem de ter colocado suas dúvidas sobre a sua própria indemnidade em pauta. Ps.: que sorriso maravilhoso, vamo viver um poliamor pelamordedeus 🍷 hahahah

Interespectador 13: pqp, quando a gente acha que não tem como esse canal ser melhor, chego aqui e PÁ! Caião falando sobre raça e cor! Que início ótimo de ano <3

Interespectador14: Tem um texto sobre colorismo (que é o fenômeno de embranquecimento dos negros) chamado "Branca demais para ser preta, preta demais para ser branca" (ou algo assim kkkk), e mais que o próprio texto em si, esse título me marcou muito, porque ele resume toda a minha história em relação à cor. Sempre fui chamada de morena, exótica, marco "pardo" nas opções de questionário, e com isso não me identificava como branca nem como negra, até essa discussão finalmente vir a tona. Agora to aqui, que nem vc, querendo me identificar como negra, mas com vergonha e medo de assumir uma luta que não é minha :(

Interespectador15: Reflexão interessante... pessoalmente acho que não é a cor da pele que define uma pessoa e que é um detalhe assim como a cor dos cabelos. Sou portuguesa e não conhecia a expressão "pardo" para alguém com um tom de pele meio castanho. Aqui é comum chamar-se de mulato. Mas é uma expressão castiça. ;)

Interespectador16: Fenotipicamente ele está no mesmo campo que os pretos. Portanto, ser pardo não isenta da perda q ele tem na sociedade por ser negro.

Interespectador17: Caio e Júlia, muita gratidão por este vídeo! <3

Caio eu te entendo perfeitamente! Eu sempre fui classificada pelas outras pessoas como branca (inclusive na minha certidão de nascimento) e eu sempre me auto classifiquei como parda. E assim ia vivendo. Só quando parei de alisar meu cabelo e comecei a ser comparada com a Vanessa da Mata foi que me perguntei: "Será que eu sou negra?" E aí eu fiquei refletindo bastante sobre o assunto e não cheguei a uma conclusão até que eu me fiz duas perguntas:

1. Se eu entrar em uma máquina do tempo prá 300 anos atrás onde eu vou cair: na casa grande ou na senzala?

Resposta: senzala.

2. Se eu fosse atriz e fosse fazer um teste de elenco para uma novela de época para qual papel eu seria enquadrada: sinhazinha ou escrava?

Resposta: Escrava.

3. Se eu não tivesse os privilégios sociais que eu tenho (família católica, classe média alta, ter curso superior, etc) como eu seria classificada pelas outras pessoas: branca ou negra?

Resposta: Negra.

E agora eu li os links que vocês postaram E eu descobri sobre o colorismo e tudo fez sentido na minha cabeça!

E eu acho que essa discussão é importante sim porque a gente precisa falar sobre racismo, a gente precisa falar sobre as nossas origens e eu acho que quando a gente diz que cor não importa, que somos a mistura brasileira, isso é muito perigoso porque se você finge que não existe cores diferentes, classificações diferentes ou que elas não importam, é como fingir que o racismo também não existe e que racismo não importa, não é mesmo?

E não é porque os meus privilégios e meu tom de pele um pouco mais clara me protegeram do racismo que dá pra esquecer essa discussão.

Discutir colorismo e racismo é muito pertinente e vocês foram muito felizes nesta abordagem, sendo sinceros, mostrando suas dúvidas e questionamentos e eu acho que a gente tá nessa descoberta juntos! Então vamos nos abraçar e tentar descobrir novas coisas juntos!!!! <3 <3 <3 <3 <3

O título deste relato não condiz com o título do vídeo, posto que a discussão se resumia, a meu ver, a um comentário publicado pelo que chamo aqui de “interespectador14”: “Branca demais para ser preta, preta demais para ser branca”.

Quase 20 anos antes⁵³, Milton Santos havia publicado um texto em que discorria sobre ser negro no Brasil. Considero pertinente incluí-lo nesta discussão.

Diz ele:

No caso do Brasil, a marca predominante é a ambivalência com que a sociedade branca dominante reage, quando o tema é a existência, no país, de um problema negro. Essa equivocação é, também, duplicidade e pode ser resumida no pensamento de autores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni, para quem, entre nós, feio não é ter preconceito de cor, mas manifestá-lo. Desse modo, toda discussão ou enfrentamento do problema torna-se uma situação escorregadia, sobretudo quando o problema social e moral é substituído por referências ao dicionário. Veja-se o tempo politicamente jogado fora nas discussões semânticas sobre o que é preconceito, discriminação, racismo e quejandos, com os inevitáveis apelos à comparação com os norte-americanos e europeus. Às vezes, até parece que o essencial é fugir à questão verdadeira: ser negro no Brasil o que é? Talvez seja esse um dos traços marcantes dessa problemática: a hipocrisia permanente, resultado de uma ordem racial cuja definição é, desde a base, viciada. Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambiguidade marca a convivência cotidiana, influi sobre

⁵³ No dia 7 de maio de 2000, Milton Santos publica no Jornal Folha de S. Paulo o texto “Ser negro no Brasil hoje”. Link: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/772221/mod_resource/content/1/Se.pdf

o debate acadêmico e o discurso individualmente repetido é, também, utilizado por governos, partidos e instituições. Tais refrãos cansativos tornam-se irritantes, sobretudo para os que nele se encontram como parte ativa, não apenas como testemunha. Há, sempre, o risco de cair na armadilha da emoção desbragada e não tratar do assunto de maneira adequada e sistêmica.

A aparição não só do negro, mas da discussão do que é ser negro no Brasil serve também, como vemos nos comentários deste relato, para a colocação de problemáticas que fogem do problema. O depoimento de Milton Santos nos dá essa outra perspectiva: a do mascaramento do racismo como forma de não manifestação do racismo, na tentativa de fuga do real problema: “ser negro no Brasil, o que é?”.

15. ACOMODAÇÕES

Júlia, definitivamente, não é mais uma garota anônima. Seu canal conta com milhões de visitas. Ela protagoniza campanhas organizadas pelo YouTube e viaja para outras partes do mundo, sendo convidada por empresas e instituições para participar de eventos. Após os primeiros vídeos, um estilo de edição foi definido e passou a ser visto em todos os vídeos publicados. O estilo pode ser descrito assim: segundos de gravação – vinheta – continuação do vídeo, acompanhado com uma música de fundo – corte para uma tela preta “sinalizando o término do vídeo”, acompanhado por outra música de fundo (mais lenta) e, finalmente, a continuação para o término.

A qualidade técnica da gravação dá nitidez à imagem de Júlia que continua como antes: sem usar maquiagem, sem penteado e sem roupas da moda. Júlia não segue uma ideia de beleza padrão e não corresponde a nenhum modelo estético a ser seguido. Ela ignora a imagem da mulher construída na mídia como fonte beleza e admiração – comum em propagandas, novelas e filmes de sucesso – reforçando, assim, outro tipo de modelo a ser seguido: o da mulher que explora sua própria personalidade, seus gostos, suas ideias e, de forma espirituosa, consegue nos mostrar outras maneiras de pensar a vida. É essa maneira própria de pensar a vida que ela observa, explora e compartilha. Júlia descobriu modelos e representações. Nos convida a participar de seus pensamentos mais banais que, de algum modo, podem se tornar reflexivos e oportunos, embora alguns também sejam desinteressantes e cansativos. Não poderia ser diferente.

Seu canal, com quase 500 vídeos⁵⁴, explora o que acontece em sua vida: no que há positivo, negativo, intenso e tedioso. Júlia nos lembra que, ao desfazermos de modelos e estereótipos, enriquecemos nosso potencial humano, acolhendo o que há de diferente e semelhante no outro, sem nos sujeitarmos a padrões fixos.

Neste último relato, Júlia está sentada numa cama que parece ser de hotel, com um interruptor do lado. Caio está atrás da câmera, interagindo com ela. Um pouco descabelada, como se estivesse acabado de acordar, ela nos olha como se estivéssemos julgando-a. Mas, na verdade, ela olha para Caio, que a julga: “você está feliz com sua... sua cara de maluca”?, diz ele. “Eu tou ... com cara de maluca?”, pergunta. “Não, tá tranquilo... Mas, tipo, você viu como você ta...”, Caio ri. “Deixa’eu vê...”. Corte para a vinheta.

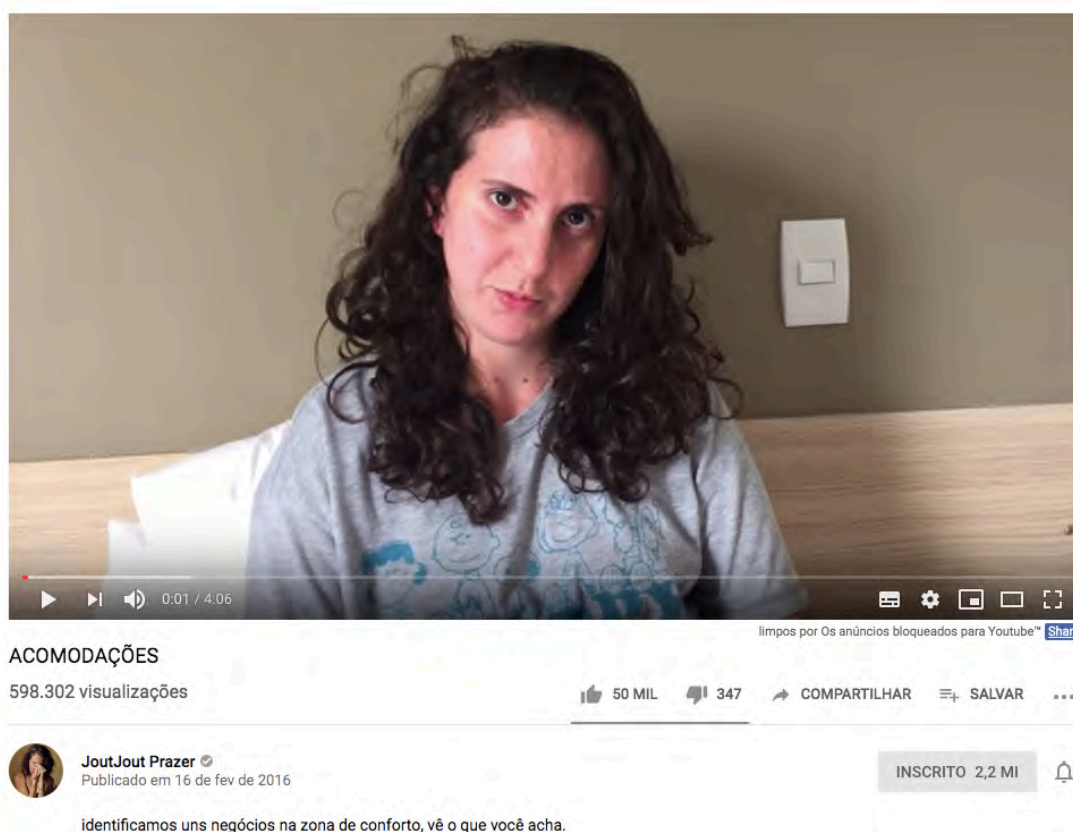


Imagem 15: Júlia olha para a câmera ou para Caio que comenta sobre sua expressão

Como se estivesse acabando de acordar, Júlia não esconde seu cansaço e não muda o cenário e sua aparência em razão da gravação. Ela prefere se manter natural e nos mostra uma crueza que não se vê comumente nas redes sociais, esse reino em que a alta exibição gera, frequentemente, uma falsa perfeição. Parece que Júlia quer nos mostrar o oposto,

⁵⁴ O canal contava com 497 vídeos quando foi observado, no dia 03 de julho de 2019.

uma tentativa de esboçar o real em si mesma, na arbitrariedade de suas escolhas e na naturalidade como se mostra em seus vlogs.

Rosenkranz associa a *cruenza* ao que é natural, à força da natureza. Aquilo que é cru anula a intervenção da superficialidade e se mostra como é. Nesse sentido, a externalização do que é natural é chamado como “inestético” e “apenas o humor pode torná-lo tolerável” (ROSENKRANZ, 2015, p.148, tradução nossa).

Há certo humor na forma como Júlia mostra a si mesma. Mas sinto que sua *cruenza* está relacionada à desconstrução da ideia de feminilidade como apropriação da perfeição e da beleza acima de outros valores. Júlia faz o inverso, nos apresenta a graciosidade e a sagacidade de sua visão de mundo em detrimento da beleza generalizada, banalizada e padronizada do feminino.

Neste ponto, acolho aquilo que Júlia expõe, considerando como autêntica sua própria visão e expressão de si. Toda existência constitui um fenômeno sublime por mais comum que seja, no sentido que qualquer existência carrega em si o que há de único e indiscernível (ROSENKRANZ, 2015). Júlia parece tentar retirar da banalidade do cotidiano seu caráter comum, ordinário para preenche-la com aquilo que há de único nela mesma, oferecendo a uma colossal audiência sua própria expressão pessoal.

Depois da vinheta⁵⁵, Júlia prossegue com a temática de seu vídeo.

Eu e Caio estávamos conversando outro dia sobre zona de conforto, a boa e velha zona de conforto. Aquela que não queremos estar em nenhum momento [abre os braços e olha para um ponto fixo ao fundo], porque o que nos foi passado é: a magia acontece fora da sua zona de conforto. Então tem que sair correndo da zona de conforto [estala os dedos e olha novamente para a câmera]. Aí estávamos conversando sobre isso./ Porque como era antes... / Eu ia pro trabalho, aí trabalhava, aí voltava pra casa [junta as duas palmas das mãos e coloca embaixo do queixo, movimentando as mãos e olhando para o fundo]/ Aí eu falei: vou começar um canal! Aí começa canal, faz vídeo pra canal, fica igual a uma enlouquecida... Sai da zona de conforto./ Aí, aconteceu um troço [aponta para a câmera] que a gente não sabe o que acontece geralmente que é: voltar pra zona de conforto, sem estar [fala lentamente] no que você achava que era a zona de conforto, né? [aponta para a câmera, duvidosa...] __ Voltar pra zona de conforto, tendo saído uma vez da zona de conforto. [a voz de Caio é ouvida de trás da câmera, ele ri depois.

__ Ou isso, diz Júlia.

__ Pra ficar mais ilustrativo, diz Caio, novamente de trás da câmera.

⁵⁵ Seguindo uma lógica de espontaneidade, muitas vezes os vloggers iniciam suas gravações comentando ou fazendo algo que não está relacionado propriamente ao tema dos vídeos. Geralmente, esses momentos de descontração aparecem no início do vídeo. Nos vídeos de Júlia, esses momentos geralmente ocorrem antes da vinheta.

__ O Caio é tão inteligente, eu tenho uma sorte tão grande..., diz Júlia colocando a mão no queixo e olhando de forma irônica para a câmera. Caio ri.

Cê fala: vai pro escritório trabalhar, vai ser meio que sair da minha nova zona de conforto. [Júlia arregala os olhos...], né? Olha que maluquice/ A gente, depois que sai da zona de conforto, a gente pode se acostumar com a magia... Então, olha que loucura [olha para o fundo como se estivesse raciocinando sobre o que fala...], a gente se distrai [estala os dedos e aponta com a mão, sem olhar para a câmera] e aí entrou já em outra zona de conforto [olha para a câmera]. E aí, no que você entrou em outra zona de conforto, você tem duas opções, aí: [mostra os dois dedos simbolizando “dois”]. Uma é falar “ai, meu deus, tou na zona de conforto de novo, não sabia que era possível, preciso me reinventar...” e aí, cê vai se reinventar... E, a outra opção é: continuar na sua zona de conforto.../ A gente fica nesse desespero de que não pode estar na zona de conforto, geração Y, agonia [mexe com as mãos e olha para um lado no fundo, ou seja, olha para algo ou nada que está ao lado, atrás da câmera e não vemos], precisamos salva o mundo e fazer coisas que significam.../ E aí, às vezes a gente esquece que tudo bem se você quiser ficar na sua zona de conforto.../ Caio é do partido: “tem que se reinventar sempre [bate as palmas das mãos] __ Não, tem que tá sempre com consciência das coisas, acho que é mais isso, diz Caio atrás da câmera. [Júlia entrefecha olhos e balança a cabeça de um lado a outro, em tom irônico]. Caio ri./

E aí a gente ficou discutindo isso, porque eu falei: mas qual é o problema de estar na zona de conforto? Que às vezes tudo bem. Porque o que a gente prega neste canal é: eu vou fazer o que eu bem entender... Porque a vida é minha, o corpo é meu, eu decido as minhas coisas... Cê decide as suas coisas, cada um decide as coisas da sua própria vida, e é isso aí... E aí, qual é a moral dessa história?... Nenhuma, né? [Caio ri] É só, tipo, um relato... [juntas as mãos] de duas pessoas que descobriram que, depois de uma zona de conforto, dá pra ter outra zona de conforto... e que essas outras várias zonas de conforto que você pode entrar na vida são ótimas também... tudo bem estar nelas. Mas se quiser sair delas, também ótimo, porque você vai descobrindo outras coisas, entrando em novas zonas de conforto. [Júlia olha para a câmera, com o aspecto feliz] Olha aí! Bom pensamento esse que a gente teve, né? __ Uhum, diz Caio./ Útil? Não sei... Mas assim, tem tanta coisa na internet que não é útil. Um exemplo disso é um vídeo que eu fiz sobre... [coça a cabeça, olha para um lado do fundo e volta o olhar para a câmera] Braços fortinhos... __ Muitas pessoas viram aquele vídeo, lembra Caio. Então foi útil para dar alegria à vida das pessoas, responde Júlia. [faz gestos de mastigação e depois ri]

Corte

Outra música acompanha o que seria o término do vídeo.

Tudo bem se você quiser ficar fazendo a mesma coisa que você faz o tempo todo pro resto da vida, porque você gosta de fazer isso. Você não precisa também... [levanta a voz] Não é obrigatório de um “xofem” de vinte e poucos anos ficar se reinventando o tempo inteiro... Nem de trinta, nem de quarenta, nem de cinquenta, [Caio ri], nem se sessenta, nem de setenta ou oitenta, ou noventa [levanta o dedo], cem também é possível... cento e dez já é mais complicado, mas estamos chegando lá. E um moço falou numa palestra que a gente viu na Flip que o sujeito que vai fazer 200 anos já nasceu; então, assim, imagina a quantidade de

vezes que essa pessoa vai ter que se reinventar... Não é mesmo? Olha a pressão aí.

Júlia nos conta que o vídeo “acomodações” foi pensado enquanto conversava com Caio, seu namorado e integrante do canal (Caio interage constantemente com Júlia, mesmo não aparecendo no vídeo). A imagem de Júlia, sentada na cama de um suposto hotel e aparentemente acordando, nos faz pensar que ela faz um jogo entre imagem e discurso: sem observar o discurso, estamos diante de uma figura acomodada, gozando de sua zona de conforto. Seu discurso, no entanto, nos propõe pensar sobre o significado da carga negativa usualmente atribuída ao que, geralmente, se entende por “zona de conforto”. Júlia dá exemplos e nos mostra que “zonas de conforto” ressurgem, mesmo que uma vez se tenha saído delas.

Júlia não narra histórias, ela nos descreve seus próprios pensamentos. Júlia pensa nos padrões e nos convida a desconstruí-los, retirando o peso de suas imposições. Para nos dar a ideia de seu cotidiano tal qual o é, a vlogger se mostra sem qualquer adereço ou outro atributo que seja. Ela nos dá a imagem crua de uma situação cotidiana sem nada de extraordinário. O que nos tira do campo realístico em que sua imagem se encontra são as variações artificiais do componente sonoro incluídos em seus vídeos. Os efeitos sonoros não variam, nem sequer acompanham a lógica emotiva de cada vídeo. Temas tristes e alegres são acompanhados com a mesma produção musical quase infantil.

Não podemos observar a criação própria de Júlia em seu canal, posto que não sabemos exatamente sobre as interferências de outras pessoas na produção técnica dos vídeos.

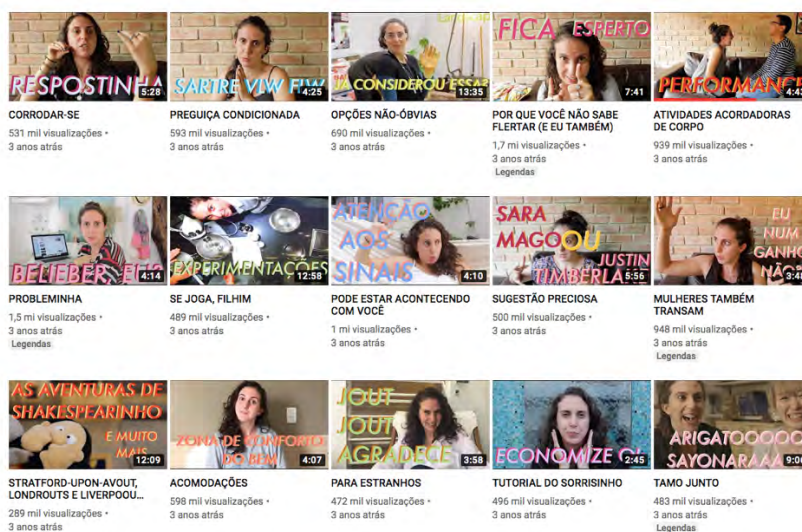


Imagem16: aspecto geral dos vídeos dispostos no canal “JoutJout Prazer”

Em pouco tempo, após as produções de seus primeiros vídeos, o canal “JoutJout Prazer” deixou de ser um canal amador para seguir um modelo de canal “profissional”⁵⁶ – acompanhado por letras garrafais não só nos títulos, mas em toda a interface do canal – acolhendo o formato poluído e colorido da maioria de canais “profissionais” da plataforma. Embora tenha mantido a simplicidade de sua aparência.

“Acomodações”⁵⁷ dura 4 minutos e 6 segundos. O vídeo foi visto mais de 500 mil vezes, sendo aprovado por 50 mil pessoas; 347 reprovaram. Nele, posso perceber com maior clareza a participação de Caio, que assiste a Júlia e a corrige em alguns momentos, dando uma impressão de que estamos, de fato, participando de uma conversa no vídeo, e não mais de um monólogo, em que Júlia conta diretamente seus problemas ou reflexões a um público desconhecido.

As reações de seus interespectadores foram breves:

Interespectador1: 'Qual é a moral dessa história? Nenhuma" KKKKKKKKK me amarro

Interespectador2: essa pressãozinha do mundo que devemos sempre nos reinventar: sinto sempre!

Interespectador3: Ain, que alívio! Cansa tanto reinventar-me tantas vezes. 'Tudo bem ficar na zona de conforto também.' <3 Jout Jout salvou meu banzo!

Interespectador4: Desde o primeiro vídeo do canal, nunca mudou, humildade sempre a mesma. Você é maravilhosa!!!

Interespectador5: Acho que a chave é se manter aberto a crescimento e a amadurecimento. Não tem nada de errado em ter fases estáveis, porque estabilidade (assim como instabilidade) também traz desafios, e com os desafios, vem mais maturidade. Desde que você respeite o próximo, faz o que tiver afim. ;)

Interespectador6: Ja pensou em ser psicóloga? Muito gostoso te ouvir e rir das suas coisas. Melhor q muito canal de humor forçado!

Interespectador7: Jout Jout já disse e vou falar de novo: tá muuito difícil gravar vídeos sem incorporar seu jeito de falar! Toda hora regravado pra soar mais como "eu" maushuamauh mega influenciada! Tendo que me reinventar diariamente! <3

⁵⁶ Apesar de o YouTube remunerar canais com muitas visualizações e de conteúdo com autoria própria, chamo de canal “profissional” aquele cujo objetivo é tratar de um certo tipo de conteúdo sem abordar a vida cotidiana de seus criadores. Geralmente esses canais seguem o modelo de programas de TV e já surgem com alta qualidade técnica, com produção e apoio de profissionais do audiovisual.

⁵⁷ Vídeo observado no dia 4 de julho de 2019.

Interespectador8: NÃO É OBRIGATÓRIO UMA PESSOA SE REINVENTAR O TEMPO TODO!!! Amei essa sua colocação! Somos constantemente cobrados a nos reinventar, aprimorar, enriquecer, ficar sempre jovens, magros, etc... aff :/

Interespectador9: que relação maravilhosa de vcs em que o precisamos conversar é sobre filosofia e não DR, ciuquinho, onde vc tava.
muito carinho aos dois :D

Interespectador10: o melhor vídeo até agora, Jout.
praticamente um alter ego expressando e refletindo por mim!

Interespectador11: Seus vídeos sempre me fazem tão bem! me aliviam dos meus problemas de ansiedades, obrigada Júlia <3

Interespectador12: adorei olhar a zona de conforto por outra perspectiva
hahahahah Jout Jout sempre com suas filosofias alternativas ❤️

Interespectador13: Ela entra numas ondas filosóficas que eu nunca tenho coragem de compartilhar com ninguém HAHAHAHAHHA

Interespectador14: Adorei a reflexão, Jout, mas tô com o Caio nessa. rs
Sair da zona de conforto não é um movimento horizontal, a gente se reinventa pra poder escalar. Cada novo vídeo seu já é uma pequena forma de reinvenção da sua percepção de mundo compartilhada conosco. =x =)

Interespectador15: pois é. Sempre caímos na rotina sem perceber. Começamos o canal meio como uma nova experiência mesma. Fugir da comodidade as vezes é bom, mas tem horas que só curtir essa comodidade é tão bom quanto.
Muito bom vídeo

Interespectador16: Estou assim mas quero ficar me reinventando TODA HORA!
:/
Ah, Jout Jout!

Interespectador17: Menos cobranças e mais vivências!!! Nessa saga de se reinventar sempre deixamos de lado detalhes muito importantes!

Interespectador18: na real, você ajuda a me entender MUITO!

Interespectador19: Jout jout saiu de sua zona de conforto, saiu do cenário de parede de tijolinhos e foi para a cama!!!

Interespectador20: Geração Y - a geração do DESconforto

Interespectador21: Aquele videozinho que tira as neuras que as pessoas colocam na sua cabeça. Thanks Jout.

16. Algumas considerações

“O acontecimento que o nascimento da estética moderna acompanha é a irrupção do individualismo no mundo ocidental” (FERRY, 2012, p. 16). A citação que incluímos no início do tópico 9 parece bastante clara, mas mesmo nela podemos sobrepor nosso juízo de valor e entendê-la simplesmente como uma observação que constata a imposição do “Eu”, do “auto” (*self?*) em qualquer produção, seja ela artística ou não. No entanto, há outro modo de considerar o individualismo que se percebe nessas criações, entendendo que ele não se resume a uma ação impositiva do “Eu”, mas que ele se utiliza do “Eu” para chegar mais facilmente ao Outro.

É o segundo modo de pensar o individualismo que encontramos nos dez vídeos observados nesta dissertação. O que não descarta a intenção da primeira noção de individualismo nas outras centenas de vídeos que não couberam em nossa pesquisa. Os dois sujeitos que escrutinamos iniciam seus canais no YouTube com vídeos estritamente caseiros, narram suas vidas ou descrevem seus sentimentos sem ocultar causos constrangedores, nem omitir falhas, erros ou fracassos. É possível ainda que tenhamos nos deparado com criações e recriações e não, necessariamente, casos espontâneos e reais. E mesmo as falhas possam ter sido propositais, as vestimentas e os cenários talvez tenham sido escolhidos para causar uma impressão de espanto, intimidade ou desconforto. Considerando ainda que os vloggers possam ter, de antemão, planejado e projetado seus vídeos a fim de alcançarem fama e prestígio nas redes, não deixa de parecer original e autêntico o modo como cada um desses sujeitos se comporta e se exhibe diante de uma câmera.

Whindersson e Júlia se utilizam de uma ideia própria de estética em suas aparições. Cada um, a seu modo e no seu ritmo, prefere mostrar o que parece ser o pior de si. Aos poucos, o que existe de pior começa a se dissolver, ao passo que acolhemos suas fragilidades e nos incluímos nas situações descritas e compartilhadas. Neste ponto, já não nos questionamos se o que vemos é real, porque um efeito de realidade já atravessa nossas retinas e nossos sentidos. Podemos assumir, inclusive, que essa realidade mostrada é mais “verdadeira” do que qualquer outra, posto que estamos, finalmente, diante de dois sujeitos que exploram suas qualidades menos invejáveis, quando o fato comum era ver a exibição gratuita de conquistas ou situações tidas como impressionantes pelos sujeitos na internet.

Os vlogs de Whindersson e Júlia não mencionam episódios impressionantes. Suas histórias poderiam ser contadas por qualquer pessoa, em qualquer lugar. Eles se desdobram em observar suas vidas, o dia a dia, tudo aquilo o que compõe o imediato de suas existências e se expressam por meio dos erros.

O ato falho aqui, ao contrário daquele descrito por Freud (2010) em seus textos, não é uma sutileza, não é um ato inconsciente que se apresenta como uma falha para ocultar um desejo interior. O ato falho dos vloggers aqui observados se apresenta como intencional e compõe boa parte dos vídeos, sendo muitas vezes mostrado inicialmente para dar a impressão de embaraço real.

No entanto, não é só o erro que nos aproxima dos vloggers. Usamos muitas vezes neste texto as palavras “parecer” e “aparência”. Além de narrativas e descrições, observamos imagens. Imagens flutuantes e fixas. Essas imagens nos aproximam daquilo que é comum em nós mesmos, nos levam a outros encontros, nos resgatam mitos e estereótipos. Essas imagens são profundidade. Diz Blanchot (apud NANCY, 2017, p. 65): “A profundidade não é senão a aparência que escapa”. A significação que damos a essas imagens nos leva a pensar em nosso próprio mundo. A aparência que escapa é o deslocamento provocado pelo fascínio da imagem que nos toca. Essa imagem não é mais superfície, ela cria mundos, nos golpeia com sua aparente condição fantasmática.

Mesmo quando uma imagem nos mostra a presença simplória de uma juventude dilemática, somos conduzidos por um prazer subconsciente que nos conecta com nossa própria contemporaneidade. Whindersson e Júlia nos coloca diante de problemas e situações que detalham o sentimento contemporâneo que se estende nas redes sociais da internet. O público que os acompanha, de certa forma, projeta nesses vloggers o sentido de presença e presente, como uma noção fantasmática do tempo em que vivem.

A imagem de Whindersson e de Júlia resgata ainda a concepção de humildade que acompanha o imaginário coletivo dos interespectadores de seus canais. A humildade não está ligada ao que se conta, mas ao que se vê. A imagem que vemos nos põe diante de uma ideia de humildade. Ser humilde talvez seja valorizar aquilo que faz parte e acompanha a vida das pessoas que vivem de “menos”: menos ostentação, menos formalidades, menos ou nenhuma exibição de lugares turísticos, menos louvação da aparência física, menos informação ou conteúdo prático em geral. Whindersson e Júlia vivem de “menos” em seus vlogs. Mesmo assim conseguem incluir o que há de “mais” na negação e na falta daquilo que poderia levá-los ao abismo do desinteresse. A humildade se configura aqui como uma espécie de categoria estética que reconhece nessa

negação um ato de igualdade e, ainda, uma tentativa de sobreposição do Outro em relação ao “Eu”; mesmo que, em todos os momentos que constituem o vídeo, os sujeitos só falem de si.

Consideramos também o que *Ciro Marcondes* nos coloca quando diz:

A alteridade engloba, assim, plenamente o Outro. Nos ambientes virtuais e de comunicação eletrônica não existe a forma presencial do outro, mas a virtualidade do Outro, e essa pode me proporcionar condições de comunicabilidade que encontro normalmente no presencial e na comunicação irradiada. Essas circunstâncias, não obstante, facilitam enormemente a camuflagem de si mesmo, apresentando-se como alteridade. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 20)

Observamos, assim, que, nos vlogs do YouTube, não há necessariamente um entendimento completo do outro na criação dos vídeos. O outro é absorvido em sua qualidade de coisa, enquanto alguém que olha sem ser visto e existe apenas como algo figurado. A alteridade, numa perspectiva do sujeito que aparece, se estabelece e se configura como uma tentativa de aproximação com esse outro que não aparece, mas que é pré-figurado e assimilado enquanto um “duplo” Eu ou um “outro” Eu.

Nessa assimilação, percebemos que a comunicação sensível pode surgir, posto que há um espaço para uma relação afetiva com o sujeito que compartilha não só uma parte de seu cotidiano, mas sua própria personalidade, suas expressões, suas histórias e criações, seus momentos de desabafo, seus pensamentos aleatórios e ideias. Nessa relação afetiva com o vlogger que se apresenta a nós, podemos sentir que há algo nesse sujeito que nos aproxima dele, essa aproximação é puramente virtual, mas ainda assim uma aproximação que se estabelece a partir do reconhecimento e da aceitação desse sujeito, enquanto alguém verdadeiro e humilde.

Nesse sentido, pensando em um ambiente em que a comunicação sensível pode surgir, encontramos também um espaço para a articulação de encontros e conflitos de realidades. Os vloggers que observamos não são artistas, não produzem arte na concepção plena do termo, mas produzem a partir de suas próprias expressões e realidades um outro tipo de fazer poético. Esse outro tipo de fazer poético suscita prazer naquele que o presencia. Um prazer que não se assemelha, portanto, àquele que sentimos ao presenciar uma produção artística, mas um prazer que se aproxima daquele que sentimos no encontro, na participação da vida de alguém, um prazer que só é plenamente sentido

quando um objeto de arte, uma produção ou qualquer coisa provoca nosso afeto, nos faz pensar e agir.

Os vlogs não são práticas passivas. Bredenkamp (2015) observa que Lacan em seu seminário de 1964 abordou a problemática entre obra de arte como prática ativa e coisas do mundo enquanto objetos indiferentes, para dizer que as coisas que existem não são passivas, mas suscitam o olhar de quem as observa. Assim como existem obras de arte que não suscitam uma impressão ativa em quem as observa. Em seu seminário Lacan compreende que não olhamos, mas somos olhados no espetáculo do mundo.

Do mesmo modo, reconheço nas práticas dos vloggers do YouTube o componente ativo de que fala Lacan em seu seminário, relatado por Bredenkamp (2015). As práticas ativas dos vloggers se alinham ainda às pequenas coisas do cotidiano. Esses sujeitos performáticos observam e compartilham cenas que compõem pequenos eventos de suas vidas e os transformam em relatos em forma de vídeo. São essas coisas absolutamente humanas e comuns que, no fundo, parecem importar.

A sensação de prazer ao ver, ouvir e participar de vlogs que contam e mostram detalhes do cotidiano de sujeitos anônimos pode ser equivalente, inclusive, ao que nos diz Proust ao descrever as telas de Chardin que mostram afazeres e cenas cotidianas como: a reza antes do jantar, o gato que ataca os frutos do mar na cozinha ou mulheres que cozem numa sala.

Diz Proust:

O prazer que você tem nessa pintura de uma sala onde alguém está costurando ou de uma dispensa, uma cozinha, um guarda-louça é o mesmo prazer apreendido, destacado do momento, aprofundado, eternalizado que ele (Chardin) teve, enquanto via um guarda-louça, uma cozinha, uma dispensa ou uma sala onde alguém estava costurando. Os dois (prazeres) são tão inseparáveis como se ele (Chardin) fosse incapaz de satisfazer-se somente com o prazer inicial, naquilo que ele viu e desejou em dar a si mesmo e a outros, ou com o segundo tipo. Você não consegue ficar satisfeito com o segundo apenas e, inevitavelmente, irá retornar ao primeiro... O sentimento de prazer já está com você inconscientemente à vista de uma humilde existência. De outra forma, esse prazer não seria notado dentro de você, no entanto Chardin com sua brilhante e convincente linguagem teve êxito ao convocá-lo. (PROUST, 2017, p. 13, tradução nossa)

As cenas banais que Chardin pinta, nos diz Proust, trazem vida às telas de natureza morta. São esses detalhes íntimos da vida que dão profundidade e grandeza à obra do pintor francês. Podemos dizer o mesmo em relação aos vloggers que, de forma expressiva e performática se utilizam da estética do cotidiano em seus vídeos. Sentimos prazer em

assisti-los por estarmos diante de presenças que nos convocam a olhar para o caráter íntimo e confortante daquilo que é banal que, de tão medíocre, é desconsiderado, descartado, tomado como insignificante. O cotidiano representado é como a tela de Chardin, em um primeiro momento, ficamos anestesiados por sua qualidade de presença imediata e aspecto de trivialidade inerente, só depois é que reconhecemos nas atividades caseiras e no rosto puro a leveza e a beleza do ato em si. Chardin viu beleza nas cenas representadas e há beleza nos vlogs vistos, para além do julgamento fatídico da intencionalidade que o ato de registrar esses relatos pode haver na plataforma YouTube.

A verdade que os vloggers imprimem em seus vídeos não se relaciona com a categoria estética de belo em si. Não há beleza representada. É a verdade travestida em realidade que é bela. A beleza dos vlogs de Whindersson e Júlia Faria encontra seu sentido no real que é mostrado. Neste ponto, considero que os vloggers observados realçam o caráter depreciativo de si próprios, e daquilo que há de depreciativo em ser mostrado, desconstruindo a categoria estética do belo padronizado e de tudo o que ele representa como sendo falso; ao mesmo tempo em que, tomam como verdadeiro e real aquilo que é, de algum modo, modesto, pouco apreciado, obscuro e triste.

A realidade, pensada do ponto de vista estético, não é bela; seja em sua forma de discurso, como vemos nos relatos de JoutJout, ou imagem, como vemos em Whindersson Nunes. O que há de íntimo em seus vídeos não intimida, ao contrário, somos instigados a participar de suas discussões. De espectadores, passamos a ser interespectadores. E o que havia de estranho se transforma em familiar. Júlia se refere aos seus seguidores como “família”. Uma família de estranhos, é certo, mas participe de um espaço que se pretende ser de acolhimento.

Nesta perspectiva, sentimos que há uma comunicação possível na relação entre vloggers e interespectadores no YouTube. Uma comunicação que é construída pela desconstrução da ideia convencional de beleza, relacionada, ao mesmo tempo, a uma noção de verdade e realidade essenciais a uma criação poética. O cotidiano não poderia ser outra coisa que não palco dessas visibilidades insurgentes, visto que só podemos experienciar aquilo que vivemos e tocamos. A visibilidade e a tatilidade estão completamente imbricadas nessa experiência e o que se presencia no dia a dia é o que há de mais próximo e contemporâneo entre os sujeitos de um tempo. Vemos e sentimos esse tempo como um espaço de potência que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- AMIEL, Henri-Frédéric. **Diário íntimo**. Rio de Janeiro: Editora Globo S. A, 1968.
- ARISTÓTELES. **Poéticas**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini – São Paulo: EDIPRO, 2011.
- BACHELARD, Gastón. **A intuição do instante**. Campinas, SP: Verus, Editora, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva: 2003.
- BARTHES, Roland. **O neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BREDEKAMP, Horst. **Teoria do acto icônico**. Lisboa: KKYM, 2015.
- BONTEMS, Vicent. **Bachelard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YOUTUBE – Digital Media and Society Series**. Cambridge: Polity Press, 2009.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.
- CONNOR, Steven; Trotter, David. **Cultural Phenomenology**. Vol. 42, n. 1. Oxford: Spring, 2000.
- CORNELL, Drucilla et al. **Debates feministas: um intercâmbio filosófico**. São Paulo: editora Unesp, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FARBER, Marvin. **The aims of phenomenology – the motives, methods, and impact of Husserl’s thought**. New York: Harper Torchbooks, 1966.
- FERRARA, Lucrécia. **Comunicações, Mediações, Interações**. São Paulo: Paulus, 2015.
- FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: a invenção do gosto na era democrática**. Lisboa: Edições 70, 2012.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FROSH, Paul. **The Poetics of Digital Media**. Medford, MA: Polity Press, 2019.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HOMBERGER, Eric. **The art of the Real**. London: Everyman`s University Library, 1977.
- HUXLEY, Aldous. **O Gênio e a Deusa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- KERCKHOVE, Derrick. **A Pele da Cultura – Investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.
- KIRCHMAYR, Raoul. **O reino das sombras. Arte e espectralidade na estética de Hegel**. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/farol/article/viewFile/17078/11724>> Periódicos UFES, 2017.
- LAUER, Quentin. **Phenomenology: Its Genesis and Prospect**. University Press, New York, 1958.
- LAPLANTINE, François. **De tout petits liens**. Paris: Mille et une nuits, 2003.

- LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life**. London: Bloomsbury Academic, 2016.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª edição, São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri – SP: Manole, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio d Razão Durante – O círculo cibernético: o observador e a subjetividade**. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. **O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica**. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **Superciber: A civilização místico-tecnológica do século 21**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Das coisas que nos fazem pensar: o debate sobre a nova teoria da comunicação**. São Paulo: Ideais & Letras, 2014.
- MARSCIANI, Francesco. **Subjetividade e intersubjetividade entre semiótica e fenomenologia**. São Paulo: Galáxia Online. N. 28, p. 10-19, dez. 2014.
- MARTINS, Francisco; SILVA, Juremir. **Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- MENDONÇA, Carlos Magno Camargo; CARDOSO FILHO, Jorge; DUARTE, Eduardo. **Comunicação e sensibilidade – Pistas metodológicas**. PPGCOM UFMG, 2016.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- NANCY, Jean-Luc. **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NICÉIAS, Carlos Augusto. **O amor de si**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PENNA, Carla; GARCIA, Cláudia Amorim. **Reflexões em torno do conceito de inconsciente social**. Revista Subjetividades, vol. 15, p. 46-56, 2015. Disponível em:

< <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4518/3646> >

PROUST, Marcel. **Chardin and Rembrandt**. David Zwirner Books, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2015.

SHAVIRO, Steven. **Without Criteria – Kant, Whitehead, Deleuze and Aesthetics**. Massachusetts: The MIT Press, 2009.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação – criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SIBILIA, Paula. **O show do eu – a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2006.

STRANGELOVE, Michael. **Watching YouTube – extraordinary videos by ordinary people**. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

WOLFE, Kristin. **Blogging: How our private thoughts went publics**. London: Lexington Books, 2014.

